

A romantic couple in formal attire embracing, with a city skyline and water in the background. The man is on the left, wearing a dark suit and a light-colored bow tie, leaning towards the woman on the right. The woman has long, wavy brown hair and is wearing a light-colored, possibly white, dress. They are both looking down at each other with soft expressions. The background features a city skyline across a body of water, with the sun setting or rising, creating a warm, golden glow. The overall mood is intimate and romantic.

Para Ela,
COM AMOR

ANDREIA NASCIMENTO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Para Ella, com Amor.

Andreia Nascimento.

2016.

Dedicado a LÍvia, com amor.

Por me motivar a viver.

1.

Nicholas

Vê—la correndo assim me lembra de quanto ela é uma pessoa leve. Não por causa do peso do seu pequeno corpo, mas por ser uma pessoa que não deixa nada lhe abater.

— Você me ama! – ela dança entre as árvores, na verdade ela saltita entre as árvores dando uma volta de 360 graus em volta de cada uma – agora grite! – Eu a olho sem entender andando com mais um pouco de pressa para acompanhá-la – grite para que todos aqui escutem.

— Acho que não precisa – digo, Ella tinha esse costume de fazer de tudo uma grande coisa, eu deveria ter dito que a amava em um quarto – Não me faça fazer isso.

Ela para séria faz cara de irritada e volta a costurar as árvores.

— Grite para mim, então. – me jogando um sorriso cheio de malícia eu não suporto e resolvo gritar.

— Eu te amo! – grito tão alto que as pessoas me olham assustadas.

— Outra vez. – Ella diz para mim ainda mais distante de onde estou.

— Eu te amo! – Coloco todo o ar do meu pulmão e isso faz minhas cordas vocais arderem.

— Só mais uma vez. – Aquilo parecia bom para ela.

— Eu te amo, Ella. – Vindo em minha direção ela pula em cima de mim abraçando minha cintura com suas pernas.

— Eu também te amo – ela olha para minha alma e suas palavras fazem eu me sentir o homem mais sortudo do mundo.

O toque do despertador faz com que eu abra os olhos, vendo que é hora de ir trabalhar. Esse sonho se repete tantas vezes que eu esqueço que não foi real. Mas é como eu imagino que teria sido se eu tivesse ido lá, ou se ela tivesse ido onde eu estava. Eu realmente estava pronto para dizer que a amava e dar um passo à frente no nosso relacionamento.

Tem uns quatro anos, tempo suficiente para que, supostamente, superasse isso, mas não superei. E isso é um inferno. Conheci algumas mulheres, dormi com outras. Mas elas não eram Ella.

Recebo uma mensagem da minha mãe me pedindo para passar lá para um café rápido antes de ir para a agência, olho no relógio e vejo que ainda há um pouco de tempo.

Ligo o som do carro no noticiário e fico ouvindo a ladainha que o radialista fala, realmente o país está fodido e não há muito o que se fazer, temos que superar e viver com isso. Depois do longo caminho, estaciono na rua em frente à casa da minha mãe, aceno para a vizinha que está na porta dela e entro.

— Bom dia, filho. – minha mãe vem até mim, me abraçando e me entregando uma xícara

de café preto – Chamei você aqui para dar uma notícia nada agradável.

Tiro meus óculos escuros e coloco a xícara em cima da mesa. Não sei se gosto do tom de voz da minha mãe e ela me olha algumas vezes e desvia o olhar. Sou mais alto que ela uns 30 centímetros, ela tem os cabelos tingidos de loiro para disfarçar os brancos, assim ela me disse uma vez. Mas não parece tão velha quanto deveria parecer uma mulher de 50 anos.

— Diga mãe. – digo, me aproximando e cruzando os braços na frente do corpo.

— A mãe de Gabi morreu. – ela diz e eu continuo parado, olhando-a. – ela foi atropelada. Enquanto atravessava a rua, um ônibus a atingiu.

Fico parado e tomo um gole do meu café, não ia criar nenhum tipo de expectativa em cima daquela informação.

— Era só isso mãe? – Pergunto, ainda sem saber o que exatamente ela esperava que eu fizesse.

— Não, filho... – ela dá outra respirada e fecha os olhos. – Gabi, o pai e a irmã dela estão voltando para cidade, precisamente voltando para a casa antiga.

Vou até o armário e acerto um soco que faz uma zoada estrondosa e meu pai vem até a cozinha assustado, encaro a figura careca e barrigudo a minha frente.

— Vejo que sabe que Gabi está voltando. – ele diz, vindo até onde estou. – Espero que possa guardar essa raiva para você, ela passou por um momento difícil e você terá que ser gentil.

Minha mãe vem em minha direção, me abraçando e se agarrando ao meu tronco. Levanto os braços, eu não quero abraço, eu não quero conforto, eu não quero Ela aqui de volta, não depois que eu superei tudo. Eu me droguei, eu me embriaguei e agora que superei toda essa porra ela volta para cá? O inferno que vou ser legal.

— Não prometo nada. – digo, afastando minha mãe com cuidado. – Mãe, não preciso de abraço. – ela me olha assustada, sim fui de um cara certinho a um escroto em questões de anos, minha mãe odeia essa versão de mim. Mas culpe Gabriela por isso. Eu a culpo por isso, e sempre vou culpar. – Eu já vou, apenas me diga quando eles chegam para eu não vir aqui.

— Eles já estão aí. – meu pai fala, apontando na direção da casa. Pressiono minhas têmporas com os indicadores, mas que inferno é isso, essa droga tem que ser um sonho. – Nicholas, só tenha calma.

Apenas me viro e saio. Não olho para o lado, entro em meu carro e sigo para o trabalho.

Eu tinha que trabalhar numa nova campanha na empresa, da qual me tornei sócio há pouco tempo. Essa campanha pode nos levar ao topo das agências. Somos quatro sócios e amigos de infância também.

Chegando em minha sala, começo a dar uma olhada nas novas pesquisas de mercado. Na verdade, vou fazer isso o dia todo. Pedi à recepcionista para trazer café até minha sala. Divido essa sala com os outros três, mas não sei porque diabos eles não estão aqui, então vou cuidar da minha vida.

— Amélia? – Digo, ligando para o telefone da recepção. – Traga o café que só minha

Amélia sabe fazer, por favor.

— Deixa comigo, Nick. — ela diz, sorrindo.

Amélia me trata assim desde que vim trabalhar aqui, desde que era apenas um funcionário. Ela é casada e os filhos dela, que também fazem publicidade, estagiam por aqui.

Vejo—a vindo pela porta de vidro e já sorrio para ela.

— Assim você vai me acostumar mal. — Digo e ela coloca a caneca em minha mesa. — Onde irei encontrar uma mulher assim?

— Em muitos lugares — ela diz, já saindo.

Volto ao meu trabalho e tento sufocar a raiva que está me incomodando. Eu preciso ir para academia, essa raiva não vai passar até que eu bata em um saco até não poder mais.

Gabriela

Penduro o último quadro na sala e não posso deixar de notar minha aliança dourada na mão direita. Suspiro ao lembrar tudo que essa cidade me traz. Boas e más lembranças. Mas foi a melhor decisão, minha irmã precisa de uma quase mãe e essa é minha tia, Violeta.

Sinto meu celular vibrar no bolso e quando pego, vejo o nome que está aparecendo no visor e meu coração não pula, minhas pernas não bambeiam e não sinto meu corpo todo arrepiar.

— Oi, amor. — digo para meu noivo. — Acabei de pendurar o último quadro.

— Como vocês estão? — ele fala do outro lado do telefone.

— Bem, eu acho. — não quero que ele venha me ver, não por enquanto. — Amor? Posso te ligar mais tarde?

— Claro... — eu desligo antes que ele possa dizer qualquer coisa.

Sento— me calmamente no sofá da sala e encaro as fotos. Minha mãe não era a melhor pessoa do mundo, mas ela sempre olhou por mim. Tem mais de seis meses que ela morreu e ainda é estranho saber que ela não está aqui para reclamar de tudo.

Ligo o notebook para começar a enviar currículos antes que meu pai e minha irmã voltem.

Não quero que eles me atrapalhem. Meu pai é um *superpai*, sempre foi. Desde pequena eu sempre fui muito ligada a ele. De uma forma que eu não era à minha mãe. Às vezes, penso que o amo mais do que já a amei, parece algo mórbido de se falar por ela ter morrido, mas é assim que me sinto.

Procuro os classificados online e preencho ao menos dozes formulários. Algo vai ter que surgir.

Depois disso, começo a pesquisar o qual será a tendência de cores para interiores de casa. Acho que deveria ir à uma gráfica fazer um cartão de visitas e distribuir para os vizinhos. Aqui é um bairro de classe média, não mataria conseguir uma reforma com um preço camarada para ajudar a filha mais velha que ficou órfã de mãe por conta de um trágico acidente, não faria mão a ninguém.

Não, meus planos não são morar aqui por muito tempo. Como meu casamento está quase

marcado, terei que engolir minhas vontades e morar com meu marido quando me casar... Se eu casar.

Não queria, me sinto sufocada desde que aceitei aquele pedido, mas também só aceitei por conta da minha mãe dizendo que Eric era o melhor para mim. O que ela sabia? Nada! Há muito tempo não me sinto bem perto dele. E agora ele botou na cabeça que quer filhos, eu tive que mandá-lo parar para pensar no que estava me pedindo. Eu tenho 22 anos, estou pronta para uma carreira, não para filhos. Ele deveria ser classificado como louco só por ter mencionado isso.

Vejo a porta se abrir e Maria entrar correndo. Minha irmã mais nova tem dez anos, ela está naquela fase chata, onde tudo que ela quer é ser cor de rosa, e isso inclui usar meus batons e maquiagens escondidas. Eu não sei mais o que fazer. Ela vem saltitando e seu cabelo pula junto. Diferente de mim, ela tem o cabelo cortado em um *long bob*, ela gosta de cabelo curto, já eu, prefiro os meus longos o suficiente para não serem curto, eles estão abaixo dos ombros e são negros como a escuridão, igual aos meus olhos. Minha pele é clara como a neve. Sim um contraste infinito.

— Gabi. – Maria se joga em cima de mim antes que eu feche o notebook que estava em meu colo. – Encontramos a escola perfeita, você vai amar.

Ela diz, cantando em um falsete bem afinado. Ela está na fase música clássica. Se é que isso é uma fase, se não, ela é uma criança muito diferente.

— Que bom, Mari. – digo, olhando para meu pai. – Era minha antiga escola?

— Sim. – ele fala, se jogando no sofá à minha frente. – Ainda está lá, boa como sempre.

— Eu vou ajudar o senhor a pagar. – digo, ficando em pé e sentando ao lado dele. – Não se preocupe com isso, tenho um dinheiro guardado.

— Não preciso, Gabi. – ele fala, olhando para minha irmã dando piruetas pela a sala – Apenas me ajude com ela, vou voltar para empresa agora.

O abraço e ele sai. Fico observando minha irmã feliz. Ela chorou um pouco quando nossa mãe morreu, mas agora parece ter superado. Ela é esse tipo de pessoa, não se apega a nada.

— Vou tomar um banho e vou a uma gráfica. – digo, indo para meu quarto. – Você quer ir?

— Sim. – ela solta outro falsete, me fazendo rir.

Tomo um banho rápido e me jogo nos meus jeans que o Eric odeia. Para ele, mulher tem que andar de vestido. Pura idiotice. Acho que não sou apaixonada por ele.

Passo pela sala e chamo Maria para irmos logo. Pego o antigo carro da minha mãe e vamos.

Ela traz o próprio *pen drive* e, para minha surpresa, ela não só canta, como ouve música clássica também.

— O que você pode me falar sobre essas músicas? – digo depois que saímos da garagem.

— Não há nada para falar. – ela fala como se regesse uma orquestra. – Só sentir, essa música toca a alma e alivia o coração.

A olho de soslaio e fico calada, deixando me envolver na sinfonia que dominava o carro.

Ela era estranha e tinha razão, a música falava profundamente com você.

Estaciono em frente a uma gráfica e vamos direto atrás de um designer.

Digo o que quero e ele executa a arte, pede para eu voltar em uma hora para pegar os cartões. Lembro que tem um café aqui em frente e resolvo ir fazer um lanche com Maria, que topa na hora.

— O que vai querer? – pergunto e ela logo está no balcão onde estão as sobremesas geladas.

— Salada de fruta. – Eu a olho, esperando ela dizer que está brincando, mas ela não está.

Pegamos a saladinha para ela e um café expresso para mim e nos sentamos em uma mesa quase na entrada da cafeteria. Coloco minha bolsa pendurada na cadeira em que estou sentada. Quando me viro para Maria, sinto uma tombada em minha xícara de café, me fazendo tomar um banho, me levantando em um susto com o café quente sobre minhas pernas, já cegada cega pela raiva — Que inferno! – grito, vendo apenas os pés do inconsequente. – Seu estúpido, você está cego?

A pessoa não se mexe, não me ajuda e Maria ri para ele. Que loucura! Por que ela ri para ele?

— Nick. – ela fala, pulando em cima dele.

Olho para a figura musculosa e muito diferente do que me lembro. Seus cabelos ainda tinham o mesmo penteado para cima, seus pequenos olhos castanhos me encaravam e eu não esperava ver Nick assim, tão rápido, muito menos que ele me banhasse de café.

— Ella. – ele diz, nervoso. – Quer dizer, Gabriela. Desculpa.

Não respondo. Estou com muita raiva.

— Vamos até meu apartamento. – ele fala e eu apenas não consigo encará-lo – Não foi intencional, pode ter certeza.

— Finja que é verdade... – digo, provocando – Que eu finjo que acredito.

Ele aponta para a saída e Maria ainda segura sua mão, ela sempre foi louca por Nick e ele sempre fez todas as vontades dela.

Subimos dois lances de escada e ele abre a porta para entrarmos. Acho que esse apartamento precisa de reforma. Seria um bom cliente.

— Então, – ele diz, apontando para uma porta. – acho que tenho uma blusa aqui que cabe em você.

Eu não posso acreditar que estou ouvindo isso.

— Obrigada. – digo, analisando o tamanho da mancha de café. – Mas não quero as blusas das suas conquistas.

Ele vai até onde acho ser o quarto e volta com minha blusa preferida, e eu fico séria. Minhas pernas tremem, meu coração acelera e não há um cabelo que não ficou em pé. Eu o odeio por isso. Eu não quero me sentir assim, eu e Nick acabamos há muito tempo atrás.

— Está limpa. – sinto — me envergonhada e pego a blusa, Maria já está vendo TV.

Eu o odeio por isso! Porque ele fez isso? Guardou essa blusa por tanto tempo.

Coloco a blusa que tem a estampa do *Superman* na frente e sorrio feito uma idiota. Ele me deu essa blusa quando fizemos maratona de *smallville*, muito tempo atrás. Mas eu nunca levei comigo. Quando volto para a sala, Maria está deitada em seu colo, dormindo. Ele se levanta devagar, me acompanhando de volta para a cozinha.

— Acho que você terá que esperá-la acordar. – ele diz sussurrando – Vem, vou te preparar um café.

Bufo de raiva. Não é justo. Não é justo. Não é justo.

Nicholas

Maldita hora para meu vício em cafeína me trair. Sim, eu bebo bastante café, pois minha profissão requer atenção e inovação em tudo e ele me deixa acordado, sendo meu melhor amigo desde que comecei a trabalhar.

Coloco o café no filtro da cafeteira e volto para encarar Ella. Inferno, não posso chamá-la assim, isso foram outros tempos. Eu ainda a culpo, mas não posso ignorar que lhe dei um banho de café. Cruzo os braços na frente do corpo para mostrar indiferença.

Ela está olhando para cada canto do meu apartamento, mania de decoradora.

— Está pensando no que fazer para melhorar a aparência? – digo e ela sorri.

— Só um pouco – ela diz ainda analisando o espaço. – Tem muito potencial, você comprou?

Gabriela que não pode ficar longe da vida alheia.

— Você não vai querer voltar aí, Gabriela. – ela sorri sem graça para mim.

Esse apartamento meu pai me deu quando eu decidi que iria pedi-la em casamento. Ele achou que ela amaria isso. Já ter um lugar para começarmos a vida. E quando nada disso aconteceu, eu me mudei para cá mesmo assim.

Sua mãe me via como um menino, o que eu não era. Já trabalhava e ela não nos dava espaço. Ficamos juntos por quase um ano, parecia cedo para pedir alguém em casamento, mas não para mim e ela. Eu a amava, só não tinha lhe dito isso ainda.

Eu a queria por completo, então decidi falar com sua mãe sobre isso. Eu realmente queria casar com ela e respeitava a decisão dela de esperar, mas quando mencionei isso à mãe dela, ela decidiu que seria bom ir embora. Nunca pedi Ella em casamento e nos separamos por um telefonema. Desde então, eu a odeio. Ela foi estúpida e eu experimentei o inferno ainda vivo por causa disso.

— Tudo bem. – ela diz encarando o balcão da cozinha. – Nick... – ela suspira, enquanto coloco duas xícaras e as preencho com café. – Espero que um dia possamos conversar sobre o que houve.

— Não, Gabriela. – digo, sentando a sua frente. – Não precisamos disso, você está aqui por falta de atenção da minha parte, não para sermos amigos.

Ela fica séria e leva a xícara à sua boca. Fui grosso, mas até onde sei ela está noiva. Eu não fui bom, mas ele deve ser. Para sua mãe ter os deixado juntos deve ser um partidão.

— Nick... – ela é teimosa demais, mas não foi quando sua mãe lhe arrancou no meio da noite só para eu não pedi-la em casamento. – Desculpa. – levanto-me e vou até a pia ficando de costa, a raiva me domina e eu aperto as bordas do balcão. – Eu não sabia o que pensar. – ela fala fraco e baixo.

— Apenas pare. – digo, eu não quero ouvir essa merda, não me importa, eu já segui em

frente.

— Me ouça, por favor. – sinto suas mãos em minhas costas e fecho os olhos. Não faça isso Ella, que ódio que sinto por me sentir vulnerável ao seu toque. – Nick, nesses últimos seis meses eu pensei muito sobre tudo que aconteceu entre nós... – ela para e eu aperto mais a borda da pia. – Não sei o que eu tinha na cabeça, por deixá-la me induzir daquele jeito.

— Tudo bem. – falo soltando o ar, sua mão agora segura meu braço e eu encaro sua aliança, matando o maldito noivo umas cem vezes em minha mente. – Não precisa me tocar, Deus está vendo. – digo com sarcasmo e ela se afasta sorrindo.

Essa frase nos parou tantas vezes e foi a justificativa para muitas coisas não acontecerem.

Vejo que Maria está vindo em nossa direção, sorrindo.

— Estava cansada da viagem. – ela diz pulando no banco do balcão. – Muito legal seu apê.

Sorriso e me aproximo dela, parando em sua frente.

— Quer algo para comer? – pergunto e ela sorri, balançando a cabeça. – Só dizer que providencio.

Ela faz a posição que todos usam para pensar batendo a mão no queixo. Enquanto isso, mexo no celular ignorando a presença de Ella. Gabriela, Nicholas! Gabriela.

— Podemos comer algo na cafeteria mesmo. – ela diz em um estranho falsete e, como não dá para ignorar, eu olho para Gabriela.

— Não sei. – Ella fala antes que eu possa falar qualquer coisa. – Simplesmente aceite isso. Mas não vamos te incomodar, preciso pegar os cartões de visitas na gráfica e voltar para casa.

Maria faz cara de decepção e corre até a TV outra vez, nos abandonando na cozinha. Um silêncio fica entre nós. Eu sinto Ella diferente, não sei o porquê, mas é como se ela estivesse livre de novo. Como ela foi quando éramos adolescentes.

— Você vai no jantar que sua mãe irá nos oferecer hoje? – Ela fala encarando o chão, desvio meu olhar até ela e me volto para o celular.

— Não estou sabendo. – a mensagem pula na tela, minha mãe avisando sobre o jantar, merda! – Agora sei. – mostro o celular.

Ela dá um sorriso tímido.

— Você não acha que me deve uma conversa? – E voltamos a falar da porra do passado, ainda com a cabeça baixa a olho, ela respira fundo – Nick..

Não, eu não quero ouvir.

— Já sei! – digo, apoiando meu braço e ficando à uns quinze centímetros de distância, o suficiente para só ela ouvir. – Você quer que eu lhe perdoe para que você possa viver em paz? Para que você possa entrar em uma igreja vestida de branco e viver feliz para sempre com o otário com quem você está agora? Você não vai ouvir isso de mim, Ella. – me curvo até seu ouvido. – Não nesta vida, porque eu

ainda não lhe perdoei. E não sei se serei capaz de fazê-lo.

Olho para ela e seu rosto está molhado, suas lágrimas descem sem barreiras. Afasto— me um pouco e seus olhos encontram os meus. Ela é tão calma, seus olhos tão negros me dizem que eu a fiz sofrer. Aproximo-me dela e a puxo até meu peito, sentindo o cheiro de seus cabelos. Ainda era o mesmo. Eu vou viver aquele inferno todo outra vez, isso era uma certeza.

Gabriela

Depois de enxugar minhas lágrimas, sem falar mais nenhuma palavra, eu o deixei lá e fui pegar meus cartões de visita. Eu queria dizer que estava confusa, que quando eu o vi, agradei por minha mãe estar morta, ele é tão familiar, tão confortável. Eu o amei tanto, mas nunca disse isso à ele.

Desde que minha mãe morreu eu não piso mais na igreja. Ela via Nick como uma pessoa que jamais poderia me prover, sempre o achou relaxado demais. O que, para ela, seria sinal de fracasso. Mas eu estudei em escola católica, minha mãe era católica fervorosa e eu a respeitava, ou tinha medo. Mas depois que ela morreu, eu me senti leve, diferente, como se eu não precisasse mais viver sobre regras rígidas. Ela me sufocava e eu deixava, eu já era adulta e, mesmo assim, deixei.

Dou uma última olhada na minha roupa — eu não consegui tirar a blusa do Superman — coloco outro jeans, como se desafiasse Eric de longe, e sorrio.

Minha mãe amava Eric, ele é muito fiel à igreja. Estamos juntos há mais de um ano, eu não queria casar com ele, mas minha mãe insistiu e, pouco antes de morrer, ficamos noivos.

Sinto a vontade imensa de jogar a aliança fora e me libertar, mas em vez disso, eu vejo meu celular tocar e atendo.

— Oi amor. — digo com desânimo. — Estou saindo para jantar, podemos nos falar depois?

— Você ainda não me respondeu a data. — ele fala. — Minha família precisa se programar.

— Eu realmente preciso sair. — digo.

— Mais tarde me mande SMS dizendo a data. — desligo telefone e o jogo na cama.

Eu realmente vou adiar isso até não poder mais. Vou até a sala e vejo meu pai e minha irmã prontos, sorrio para eles. Meu pai sempre foi amigo do pai do Nicholas, sempre moramos aqui e eles também.

— Vamos. — Maria fala outra vez em falsete e sai saltitando.

Sorrio para meu pai e a seguimos. Durante o curto percurso não falamos nada, até avistar Nick no portão de sua casa e meu estômago embrulhar, minhas mãos começarem a suar e minha respiração ficar pesada.

— Você sabia que ele vinha? — meu pai fala.

— Não. — respiro fundo, hoje não foi bacana. Eu ainda não sei o que quero, mas ele me bagunça toda vez que vejo seus olhos e seu sorriso tão bem alinhado, me fazendo lembrar de tudo que vivemos, de toda a paciência, de todos os presentes. Eu não sinto isso pelo o Eric, porque ele não é o Nick.

Maria já o alcançou, eu diminuí os passos enquanto meu pai o cumprimentava, espero ele entrar, mas ele não entra. Fica parado me esperando, ele parece mais confuso com tudo isso do que eu.

— Eu quero essa blusa de volta. – ele diz quando me aproximo e me dá um meio sorriso, olho para a blusa e depois para ele.

— Tudo bem. – eu estou pulando por dentro, dando cambalhotas. – Eu lavarei e entrego à sua mãe.

Estamos andando lado a lado pelo jardim que fica na frente da casa. Ficamos em silêncio até chegar a entrada e as pessoas nos abordarem, todos vem em minha direção me abraçando e vejo Nick se afastando. Todos dizem que lamentam o ocorrido, mas que eu irei superar e vou seguir em frente. Mas esse ocorrido não me parou, então não tenho porque seguir em frente.

Dona Adriana chama todos para a sala de jantar, onde já está tudo colocado. Nos distribuímos pelas dez cadeiras ali e Nick senta o mais distante possível de mim, e ao lado da minha irmã, que está tagarelando com ele sobre as músicas clássicas.

As vozes saíam de todos os lados da mesa, meu pai sorria para Sr. Paulo e há muito tempo não o vejo assim. Observo a felicidade deles em algo simples. De certa forma, eles também seguiram em frente.

— Gabi, – ouço dona Adriana falar e me viro para ela, que está sentada na ponta da mesa. – já sabe onde irá trabalhar?

— Ainda não. – digo, bebendo um pouco de vinho branco. – Mas preparei uns cartões de visitas e enviei uns currículos, espero ter respostas logo.

— Nicholas, filho... – ela fala, se virando para ele que está sentado ao lado do meu pai, no extremo oposto da mesa. – Lembra que você quer reformar seu apartamento?

Nick fica sério, parece não gostar da ideia e por um segundo acho que ele não vai responder, mas todos o encaram ansiosos pela resposta, todos aqui conhecem nossa história e também sabem sobre minha história atual, ou seja, sou noiva de outro cara de quem nem gosto, mas me comprometi a casar.

— Ainda estou decidindo o que fazer. – ele fala como se não tivesse se incomodado com a menção da reforma.

— Então contrate a Gabi. – ela fala, apoiando o queixo sobre as mãos. – Aí não terá mais o que pensar.

Ele sorri e eu sorrio de volta. Agora eu quem não queria continuar essa conversa. Bebo outro gole do vinho, acho que estou ficando um pouco tonta.

— Preciso pensar. – ele diz como se tentasse deixar para lá. – Ainda não recebi tudo que investi na agência.

Dona Adriana não vai deixar isso fácil, ela é dócil, gentil e uma supermãe e eu a conheço há tanto tempo, que sei que ela não vai deixar para lá de forma nenhuma.

— Eu pago sua reforma. – ela diz e eu não posso evitar fazer uma cara de espanto.

Ela está tão disposta, que irá pagar só para ele aceitar.

— A senhora nem sabe se ela está disponível. – ele fala calmo, me olhando.

— Eu estou disponível. – eu realmente preciso de um portfólio e o apartamento dele tem muito potencial para transformar em um lugar que abrirá as portas do mercado para mim.

Ele faz uma cara de derrota e eu, claro, de felicidade. Nick nunca soube dizer não à mãe dele. E eu não posso recusar um trabalho pago.

O jantar continuou e Maria nos divertiu com suas músicas e interpretações. Ela é uma figura. Ajudo Dona Adriana com a louça, mas assuntos chatos são evitados, ela me conta como está cuidando do jardim dela e eu conto como foi a mudança.

Lavamos e secamos a louça enquanto os outros convidados já haviam ido embora.

— Que bom que me ajudou. – ela diz para mim.

— O jantar estava maravilhoso. – digo, secando as mãos. – Senti falta da comida da minha chef preferida.

Ela sorri gentilmente.

— Sempre às ordens. – ela se vira para mim e me encara, depois, dá um longo suspiro. – Tenha paciência com ele, filha. – eu engulo em seco e meu coração se contrai. – Ele continua a mesma pessoa por de trás daquele muro que ele construiu.

— Eu terei. – digo sendo sincera. Claro que não vou falar das minhas dúvidas sobre tudo e claro que imagino como seria se eu não tivesse deixado minha mãe decidir tudo na minha vida. – Só não sei se ele será capaz de me perdoar. Eu o machuquei por ter feito os gostos da minha mãe e agora estou aqui, infeliz, de certa forma.

Ela estende os braços e me abraça forte, aqueles abraços que poderiam acalmar seu coração, um abraço materno como o do meu pai, porque minha mãe nunca me abraçou assim.

— Eu já vou indo. – somos interrompidas por Nick e nos soltamos, virando para ele. – Depois falo com você, Ella – fechando os olhos e balançando a cabeça como se quisesse apagar aquela última parte. – Desculpa, Gabriela.

Dona Adriana vai até onde ele está e o abraça, nos deixando sozinhos.

— Você pode me chamar de Ella, se quiser. – digo, me aproximando um pouco. – Eu não me importo.

— Não, Gabriela. – ele diz quase sibilando meu nome – Eu não posso, e essa reforma será feita porque minha mãe exigiu, vamos deixar isso como negócios.

Ele sai pela porta que dá na garagem e a bate, me deixando parada, imóvel. Doeu a última coisa que ele falou, mas como disse, estou fazendo isso pela mãe dele.

Chego em casa, tiro a blusa e dobro, colocando dentro de uma sacola e jogando dentro da bolsa que usarei amanhã. Eu não vou lavar e vou entregar diretamente a ele. Em algum momento ele vai me dizer porque sente tanta raiva, às vezes sinto que não sei a história toda.

Depois de tomar banho, me jogo debaixo das cobertas lembrando-me de cada coisa que aconteceu hoje. Mas sou vencida pelo cansaço e então fecho os olhos.

3.

Gabriela

Depois de preparar Maria para seu primeiro dia de aula e fazer o café para meu pai, tomo um banho rápido para ir até o apartamento de Nick. Deixo meus cabelos secarem naturalmente enquanto tomo uma xícara de café.

Estou agora sentada na mesa apreciando meu café, quando ouço a campainha tocar. Acho estranho, pois não me lembro de ter marcado com ninguém. Vou até a porta, olho pelo olho mágico e quero desaparecer, por essa eu não esperava.

Conto até dez, pedindo paciência e abro a porta com um sorriso.

— Eric? – digo com surpresa para aquela figura do meu tamanho e de cabelos loiros a minha frente. Abrindo os braços, ele me puxa e me dá um selinho. – Você não avisou que vinha. – decepção e surpresa resumiam todo meu humor.

Ele entra e já se acomoda no sofá, sem cerimônia.

— Eu precisava te ver, amor. – ele diz, me puxando mais para perto. – Então decidi ser espontâneo e bater em sua porta.

— Mas agora estou indo ver um cliente. – digo fazendo um coque bagunçado no cabelo e calçando os sapatos que deixei perto da mesa. – Não poderei lhe dar atenção.

Ele me abraça por trás e eu fecho os olhos. Vai ser difícil manter a promessa de casamento quando eu só quero fugir dessa pessoa.

— Eu vou com você, amor – ele diz em um sussurro em meu ouvido e eu reviro os olhos. – Depois iremos tomar café.

Deixo que ele me acompanhe, mas já me arrependendo. Ele reclamou todo o caminho até a casa de Nick, inferno! Nick irá ficar puto da vida quando o vir. Descemos do carro e pergunto se ele quer ficar na cafeteria, mas ele recusa e insiste em subir. Toco a campainha duas vezes antes de Nick abrir a porta.

— Bom dia. – digo. Ele está de calça moletom e uma camisa regata folgada, deixando seus braços fortes a mostra e eu engulo em seco. Isso não é gentil.

— Bom dia. – ele diz e olha estranho para Eric, que o cumprimenta com um aperto de mão – Vejo que já contratou um ajudante.

Ele diz sentando na banqueta que fica no balcão da cozinha.

— Na verdade, sou o noivo dela. – Eric diz e Nick para a xícara antes que possa chegar a boca. – Posso dar uma olhada na estrutura da sua casa?

Nick continua me fulminando com os olhos e meu coração bate tão rápido que acho que vou desmaiar.

— Claro. – ele diz como se quisesse se livrar do Eric, que sai andando, analisando de perto a tal

estrutura. – Você teve a coragem de trazê-lo à minha casa?

Ele diz em um sussurro, mais do que irritado.

— Ele apareceu do nada. – digo, tentando me redimir. – Eu preciso desse trabalho Nick, lembra que nossa relação é extremamente profissional?

— Lembro. – ele fala bufando e deixando sua ira aparente. – Veja o que tem que ver e vão embora.

Ele me deixa outra vez em pé, parada na cozinha e sai batendo a porta do quarto. Eric ainda parece um idiota olhando ao redor, coisa de arquiteto.

Pego minha agenda e começo a fazer anotações sobre ideias, que não eram muitas naquele momento, mas era melhor que nada. Assim, excluía a estupidez que tudo aquilo pareceu.

Nicholas

Essa menina provavelmente não bate bem da cabeça, é muito atrevimento trazer seu final feliz dos infernos aqui. Vontade de quebrar a cara dele até ele não ter um osso inteiro naquela cara de otário.

Pego minha mochila e, quando saio, eles dois estão sentados no balcão, na merda da minha cozinha que, por causa da minha mãe, ela vai reformar.

— Já tem todas as informações de que precisa? – Pergunto, neutro.

— Sim. – ela diz me mostrando a lista e eu finjo que leio. – Vou montar a ideia e depois discutimos, pode ser?

Apenas aponto para a porta mostrando a saída. Eu já estava me arrependendo disso.

Uma vez que eles se despediram eu fui para academia. Apesar de ter que ir para o trabalho, eu preciso socar algo antes. Para não ser a cara de alguém, eu prefiro que seja um saco, e irei encontrar isso lá. Acho que até direi à Ella para adicionar isso à sua lista.

Ligo o MP3 e *Bruce Dickinson* ecoa dentro da minha cabeça, as batidas fortes da bateria me dão mais energia para bater. A cada faixa que passa eu sinto mais ódio. Eu preciso parar de me sentir assim, eu realmente preciso deixar tudo isso para lá.

Vejo uma sombra se aproximar por de trás de mim e me viro ainda na defensiva, não que alguém vá me atacar, mas parece que minha fúria é evidente e eu não queria ninguém por perto.

— Nicholas. – meu mais velho amigo está parado ao meu lado, sua aparência mostrava que ele tinha acabado seu treino. – O que esse saco fez?

Ignoro por um instante, mas não coloco os fones no ouvido outra vez.

— Bem aqui, – aponto e em seguida dou um soco. – está a cara do noivo de Ella.

Vinicius me olha como se eu fosse um louco, ele sabe de toda história. Sempre estive conosco em vários momentos, éramos um grupo de cinco, sendo que Ella era a mais nova e todos a protegiam como irmã, menos eu, porque eu sempre quis algo mais com ela. Desde muito novos eu sempre fiz as coisas para ela esperando que ela gostasse de mim como ela não gostava dos outros meninos.

— Gabi já chegou? – Ele fala animado, dá vontade de socar a cara dele também. – Acho que era

isso que Vivian estava falando hoje, mas eu realmente não estava ouvindo, ela falou algo sobre irmos para uma boate hoje.

Vinicius e Vivian casaram há uns dois anos, Ella e Vivian sempre foram muito próximas e agora isso me incomoda, porque eu gosto de conversar com Vivian e isso parece uma má ideia agora que Ella voltou.

— Qual boate? – digo, para saber o que evitar hoje.

– Meia—noite clube. – ouço a voz de Vivian atrás de mim e me viro para ela. Vivian ainda está em roupa de malhar colorida. – Você vem, não é?

Balanço a cabeça negativamente e seco o rosto com uma toalha.

— Não, Vivi. – digo e ela faz beicinho, odeio quando ela faz isso, somos amigos há tempo suficiente para ela me conhecer tão bem quanto ela conhece o marido. – Você está pedindo demais, isso não é justo.

Pego minha mochila e me encaminho para o banheiro da academia, Vinicius me acompanha.

— Sua esposa é louca. – digo antes de ir tomar banho para irmos trabalhar.

Depois de prontos, nos encontramos na porta da academia e vamos para a agência. No meu primeiro ano, trabalhei como funcionário, até eles decidirem que estava na hora de expandir e me chamaram para ser sócio.

Nós sentamos em nossas respectivas mesas e eu começo a imprimir os relatórios que preparei ontem.

— Lucas irá hoje? – claro que eu não posso deixar para lá, Vivian me olha sem entender. – Para a boate?

Antes que ela possa responder, Amélia surge na porta já falando.

— Lucas acabou de ligar. – ela fala meio cansada, como se estivesse correndo. – Leticia já está tendo contrações e ele não quer deixá-la sozinha.

— Obrigada por avisar. – Vivian fala e olha para mim, como se aquilo respondesse minha pergunta. – Nick, não acho nada de mais você ir ao clube com seus amigos de uma vida.

Volto para meu trabalho e fico pensando no que Vivian falou, dependendo de como sair esse trabalho, eu irei aparecer no clube. Preciso conhecer mais daquele otário.

Vinicius continuou trabalhando com Vivian e eu fiquei só matando tempo, pensando nas últimas 24 horas. Não consegui focar no trabalho. Algo estava me incomodando e eu ainda não sabia ao certo o que era.

Depois que o expediente se encerrou, segui para casa para trocar de roupa e ir ao clube. Mas não avisei a ninguém. Não queria dizer que foi de caso pensado, quero que pareça que eu apenas apareci, sem nada a mais

Depois de entrar no ambiente com pouca luz e um som estridente, sigo até o balcão no intuito de encontrar meus amigos "por acaso".

Peço uma dose de Whisky ao barman e tomo em um gole só, deixando o álcool queimar por dentro.

Faz tempo que não bebo qualquer coisa alcoólica, mas hoje eu precisava.

Vejo Vivian acenando para mim e pulando e vou em direção à mesa deles, essa noite está prestes a começar.

— Você veio. — Vivian me abraça e vejo que ela bebeu. — Apenas uma taça. — ela mostra a taça de vinho tinto e eu sorrio para ela.

— Hey, — olho para Eric que se direciona a mim. — você veio, Nick!

Ele aparentemente havia bebido. Eu apenas aceno com a cabeça para Ella e recebo um sorriso tímido de volta.

— O que deu em você? — Vinicius fala em um sussurro.

— Eu quero conhecer esse otário. — esse era meu único objetivo. — Aproveite a noite e não me deixe beber.

Volto—me para a mesa e entro na conversa que já rolava. Não parecia difícil, não mesmo. Pareceria uma coisa inocente, se Ella parasse de me olhar a cada cinco segundos como se quisesse falar algo.

Gabriela

Olhando para Nick daqui, vendo seu sorriso e cuidados com Vivian me faz lembrar porque senti tanta falta dele. Ele é o tipo de cara que iria até o fim do mundo por você. Apesar de não estar demonstrando isso ultimamente... Mas se eu estivesse ferida como ele ficou, eu provavelmente não estaria aqui. Não mesmo.

— Espero que amanhã possamos nos reunir para discutir sobre o nosso projeto. — digo me aproximando dele. Ele me joga um olhar duro me fazendo recolher minha coragem em falar com ele.

Volto para a conversa de Vivian, mas minha mente viaja pelo passado. Sinto que o vinho não está fazendo bem e decido ir ao banheiro jogar uma água no rosto.

— Eu vou ao banheiro. — digo para Vivian, que pega a bolsa e começa a vir em minha direção. — Eu posso ir só Vivi, fique aí e aproveite, deve ter fila.

Esse clube sempre foi o ponto de encontro de muitos jovens. É a primeira vez que venho aqui, sair na noite nunca foi uma opção quando era mais nova. Fico na fila esperando minha vez, quando sinto uma mão tocar meu ombro, me viro assustada, essa música alta e a pouca luz me deixam em alerta.

— Nick! — digo quando sinto ele me puxar pelo braço, me tirando da fila. — O que você está fazendo?

Ele me arrasta até o lado de fora da boate e eu congelo, paramos em um lugar com pouca luz, mas naquele momento eu não sabia se tremia por conta do clima mais frio ali fora ou pelo jeito que fui arrancada de dentro do ambiente.

— Por que seu noivo está na cidade? — Nick diz e eu não entendo a pergunta, seus olhos mostram que ele está sóbrio, apesar de não parecer muito. — Por que você o levou em minha casa sabendo que eu estaria lá? O que você quer voltando para cá?

Muitas perguntas, muitas interrogações e minha mente gira por conta do vinho.

— Ele veio marcar a data do casamento. — digo sem enrolar, eu não ia mentir, por mais que Eric não tenha me dito, sei que esse é o objetivo dele aqui. — Ele não está aqui para provocar você ou coisa assim, Nick.

Rebato, fazendo insinuações. Ele se aproxima e eu continuo encarando seus olhos castanhos, que pareciam em chamas de tão furioso.

— Falta uma pergunta. — ele parece mais furioso do que quando chegamos aqui. — Por que você voltou Ella? Por que você voltou para cá?

Passo a mão onde ele me apertou e respiro fundo. Eu não tinha grandes planos, eu apenas não queria ficar naquela cidade, queria voltar para casa, para os meus amigos, para tudo que conheci por toda uma vida.

— Eu só quis voltar para casa, Nick — digo e ele parece mais furioso ainda, parece que qualquer coisa que eu fosse falar pareceria errado. — Por favor, Nick. — digo assustada.

Ele dá uma volta impaciente em volta do próprio corpo e para na minha frente.

— Eu preciso esclarecer uma coisa. — ele diz tão próximo, que sinto seu hálito de menta misturado com whisky. — Eu nunca vou perdoar você.

Seus olhos penetram os meus e eu volto a respirar pesado. Eu não sei o que fiz para ele me odiar tanto.

— Nick. — digo e ele diminui a distância, um desequilíbrio e nossos bocas se tocariam, sinto meu corpo se preparar para receber aquele beijo. — Por que você me odeia tanto?

Ele fecha os olhos e sela a boca como se não quisesse falar mais nada.

— Saia daqui antes que você possa fazer algo de que vai se arrepender. — ele diz e eu não me movo. — Saia daqui, Ella.

— Se você não quer que nada aconteça, Nick, — rebato, eu estava ficando ousada — saia você.

Antes que eu possa terminar a frase ele já me segurou pela nuca e afundou as mãos em meus cabelos. Agora sim, parecia que eu estava em casa. Como eu senti falta dele, como eu odeio minha mãe por ter me feito de estúpida e como eu odeio o que irei fazer ao dizer para Eric que não quero mais casar com ele. Seu beijo faz eu me sentir viva, e eu não queria que aquele momento acabasse, não mesmo, mas sinto que depois disso, só será pior.

4.

Nicholas

Que merda eu acabei de fazer? Essa porra não podia ter acontecido. Agora ela vai achar que eu a perdoei. Vivian aparece na porta pela qual saímos e nos vê juntos, sem surpresa, eu respiro para falar e ela levanta a mão para mim, balançando a cabeça fazendo seus curtos cabelos loiros balançarem.

— Só vim avisar sobre o Lucas. — ela diz e faz uma pausa, eu não consigo olhar para Ella. — Ele já está no hospital, o bebê está nascendo.

Lucas e sua esposa decidiram que não queriam saber o sexo do bebê, então não tem nome ou definição ainda.

— Vamos. – passo por Vivian na porta, deixando Ella para trás.

Como a boate é perto da minha casa e da casa de Vinicius, eu e Vivian decidimos ir de táxi, até o Eric abrir a boca.

— Nós estamos de carro. – eu ignoro, nem amarrado entro em um carro com esses dois.

— Eu ainda vou de táxi. – digo, esperando avistar um na rua mal iluminada.

Olho para Ella na esperança que ela me dispense também, mas ela não o faz, ao invés disso ela parece ignorar o fato que acabamos de nos beijar, para mim essa situação ficou pior.

— Deixe de besteira. – Vivian me diz fulminando – Vamos com eles. – há gentileza forçada em sua voz.

Pegando minha mão, ela nos arrasta para dentro do carro. Entro no banco traseiro, ficando no meio de Vinicius e Vivian. Vejo os olhos de Ella me procurarem pelo retrovisor e quando eles se encontram, eu lhe ofereço o olhar mais frio que eu posso oferecer.

Quando chegamos ao hospital, logo encontramos Lucas, que parecia mais nervoso que o necessário. Ele será o primeiro de nossos amigos mais próximos a ter um filho. Ele já havia mudado muito desde a gravidez, agora sei que a mudança será mais radical.

Vivian e Ella vão em direção a ele e o abraçam.

— Gabi. – ele diz olhando analisando seu rosto. – Que bom que veio, estou tão nervoso.

— Dá para perceber. – ela diz rindo. – Você parece que vai ter um colapso a qualquer momento.

Todos rimos, ele realmente parecia estar exagerando no nervosismo.

Ele é chamado para a sala de parto e o álcool parece estar deixando o resto do pessoal com sono, eu vou até a cafeteria e pego um café, que parece mais um chá. Bebo—o mesmo não apreciando o sabor.

Sento—me em uma mesa sozinho e fico olhando a cidade pela a janela. Já era bem tarde da noite de um dia de semana, e mesmo assim havia muitas pessoas nas ruas, muitos carros ainda transitavam com pressa.

Vejo o reflexo de Vivian na janela e me viro para vê-la. Mostro a cadeira e ela senta ao meu lado. Por um momento, ficamos apenas observando a cidade, mas ela parece incomodada. Ela quer falar algo, mas não sabe se deve.

— Nick. – ela diz encarando a xícara de café em sua mão. – Sei que não me deve satisfação, – ela pausa e sei o que vem por aí. – mas você precisa tomar cuidado.

Eu não olho mais para ela, apenas para o reflexo dela na janela gigante.

— Você sofreu. – ela continua e sinto sua mão tocar meu braço. – E ela está com outra pessoa.

Solto um longo suspiro, eu fiz merda e eu sei.

— Não vai acontecer outra vez. – digo com convicção, eu quero acreditar naquilo. – Foi um erro, e sempre será, ela vai casar com aquele perdedor, pode ter certeza.

Ela me abraça em um gesto solidário. Sim, me arrependo do que fiz e a odeio mais ainda por ter deixado isso acontecer.

Ficamos lá ainda por um tempo, alguns assuntos surgiram, mas nada sobre o beijo. Vinicius mandou uma mensagem dizendo que já ia nascer, quando nos animamos para ir, ele mandou de volta dizendo que era alarme falso.

Já tinha mais de uma hora e meia que estávamos sentados, até que resolvemos nos juntar ao resto do grupo. Vejo Ella com a cabeça encostada no ombro de Vinicius e não vejo seu noivo por perto. Ela se ajeita quando nos vê chegando.

— Ainda nada. – Ella diz com a voz preguiçosa.

Vivian senta ao lado do marido e eu vou sentar mais distante, perto de uma TV que parecia estar no mudo de tão baixo o volume.

Enquanto tento decifrar que filme cheio de dança era aquele, sinto uma pessoa sentar ao meu lado. Meus olhos encontram o de Ella, seus olhos negros com uma maquiagem bem escura, que os deixa ainda mais escuros.

— Nick... – ela diz, ficando de lado para mim e eu me volto para TV. – Temos que conversar sobre o beijo.

— Foi um erro. – digo, ainda mantendo o foco. – Não irá acontecer outra vez, pode acreditar.

Ela demonstra um pouco de decepção e parece que vai insistir na conversa, antes que ela fale mais alguma coisa, já me adianto:

— Não direi a ninguém. – continuo, eu não a quero aqui. – Nosso relacionamento é estritamente profissional, e não vai mudar.

— Não era isso que eu ia falar. – ela diz gentil e calma, claramente nada a irrita.

— O que você quer de mim, Ella? – Viro— me para ela e a encaro, minha voz saiu um pouco mais alta do que o necessário.

Vejo Vinicius se aproximar e me direciono para ele, que sorri.

— Agora sim, – ele diz sorrindo. – nasceu, é um menino.

Nos levantamos e acompanhamos ele até o berçário, ignorando o que estávamos fazendo.

Todas aquelas crianças, olhando daqui, pareciam iguais, eu não saberia dizer quem era quem. A enfermeira pega o bebê e se aproxima do vidro, me pergunto se o moleque tem nome, porque eu poderia pensar em uns para ele.

— Ele é tão lindo. – Vivian fala, se aproximando ao máximo do vidro e olha para o marido como se pedisse um também. – Eu quero, amor.

Ele me olha assustado e eu dou de ombros.

— Dá para ela, amor. – digo, imitando a voz de Vivian e rimos mais um pouco.

Realmente aquele lugar era silencioso e tranquilo, eu poderia ficar aqui observando aquelas pessoas que ainda não tiveram o coração partido, que ainda vão descobrir a dor que é amar alguém.

Depois de nos despedirmos de Lucas com a promessa de que voltaremos para visitá-lo, resolvemos ir direto para casa, eu ainda não sei o que aconteceu com Eric, mas pelo o que entendi, Ella continua com o carro e vai nos dar carona.

— Eu posso ir de táxi. – insisto na velha história, eu não quero ficar mais a sós com Ella.

— Eu posso deixar você em casa. – ela diz com a voz paciente. – Não se preocupe, você chegará intacto em casa.

E ela sabe usar sarcasmo.

— Tenho certeza que sim. – devolvo a provocação. – Mas segurança nunca é demais.

Ella revira os olhos e Vinicius nos olha sem entender. Sento no banco da frente e Vivian e Vinicius se acomodam atrás. Ligo o som do carro e Ella desliga.

— O que está acontecendo? – Vinicius se aproxima e coloca a cabeça entre os bancos, como uma criança.

— Nada. – digo, tentando parecer casual.

— Nada. – Ella reforça.

— Eles se beijaram. – Vivian fala e Ella freia o carro em cima do sinal vermelho.

— O quê? – Vinicius grita.

— Não foi assim. – Ella diz tentando explicar. – Foi um erro, Nick já decidiu isso por todos nós.

Viro— me encarando— a. Gostaria de saber se para ela não foi um erro como foi para mim. Porque se eu começasse a explicar o porquê daquilo ter sido um erro, não terminaríamos hoje.

— É melhor não irmos aí ainda, Gabi. – digo, e aquilo soa estranho. – Apenas marque seu casamento e vá viver seu feliz para sempre, prometo não lhe tratar mais como estava fazendo, somos todos amigos e isso pode nos dividir, vamos ser adultos e seguir em frente.

— Parece justo. – ouço a voz de Vinicius me apoiando.

Ela para em frente ao meu prédio, depois de ter deixado Vinicius e Vivian em casa.

— Obrigado. – digo para ela e ofereço um sorriso, eu preciso diminuir o nível de raiva, aquilo está saindo do controle, quanto mais rápido ela se casar, mais rápido ela vai embora. – Só acho que o Eric não deveria ter deixado você voltar sozinha dirigindo, se você quiser posso ir com você e ficar na casa da minha mãe, ou posso te acompanhar com meu carro.

Sim, isso saiu do nada.

— Estou bem. – ela diz sem expressão. – Até amanhã.

Dando a partida no carro, ela me deixa parado na calçada e eu a observo sumir no final da rua. Arrasto— me escada acima. Foi uma noite meio fora de série.

Gabriela

Pego as anotações para levar ao Nick e coloco na bolsa. Vejo que a blusa permanece lá. Coloco um jeans e uma blusa de manga comprida jeans também, vi em algum lugar que isso era moda e eu quero testar. Apresso-me para ir terminar o café antes que Maria e meu pai tenham que sair para suas atividades.

— Bom dia. — digo ao chegar na cozinha e todos já estão comendo. — Vejo que já estão prontos.

— Sim, amor. — Eric vem em minha direção e me beija — Por que essa roupa? — Ele sussurra em meu ouvido.

Estou cansada dessa história de que não posso usar jeans, que não é elegante e essas coisas.

— Minha roupa de hoje, amor. — dou uma ênfase no "amor" mergulhado em sarcasmo para ver se ele se afoga e me deixa em paz. — Eu preciso de uma roupa confortável, e essa me aparece uma boa escolha.

Ele sorri sem graça para e mim e depois olha para meu pai que nos encarava, ele nunca gostou do Eric, mas sempre respeitou minha escolha.

— Pretende ficar quantos dias conosco, Eric? — meu pai pergunta sem levantar os olhos do jornal que estava em suas mãos.

— Só o tempo de marcar o casamento. — ele diz com satisfação. — Creio que vamos conversar sobre isso hoje, não é, amor?

— Já terminei. — Maria fala interrompendo e eu agradeço — Vamos, vamos.

Ela tinha uma trança mal feita que caía sobre seus ombros.

— Quer que eu conserte essa trança? — Digo e ela nega com a cabeça.

— Quero assim. — ela diz, saindo da mesa. — Vi um tutorial na internet e isso está super na moda.

Fico me perguntando se estou cuidando bem da minha irmã, que fica olhando vídeos na internet. Coloco a mochila em suas costas e abro a porta para que ela e meu pai saiam.

— Filha... — meu pai fala olhando para Eric, que está sentando cantarolando enquanto lê o jornal — Espere mais um pouco para marcar essa data, você está muito nova.

Engulo em seco, meu pai nunca me falou nada parecido e isso me faz pensar, será que devo manter essa promessa ou devo acabar logo com ela e decepcionar minha mãe?

— Tudo bem, pai. — sorrio sem graça, meu pai me conhece como ninguém, ele me arrastou para cá com tanta determinação que eu acabei vindo, agora ele pede para eu não marcar a data de casamento, é como se quisesse me livrar desse compromisso.

Fecho a porta e me sento para tomar meu café enquanto observo Eric ainda lendo o jornal, aquela pessoa não me atraía mais fisicamente, eu não sentia nada olhando para ele, seu cabelo penteado demais já chegou a me irritar várias vezes, ele tinha os olhos verdes, mas eles não me faziam viajar.

— Então, — ele fala, levando a xícara até a boca e colocando na mesa outra vez. — temos aquelas opções que já tínhamos decidido com sua mãe, quer ficar com alguma daquelas?

Eu tento lembrar da conversa que tivemos há mais de seis meses e as datas pulam em meus pensamentos.

— Não. — digo séria e sem rodeios. — Eric, deveremos esperar mais... — continuo e ele me encara — Eu só acho que nosso noivado foi cedo demais e se apressarmos as coisas podemos nos arrepender, eu estou fazendo meu primeiro trabalho e não quero dividir meu tempo entre planejar um casamento e trabalhar.

Sua expressão mostra que ele não se importa muito com o que eu digo, mas, mesmo assim, tento manter minha postura.

— Tudo bem. – ele diz pegando minha mão. – Eu recebi uma oferta para trabalhar aqui.

Congelo, eu não quero, por favor, não aceite.

— O salário é bom. – ele continua e eu prendo a respiração para não gritar. – Estava esperando você me perguntar sobre onde moraríamos e então iria lhe contar. Estou com tudo planejado, não se preocupe amor.

Exalo o ar e faço cara de decepção, como vou sair dessa? Esse será meu próximo plano, como não casar com meu noivo.

— Vejo que já está mesmo. – sorrio sem graça, se isso fosse uma *sitcom*, agora teria aquelas risadas ao fundo. – Agora já vou, o Nick ficou de me esperar para eu mostrar o que tenho planejado.

Levanto— me e ele se levanta junto, me dá um selinho nos lábios e sinto uma vontade incontrolável de limpar a boca, mas não o faço, apenas sorrio e saio.

Uma lágrima escorre pelo meu rosto assim que bato a porta do carro. Eu realmente estava disposta a me casar com Eric, mas chegando aqui e vendo meus amigos, vendo Nicholas, muita coisa mudou dentro de mim. É como se eu fosse duas Gabriela, lá, eu seria a garota que teria formação e seria dona de casa, cuidar dos nossos três filhos e do cachorro. Mas aqui, eu sou outra versão de mim, uma mulher forte, que quer ser a melhor em sua profissão e não ter filhos, por agora, claro.

Ouçoo uma batida na janela do meu carro e, quando olho para o lado, lá está Dona Adriana, sorrindo e acenando. Enxugo minha lágrima rapidamente, antes que ela possa ver.

— Oi. – ela diz, acenando quando abaixo o vidro da janela. – Quero saber como está a reforma.

Sorrio de volta e respiro fundo afastando a tristeza.

— Está ótima. – digo, e por um lado é verdade, ele prometeu não descontar sua raiva em cima de mim. – Estou indo mostrar o que desenvolvi hoje.

— Como ele está lhe tratando? – Ela fala cruzando os braços na frente do peito.

— Ainda muito magoado. – digo e a tristeza me atinge novamente. – Eu só não sei de onde vem tanta magoa, dona Adriana. – saio do carro. – Eu não lembro muito daquele tempo, é como se algo me impedisse de lembrar.

— Eu nunca entendi porque sua mãe não queria deixar você namorar o Nicholas. – ela diz meia nostálgica. – Mas ela tinha uma oferta de trabalho e aceitou, foi isso que aconteceu, ao menos foi o que ela me disse.

Tento me lembrar ao certo, mas não consigo. Eu e o Nick tínhamos pouco tempo oficialmente juntos, questão de meses mesmo.

— Obrigada, dona Adriana. – olho para seu olhar sereno de mãe, um olhar que minha mãe nunca me deu. – Eu vou tentar lembrar, mas eu queria muito que Nick me perdoasse, seja lá pelo o que eu fiz.

— Você não fez nada querida. – ela me abraça. – Apenas dê tempo e o faça lembrar como ele era com você. – fico sem entender. – Eu preciso daquele Nick de volta. – ela termina e eu sinto um pouco de culpa, realmente o Nick parece um pouco diferente de quem ele era.

Entro no carro novamente e ela acena enquanto dou a partida, eu queria saber exatamente o que irritou Nick. Eu sei que o jeito que fui embora sem nem um adeus apropriado o deixou irritado, pensando bem, eu simplesmente segui em frente sem saber mais dele.

Estaciono do outro lado do prédio e toco o interfone para ele abrir a porta, subo me arrastando, eu irei tirar essas informações aos poucos.

Chego sem forças ao hall e ele abre a porta antes que eu possa bater, tento falar, mas é difícil.

— Bom dia. – digo assoprando as palavras, realmente estava sem ar no pulmão.

— Bom dia. – ele responde amigável e sorri para mim quando me joga no banco do balcão. – Sem ajudante hoje?

— Sim. – digo mais recuperada, ele parece pronto para sair, uma camisa polo preta e um jeans que lhe caía muito bem – Então... – digo, tirando o caderno da bolsa. – Vamos ver minhas ideias?

Ele coloca um copo de água em minha frente seguido de um copo de suco.

— Obrigada. – continuo e ele não me olha ou responde, então resolvo terminar de falar. – O que você tem em mente? Seu espaço dá para aproveitar muito da luz solar, acho que se investirmos em cores claras iremos valorizar mais o ambiente.

Mostro todas as anotações e ele senta ao meu lado, prestando atenção enquanto eu explico cada ideia que tive baseada no que eu já conhecia dele, mas eu precisava conhecer essa nova versão dele.

— Acho bacana o que você está propondo. – ele fala, ainda lendo as anotações. – Você acha que no quarto vazio daria para fazer algo voltado para malhação? Como um saco de boxe?

Isso faz parte da sua mudança, ele não malhava há três anos.

— Dá sim. – digo e me contenho para não começar um grande questionamento, mas eu não posso, eu preciso falar – Lembro que você não gostava de malhar. – ele se levanta como se pedisse para eu parar.

— Mas agora eu malho. – ele diz meio grosso, parece difícil para ele manter a promessa de ser amigável.

— Você deve gostar muito. – ele está de costas para mim e vejo seu corpo se tencionar.

— O que você quer com essa conversa, Gabi? – Soa sempre estranho quando ele não me chama de Ella.

— Eu quero saber como você está. – digo e ele sorri ironicamente.

— Estou vivo, é tudo que você precisa saber. – ele diz. – Eu estou com minha chave, essa aqui é uma cópia para você ter acesso aqui, tenho muitas coisas para fazer na agencia, então sintá-se à vontade para vir quando quiser trabalhar, suas ideias estão aprovadas, traga elas feitas em papeis para que eu possa ver com mais clareza.

Ele joga sua mochila nas costas e bate a porta da frente, fico observando o apartamento. Eu poderia morar aqui, é um lugar cheio de luz e daria para aproveitar esses pilares no meio fazendo coisas bem bacanas, umas cortinas... Aqui seria o sonho de qualquer pessoa descolada morar.

O silêncio me atinge e observo cada objeto parado, esperando que eles possam me contar uma

história de si mesmo, como eles chegaram até ali.

5.

Nicholas

A semana passou corrida, eu não vi mais Ella, se foi ao meu apartamento, não deixou vestígios. Hoje minha mãe me convidou para ir jantar com ela, mas meus planos de ficar deitado a noite de sábado parecia ser a melhor opção.

Encaro a pilha de box de DVD que peguei com Vinicius. Segundo ele, era a hora para crescer e ver Prison Break, eu realmente já deveria ter visto a série, mas sempre deixei para depois.

Sinto— me tentado a colocar o DVD para eu ver ao menos o primeiro episódio, mas sei que essa ideia nunca é boa.

Quando fico em pé, meu celular toca e no visor o nome de minha mãe aparece, é, pareço não ter muita opção

— Filho? – Ela diz antes que eu possa dizer alguma coisa. – você não vem?

— É que... – passo a mão na nuca, pedindo que uma desculpa convincente me venha à mente. – Eu realmente não estou com muito humor para encontros em família hoje, queria ficar sozinho.

Ouçoo o suspiro dela do outro lado do telefone, e mudo de ideia.

— Está bem. – digo e ouçoo o sorriso dela do outro lado. – Mas só vou comer, sem ajuda ou qualquer coisa.

— Certo, Nick. – ela fala satisfeita. Minha mãe é chef de cozinha, o que quer dizer que qualquer refeição é grande coisa, mas quando todas as suas refeições são grandes coisas você meio que acaba abusando. – Não demore.

Desligo a ligação e encaro a pilha de box outra vez, acho que o final não muda se eu deixar para mais tarde.

Estaciono na frente da casa dos meus pais e vejo minha mãe conversando alegremente com alguém. Enquanto atravesso o jardim para chegar a porta de entrada, me aproximando vejo Ella com seus cabelos negros amarrados no topo da cabeça, seu sorriso parece tão genuíno. Eu paro por alguns segundos e observo a cena, mesmo com uma faca na mão ela faz gestos enquanto conta uma história, e pelo seu sorriso parece ser o melhor momento da sua vida.

— Nicholas, você está bem? – A voz do meu pai me chama.

— Sim, pai. – digo me dirigindo de volta para a casa. – Só estava tentando lembrar se eu havia apagado as luzes.

Quando passo por ele vejo que não o comprei com essa história, meu pai me conhece bem.

— Boa noite, filho – minha mãe fala vindo em minha direção, elas ainda sorriam.

— Oi Gabi. – digo, depois de soltar minha mãe de um abraço.

— Oi Nick. – ela diz sem desarmar o grande sorriso que estava sua boca.

Acompanho meu pai para sala onde ele vê TV, me joga ao seu lado no sofá e ele pula os canais, impaciente.

— Aquelas duas vão demorar uma eternidade para terminar a comida. – ele parecia um pouco irritado. – Eu realmente estou com fome.

Eu pego o controle da mão dele e paro em algum documentário sobre a natureza selvagem, aquilo parecia algo que eu veria quando o tédio ia me visitar.

— A comida está pronta. – ouço a voz da minha mãe na entrada da cozinha. – Vamos!

Eu não sei bem o que pensar sobre esse jantar ainda, não vi o pai de Ella nem Maria.

Sento— me e minha mãe termina de colocar a comida na mesa, meu pai começa a se servir e eu o sigo, minha mãe e Ella não param de conversar.

— Então filho, – ela fala depois de ter colocado a comida no próprio prato. – o que achou das ideias da Ella?

— Ela ainda não me apresentou o projeto. – digo entre as garfadas, eu realmente estava me sentindo emboscado, não sabia que o jantar em família também envolvia a ex— namorada.

— Desculpa. – ela diz bebendo um gole de vinho. – Eu estava fazendo seu projeto quando simplesmente derramei café por cima do computador essa manhã, levarei ao técnico amanhã.

— Tudo bem. – ser desastrada sempre foi uma coisa marcante em Ella. – Espero que não perca tudo.

— Onde está seu noivo? – Olhamos para meu pai, que traz um assunto que não tem a ver com o contexto da conversa;

— Ele voltou para casa. – ela diz com o que parecia vergonha.

— Já marcaram a data? – Meu pai fala e minha mãe o repreende com o olhar. – O quê Adriana? – ele diz como se aquilo fosse natural. – Ela vai casar e as pessoas precisam de datas.

— Não tenho data e nem pretensão, – ela diz de uma forma natural. – eu não me importo em falar sobre isso, eu resolvi esperar um pouco, mas acho que Eric vai vir morar aqui.

E eu já estava encerrando a noite.

— Eu já vou. – digo depois de virar a taça de vinho a minha frente. – Eu tenho umas coisas para fazer que trouxe da agência.

Levanto—me antes que alguém proteste e minha mãe me acompanha.

— E a sobremesa? – Ela diz colocando as mãos na cintura. – Sua preferida.

— Pode ser para viagem? – Eu não estou irritado ou bravo, mas eu não quero estar perto de Ella, não agora.

Minha mãe coloca a sobremesa para eu levar e me despeço de todos. Quando eu giro a chave na ignição, o carro não dá a partida. Tento inúmeras vezes até me irritar e bater com força no volante.

Vou para dentro de casa pisando com força.

— Meu carro não pega. – digo para meu pai. – Preciso de um mecânico.

Ele olha para o relógio no pulso e balança a cabeça em sinal de negativo.

— Não há mecânicos aqui essa hora. – ele fala com a boca cheia.

— Posso te deixar em casa se você quiser. – Ella fala e minha mãe discretamente balança a cabeça em sinal de positivo, aquela noite estava ficando clara para mim. Parecia que minha mãe estava tentando nos aproximar.

— Não precisa, Ella. – viro-me e saio. – Eu chamo um táxi.

Ouçõ a cadeira arranhar o chão.

— Deixe— me te levar, Nick. – isso envolve ela querer conversar. – Podemos discutir mais ideias.

E, assim, permiti que ela me levasse. Espero que não seja algo para a lista de arrependimentos.

Gabriela

Eu não sabia como começar a conversa e a casa dele não era longe dali. Desde o nosso último encontro eu comecei a sentir uma necessidade de vê-lo, mas não só de olhar, eu queria beijá-lo. Não conseguia parar de pensar e algumas lembranças boas voltaram à minha mente, me ache louca, mas minha mãe me influenciava muito e eu perdi algo que, analisando agora, seria muito bom. Seus olhos encaravam a estrada na nossa frente.

— Desculpa pelo meu pai. – sua voz me pega desprevenida e meu coração bate na boca. – Fazendo todas aquelas perguntas pessoais.

— Tudo bem, Nick. – digo e ele me olha, sua aparência parece mais tranquila. – Ele fez perguntas válidas, mas eu não tenho data e nem sei se quero uma.

Ele não me olha.

— Você deveria. – agora ele soa frio. – Ele será bom para você, se sua mãe permitiu, acredite no instinto dela.

— Por que isso? – digo olhando para ele. – Ela permitiu? Eric insistiu muito. – digo, lembrando da saga. – Ele não desistiu até sair um sim dela.

— Você quer dizer que eu desisti? – e agora não sei porque ele está se comparando a essa situação.

— Não, Nick. – digo séria, porque nosso relacionamento não durou muito, mas foi o suficiente para eu dizer que o amava, mas eu nunca disse. – Nós desistimos um do outro.

— Eu não desisti de você, droga! – ele grita e eu paro o carro em frente ao prédio dele. – Você foi embora Ella, você desistiu de mim, você me deixou, eu fiquei aqui.

Eu congelo, suas palavras me cortam como facas bem amoladas e me sinto sangrando por dentro. Ele desce e bate a porta do carro e eu desço em seguida, segurando o portão antes que ele feche a minha frente. Ele sobe as escadas avançando dois degraus de cada vez e eu me sinto sufocada ao tentar acompanhá-lo. Quando ele abre a porta, já cheguei ao hall quase sem ar e adentro o apartamento.

— Nick. – digo, ele coloca um copo de água a minha frente. – Eu não desisti de você.

Vou tomando o fôlego, tentando lembrar como faz essa ação automática.

— Ella. – ele diz pausando como se escolhesse as palavras. – Foi o que pareceu quando você me avisou que foi embora por uma mensagem e terminou comigo por uma ligação.

— Mas eu não desisti de você. – digo e minha garganta fecha, eu preciso chorar. – eu amava você, Nick. – digo e sinto a lágrima descer. – Eu realmente queria ter lhe dito isso antes.

— Mas não disse. – ele fala duro, eu não sei de onde essa conversa veio e nem para onde ela vai.

— Me perdoe. – minha voz falha. – Eu fui criada com ameaças, minha mãe me sufocava.

— Você me fez acreditar que eu não era bom para você. – ele diz, encarando o copo em sua mão. – Você me fez experimentar o ódio.

Fico sem entender, sua fúria parece vir de um lugar que eu desconheço.

— Eu usei drogas para não pensar em você. – levo a mão a boca, aquilo vem como um choque eu não resisto e fico ao seu lado. – Eu bebi por seis meses seguidos, sozinho aqui nesse apartamento, eu precisava ficar longe de tudo que me lembrava de você.

Toco seu braço e ele estremece. Eu não sabia.

— Por que isso, Nick? – digo e ele sai, indo até o quarto e volta me jogando uma caixinha.

Quando abro, vejo um par de alianças douradas e fico sem entender. Nunca soube de nada parecido. Minha mente gira e eu fico enjoada e sem entender nada. Como nunca soube de nada parecido?

— Eu mostrei isso à sua mãe. – ele diz me fazendo fechar os olhos. – Ela me mandou embora e disse que se eu tivesse a decência de homem, nunca mais era para falar com você.

Sento— me no banco ao seu lado e encaro a aliança que eu tenho no dedo, depois olho para a da caixa.

— Quando isso aconteceu? – Pergunto, tentando montar uma linha do tempo em minha mente para tudo aquilo fazer sentido.

— Dois dias antes de vocês irem embora. – ele fala baixo. – Não acho que seja uma boa ideia você ficar aqui.

— Eu preciso saber mais. – encaro seus olhos, ele puxa o banco ao meu lado e senta. – por que isso, Nick?

Depois de um longo suspiro ele resolve falar.

— Eu amei você desde o primeiro dia que te vi, Ella. – ele fala, sem esperança. – Todo mundo sabe como meu mundo girou em torno de você por tanto tempo, nos beijamos naquela brincadeira de rodar a garrafa quando adolescentes e eu esperei você me querer...

— Eu sempre quis você. – interrompo-o. – Eu sempre quis você, Nick. – digo e agora ele me encara. – Você sempre foi meu príncipe de armadura brilhante. – revelo. – Sempre rondou meus pensamentos. – coloco minha mão em cima da dele. – Desculpa se não deu certo entre a gente.

— Nunca saberemos. — ele retira a mão e se levanta. — Vá para casa Ella. — ele tira a camisa como se quisesse se livrar, como se ela estivesse em chamas. — Eu preciso ficar sozinho.

Sem pensar, eu o abraço por trás, tocando seu abdômen e sinto as pontas dos meus dedos queimarem. Encosto meu rosto e sinto seu cheiro. Ele segura minhas mãos para tirá-las e eu aperto com mais força, me jogando em sua frente, ele me olha nos olhos

— Eu não quero ir embora. — digo, sussurrando para ele. — Peça-me para ficar.

Ele coloca uma mecha do meu cabelo atrás da orelha e passa seu polegar em meu lábio inferior.

— Não posso pedir isso à você. — ele diz mais calmo me encarando tão de perto.

— Apenas me peça, Nick. — minha voz sai em um fio. — Eu quero você.

— Ou você quer a ideia de uma pessoa familiar? — ele diz e balanço a cabeça negando, não era aquilo, ele não entende minha necessidade dele.

— Eu quero você. — repito em um suplício quase humilhante, eu não consigo pensar em outra coisa.

— Podemos nos arrepender. — ele passa de leve seus lábios nos meus, fazendo eu me sentir fraca.

— Por favor. — digo com os olhos fechados. — Deixe eu ter esse arrependimento comigo.

Ele me beija, me beija lento e eu sinto cada músculo se movendo de prazer. Eu quero ele, eu posso até me casar com Eric, mas eu quero esse arrependimento comigo. Suas mãos alcançam meu sutiã e eu sinto minhas pernas bambas, elas passeiam por dentro da minha blusa e eu quero pular nele.

— Você ainda... — eu não deixo ele terminar e volto a beijá-lo.

— Eu me guardei para você. — puxando meu cabelo e afastando meu rosto, ele me olha nos olhos.

— O que você disse? — ele diz me olhando tão perto que não sei se minha voz vai sair.

— Eu me guardei para você. — e isso foi o suficiente para ele voltar a me beijar.

Eu queria aquilo, mais do que eu quis qualquer coisa em minha vida. É como se aquilo fosse meu motivo, meu novo motivo para continuar seguindo em frente.

Ainda resistindo a minha permissão, ele desacelera o beijo e me encara, sinto como se ele pudesse me sentir além do toque.

— Porque Ella? — Ele interrompe o beijo, pressionando sua testa contra a minha. Sua voz sai baixa e rouca, me fazendo delirar.

— Por que você é a única pessoa com quem eu quero isso — Digo, tentando retomar o beijo, mas ele se afasta alguns centímetros para me olhar nos olhos.

— Então me peça — Ele diz e minha garganta seca quando ouço suas palavras — eu quero ouvir você dizer que me quer.

— Eu — digo, recolhendo forças. Sua mão desce até meus quadris e aperta, fazendo a dor acelerar meu coração em uma batida descompensada — Quero... — Seus olhos me fulminam, a corrente elétrica que vem junto com o olhar me faz o desejar mais ainda. Sentidos novos são acordados e sinto como se

tivesse viva de verdade, essa é sempre a sensação que ele causa em mim.

— Termine a frase – Ele diz entredentes.

— Desejo você dentro de mim – Digo e ele fecha os olhos. Antes que eu possa falar qualquer coisa sou tirada do chão, um sorriso baixo escapa da minha boca.

Eu sonhei com esse momento. Desejei que acontecesse com ele, mas os sentimentos dentro de mim, não se compara ao que sinto agora.

Ele me joga com gentileza na cama e eu solto a respiração que estava presa.

— Ella – Ele diz, se colocando sobre meu corpo. Sinto seu peso sobre mim e ansiedade aumenta –, depois que isso acontecer, não poderemos mais voltar atrás, nada poderá apagar isso da nossa história.

— Eu sei – Digo, com a voz fraca, esperando que ele me toque. Sua mão passa lentamente pela lateral da minha coxa, levantando meu vestido e um gemido tímido me escapa da boca –, eu quero ser marcada por você, quero isso na minha vida.

Sua boca encontra meu pescoço e eu sou tomada por beijos quentes. Puxando meu vestido e se livrando dele, fico apenas de lingerie, a renda rosa contrasta com minha pele branca. Fazendo um caminho de beijos e mordidas sobre minha pele livre, ele me olha, me encara, e isso me enlouquece. A necessidade aumenta... chegando no limite entre pele e calcinha ele para e sorri. Um sorriso ousado, audacioso e eu espero fascinada pelo próximo movimento.

Ele tira a calça que ainda está em seu corpo e fica apenas de cueca boxer preta. Tento desviar o olhar, mas algo denuncia que não só eu estou pronta, mas ele também está.

Voltando para onde ele parou, ele me olha com os olhos semicerrados e passa a mão no contorno das minhas coxas, me fazendo arfar. Seus dedos contornam as bordas da minha calcinha e eu solto um gemido agudo e espontâneo.

Quando seus dedos tocam minha fenda, sinto meu corpo estremecer. É a melhor sensação que já senti na vida. Ele tira seus dedos e eu murmuro em protesto. Ele estava me provocando, ele quer que eu implore, e é isso que vou fazer.

— Eu quero mais – Sussurro. Eu preciso de mais do seu toque, preciso sentir ele dentro de mim.

Ele agora está ajoelhado sobre a cama prendendo minhas pernas, mas consigo me soltar e fico na mesma posição, quero tocá-lo, quero senti-lo.

Passo minhas mãos no cumprimento do seu tórax, forte e bem trabalhado. Seu corpo é quente... Faço um caminho de beijos até a altura do cós da sua cueca, volto e ele lança um olhar meio desapontado. Eu o provoco com um olhar. Não resisto, estou curiosa demais para parar por aqui. Desço minhas mãos até dentro sua cueca, e ele solta um gemido gutural. Tiro a mão em provocação e sinto meus seios livres. Ele abriu meu sutiã com uma destreza que não percebi o momento. Colocando-me deitada novamente, ele passa sua mão sobre eles, agora livres, como se fossem algo admirável.

— São perfeitos – Ele diz, descendo e levando-os até a boca. Quando sua língua toca a parte mais sensível, me faz prender as pernas de tanta excitação. Ele percebe o que fiz e segura minhas pernas – Não feche, eu estou chegando lá.

Fazendo um rastro com seus lábios sobre minha pele ele tira minha calcinha e me vejo nua e desejada. Eu sempre quis saber como ele me olharia quando me visse daquela forma, livre.

Quando sua língua me toca no lugar mais sensível do meu corpo, eu solto outro gemido alto. Eu queria gritar! Habilmente ele me chupa, e eu chamo seu nome, eu berro seu nome de uma forma primitiva. Seus movimentos ficam mais intensos e eu me sinto derreter por dentro, uma bomba de sentimento me atinge e a única coisa que consigo pensar é:

— Não pare – Digo gritando para o teto – Apenas não pare.

Chego ao ápice e meu corpo treme, minha respiração ofegante está e eu relaxo.

— Eu quero mais disso que acabou de acontecer – Digo sem vergonha.

— E eu pretendia lhe dar mais – Ele diz, se jogando sobre mim outra vez.

Mas desta vez sem cueca... Eu analiso seu corpo sem um rastro de pano envolvido e sinto pulsar em todas as partes do meu corpo.

Sem dizer mais nada sinto ele entrar em mim, e a sensação nova faz eu segurar o lençol da cama. O misto de dor e prazer ronda o ato.

— Pode doer um pouco – Ele diz, se movimentando lentamente dentro de mim.

— Eu não me importo – Digo, calmamente. A onda de dor passa e eu sinto o ritmo se aumentar, o prazer volta a aparecer e eu relaxo.

O compasso de suas investidas é perfeito, gemidos baixos escapam de sua garganta e eu arqueio meu corpo de encontro ao dele. Me contorço e sinto o tornado se formar dentro de mim outra vez, ele murmura algumas coisas que inaudíveis e eu arfo.

— Mais rápido – Digo, as palavras saem de minha boca com necessidade.

O movimento aumenta e a intensidade do prazer também, outro grito agudo escapa da minha garganta sem eu ter controle sobre ele. Sua expressão de alívio e gemido rouco escapa quando seu corpo estremece sobre o meu, me fazendo gozar junto com ele, em um equilíbrio perfeito de prazer.

Me olhando nos olhos ele se deita ao meu lado e entrelaça seus dedos nos meus.

— Você está bem? – Ele diz, encarando o teto, que também é o único lugar que eu consigo encarar.

— Perfeitamente bem... – Digo com a voz fraca.

Ele me puxa para cima de seu corpo e eu descanso sobre seu peito com a respiração ainda pesada.

6.

Gabriela

Eu vejo o relógio à minha frente e os ponteiros marcam duas da manhã. Ainda estamos deitados, enrolados um no corpo do outro. Ouço sua respiração leve e solto um suspiro de alívio, eu tenho um pouco de receio do que vem depois, o que vamos conversar depois que resolvermos abrir a boca. Ele puxa fôlego e sei que vai falar.

— A sobremesa ficou no balcão. – ele diz e isso me faz sorrir, eu também estou com fome, deve ser normal depois de todo o esforço físico.

— Seria ideal agora. – digo sem sair do lugar. – Água também seria perfeito.

Separo— me do seu corpo, dando espaço para ele sair. Quando ele alcança a porta do quarto ele para e me olha por alguns segundos, mas não fala nada. Eu não queria que essa noite acabasse.

— Sua água. – ele me estende o copo e senta ao meu lado. – Uma colher para você.

Pego satisfeita e começo a comer. Eu evito falar, apesar de querer mais do que nunca saber o que vai acontecer depois daqui, mas em vez de trazer um assunto que possa acabar com o clima, resolvo falar sobre a reforma.

— No seu quarto, – digo e puxo uma camisa dele, que está jogada ao lado da cama e visto. – pensei em manter a essência.

Levanto—me e vou até a janela.

— O que você planeja para essa janela? – Ele fala sorrindo, mas não um sorriso forçado, algo que vem natural.

— Cortinas? – Digo meio em dúvida, não sei se ele gosta disso.

— Cortinas? – Ele repete, me fazendo duvidar. – Preciso que fale com mais segurança, eu estou investindo nisso, então é melhor que seja bom.

— Tecnicamente, sua mãe está investindo. – respondo me defendendo.

— Justamente. – ele rebate. – Mas é com o dinheiro do que seria minha herança, então é meu.

Coloco a mão na cintura mostrando que não aprovei a insinuação. Ele balança a cabeça e me puxa pelo braço, deixando—me cair por cima dele.

— Nick... – respiro fundo ao dizer seu nome, ele parecia ter um significado diferente agora.

— Não vamos conversar ainda. – ele diz olhando em meus olhos.

Voltamos a nos beijar. Eu sempre sonhei em como seria minha primeira vez e sempre imaginei como seria se eu ainda conseguisse fazer isso com Nick. A realidade superou as expectativas e isso me deixou mais do que satisfeita. Mas o sono está me incomodando, apesar de não querer dormir.

Em algum momento nos abraçamos e eu adormeci em seus braços.

Porque o amanhã, realmente, não importa.

Nicholas

A campainha toca tão alta dentro da minha cabeça que tenho certeza que é um sonho, porque se for verdade e tiver alguém tocando aqui em casa dessa forma, espero que esteja sendo eletrocutada.

— Nick. — ouço a voz preguiçosa de Ella me chamando. — Acho que tem alguém tocando a campainha.

Visto minha calça que estava jogada ao lado da cama e me arrasto até a porta, adorando a ideia de quebrar a cara de quem quer que esteja com o dedo grudado na campainha.

— Porra, Vivi! — ela está sorrindo, segurando uma sacola de supermercado. — Isso são horas de bater na casa das pessoas?

Ela me afasta e entra de vez, Vivian não era visita em minha casa há muito tempo.

— Bom dia, Nicholas. — ela fala um pouco feliz demais. — Trouxe bebidas e comidas para ver Prison break com você!

— Cadê seu marido, Vivi? — Digo, fechando a porta e observando ela se sentir à vontade na minha cozinha.

— Foi jogar bola. — ela me mostra uma garrafa de vodca. — Vamos fazer batidas?

Procuro a hora e já passam das 14h, isso me espanta. Ela coloca vários tipos de frutas no balcão e começa a mexer no celular.

— Vivi, posso tomar café primeiro? — Digo e lembro que Ella está no quarto. Entro em pânico e ela coloca o celular no ouvido, o que eu julgo ser o celular de Ella berra do outro lado do balcão.

Ela congela e me encara, eu apenas a olho de volta. Aquilo ia ser interessante, mas eu prometi a Vivian que me afastaria, por mim, não por Ella.

— O que é isso? — Vivian diz tomando fôlego. — Diga— me que está salvo o número errado e que esse celular com capa rosa cheio de *strass* é seu Nick, me diga que é gay e eu descobri seu segredo. — continuo sem responder, mas não sei se sorrio ou apenas fico vendo seu ataque histérico. — Porra, Nicholas! — ela fala mais mansa. — Cadê ela?

Aponto para o quarto e ela sai pisando duro. Sento— me no banco, abro a garrafa de vodca e coloco uma dose, que se dane o café da manhã. O liquido transparente desce queimando tudo por dentro, belo jeito de começar o dia, poderia me acostumar novamente. Ouço os passos de Vivian de volta.

— Gabi foi tomar banho. — ela diz naturalmente. — Nick, que história é essa que isso não foi nada?

Olho para ela sem entender, eu não disse isso, ou ao menos não lembro de ter falado.

— Vivi, eu acho que já estou bêbado. — digo, mostrando confusão.

— Gabi me disse que vocês concordaram que não foi nada. — eu não lembro de ter concordado com nada.

— Acho que está na hora de você e Gabi irem para suas respectivas casas. – digo sem sutileza, a realidade me puxou de volta.

— Eu perdi minha aliança. – ouço Ella chorando parada na cozinha, já vestida em suas roupas da noite anterior. – Eu a tirei para tomar banho e coloquei na pia, mas sem querer derrubei as coisas e acho que minha aliança caiu no ralo.

Vou direto para o quarto e entro no banheiro, ela já arrumou a bagunça, abro o armário da pia e tiro o cano, não tinha nada lá, isso parecia mais bagunçado do que o necessário.

— O que eu faço, Nick? – ela me encara da porta do banheiro e Vivian logo está atrás dela.

— Você mente. – digo ao passar pelas duas depois de lavar as mãos, já estava perdendo a paciência com aquilo. – Isso não significou nada Ella, diga ao seu noivo que você perdeu em sua casa.

Ela me olha desolada, assustada. Eu queria abraçá-la, queria mesmo, mas não fiz, em vez disso coloco outra dose.

— Eu fiz o que eu podia, Ella. – digo, virando o copo. – Eu abri a porra do cano da pia para você, mas se isso aconteceu aqui, poderia ter acontecido em sua casa.

— Eu não tiro a aliança. – ela diz baixinho, com seus olhos negros ainda vermelhos, Vivi a olha de longe sem saber como agir.

— Podemos comprar outra. – Vivian sugere, como se aquilo fosse uma simples solução.

— Eu não quero outra. – ela me encara e eu coloco outra dose, essa seria nossa conversa.

— Acho que você deveria comprar outra. – digo e tenho certeza que ela entendeu o recado.

Ela calça a sapatilha que está encostada ao lado do balcão e olha para Vivian, com o que parecia vergonha dessa vez.

— Tchau, Nick. – eu não respondo, mas sinto que será a última vez que seremos amistosos um com outro.

— Idiota. – Vivian me fulmina e sai atrás de Ella. Apenas viro mais da garrafa de vodca na boca, o líquido queima e eu já me sinto tonto, que inferno aconteceu ontem à noite?

7.

Gabriela

Consegui encontrar uma aliança exatamente igual a que eu tinha, Eric não desconfiou.

Passamos quatro semanas procurando uma casa para ele perto do escritório onde ia trabalhar. Encontramos, depois de muito procurar, um lugar bacana, pequeno, mas que dava para uma pessoa sozinha viver muito bem.

Estou debruçada sobre a mesa da cozinha, eu já havia terminado o projeto do Nicholas, mas eu ainda não tive coragem de falar com ele. Bebo outra xícara de café, eu estava viciada em café mais do que eu fui nos últimos anos. Apesar da forte dor de cabeça, eu continuava a empurrar a bebida para dentro.

— Comeu alguma coisa hoje? – Ouço a voz do meu pai e quase derrubo a xícara outra vez no computador.

— Podia ser mais barulhento? – Digo ainda com a mão no coração. – Não comi, meu estômago está revirando de tanto café.

— Não acho que isso seja saudável. – sorrio para ele e ele me mostra uma sacola cheia de frutas. – Fui ao mercado na volta para cá, realmente estou achando você muito magra.

Faço cara feia para comida, a náusea me atinge assim que vejo a foto da lasanha na caixa.

— Tire essa caixa de perto de mim. – digo botando a mão na boca, de uns dias para cá café era a única coisa que eu queria beber. – Esses negócios são nojentos.

— Você nunca reclamou. – ele diz me provocando com a caixa e eu continuo com a mão na boca, antes isso não me parecia tão ruim assim, mas agora me aparece tão ruim que não sei explicar.

— Para, pai. – digo séria, aquilo estava me irritando.

— Se eu não conhecesse você, filha, – meu pai diz, desempacotando tudo. – diria que está grávida, como eu conheço você, eu sei que está se tornando sua mãe. – ele diz e eu arregalo os olhos, aquilo era ridículo e ofensivo. – Mas espero que esteja grávida.

— Pai! – digo sorrindo, não sei porque parecer com minha mãe era tão ruim assim. Ah! Sei sim, ela era opressora e meu pai só ficou com ela porque eles tinham filhos juntos.

Eu não tinha sintomas nenhum. Eu estava cansada, transei duas vezes na mesma noite, tudo bem, não usamos nenhum preservativo, mas seria como ser atingida por um raio engravidar assim, meu pai está louco. Então isso significa que estou ficando igual a minha mãe.

— Seu noivo vem aqui hoje? – ele pergunta enquanto coloca as coisas na geladeira, eu vou tirando meus materiais de trabalho de cima da mesa.

— Acho que não. – digo me sentando de volta, espero não vê— lo hoje.

— Ele percebeu a aliança nova? – Congelo e finjo que não entendi o que ele falou, desde que perdi

minha aliança tenho evitado meu pai ou o Eric, para que eles não possam ver esse detalhe. – Essa aliança que está em seu dedo não é a sua, Gabi.

Paro, pensando em uma desculpa

— Se você perdeu aqui, – ele fala guardando as sacolas de supermercado. – por que não pediu ajuda para procurar?

— Caiu no ralo. – digo soando convincente. – Na casa da minha nova cliente – ênfase "a nova". – Mas os trabalhadores acham que já era, eles abriram o cano e tudo e nada dela.

Vejo Maria vindo correndo em minha direção depois de passar pela a porta de entrada como *The Flash* passaria. Ela pula na minha frente sem fôlego e aponta para nosso pai ao mesmo tempo.

— Posso, – ela diz tomando o ar. – festa do pijama na casa da Laura, – dá uma última respirada e fala. – posso ir, pessoas maravilhosas?

Troco olhares com meu pai, que sorri já permitindo. Minha irmã fez amizades rápido aqui ou conquistou as antigas.

— Pode, Maria. – digo e ela me dá um abraço sufocador. – Mas cuidado, não dê muito trabalho a dona Marieta, não é fácil ter filhos novos depois dos cinquenta anos.

Laura e outras meninas pulam na entrada da casa, vou até o quarto dela e pego as coisas que ela me instrui a pegar.

— Melhor irmã, – ela faz um coração com as mãos. – tomarei cuidado, não vou dar trabalho à tia Marie. – senti o tom de intimidade. – E volto amanhã, qualquer coisa me ligue, a menos que seja tarde, pois estarei dormindo.

Colocando a mochila nas costas ela some do quarto. Sinto a necessidade de me jogar na cama de Maria mesmo. Mas me arrasto até o banheiro para tomar um banho.

De banho tomado, me jogo na cama e meu celular vibra, no visor aparece uma foto de Vivian.

— Oi, Vivi. – digo, já sem conter o sono.

— Estou passando em sua casa em cinco minutos. – ela diz com a voz abafada pelo vento. – Quer dizer, faça desses cinco minutos, um.

E desliga a ligação, não entendi nada. Olho para a hora no celular e ainda são 20h, o que eu sou para dormir tão cedo? Troco de roupa e coloco algo mais adequado para receber visitas. Ouço a campainha tocar e vou acelerada para a sala.

— Oi, Vivi. – digo desanimada e ela me olha assustada. – Algo errado?

Ela entra nervosa, e impaciente.

— Só precisava de uma amiga. – ela vem e me abraça. – Gabi, tenho uma coisa para te contar.

Olho estranho para ela, que me devolve o mesmo olhar e a puxo para o quarto, o que será que a Vivian aprontou agora?

Tirando a sandália ela coloca os pés embaixo da coberta e coloca a sacola que ela trazia ao lado

da cama.

— Acho que chegou a hora de contar, Vivi. – eu a conheço tempo suficiente para saber que algo a incomodava.

— Eu sei que sou casada, – ela fala respirando. – mas não sei se estou pronta.

Sento sobre as pernas para olhar melhor para seu rosto.

— Vivi, – repreendo outra vez. – me diz logo, está me deixando nervosa.

Ela joga a sacola em cima da cama, quase me fazendo surtar.

Tinha pelo menos quinze testes de gravidez.

— Eu não quero que o Vinicius sabia ainda se der positivo. – ela diz, justificando o porquê de vir para minha casa fazer como uma adolescente que fugia dos pais. – Posso fazer aqui?

Ainda estou meio em choque, porque tudo que meu pai insinuou hoje me deixou com uma pulga atrás da orelha.

— Cla-claro. – gaguejo e ela me olha sem entender. – Mas você vai fazer todos esses?

Digo disfarçando. Queria poder fazer um, mas sozinha.

— É, agora. – ela diz indo ao banheiro.

Vejo a sacola à minha frente e, depois de me certificar que ela está no banheiro, escondo um embaixo da cama. Odiaria ter que explicar e odiaria mais ainda ter que ir à farmácia comprar e ser julgada pelo olhar dos atendentes.

— Pronto. – ela diz depois de ficar cinco minutos lá dentro. – Lembra aquela história que iríamos uma esperar a outra para engravidar?

A memória voa em minha mente, não lembrava disso há um tempo.

— Ainda está de pé. – ela diz, aliviada. – Aí amiga, temos que planejar isso.

Sorriso sem graça, não sei bem o que falar então mudo de assunto.

— E o Nick? – Bem, eu não mudei bastante de assunto. – Como ele está?

Ela senta mais leve na cama e me olha.

— Deixe o Nick para lá, Gabi. – Vivian sempre defendeu Nick, eles não são família, mas se consideram muito, eu também os considero muito, mas Nick e Vivian sempre foram como irmãos.

— Eu já vou marcar a data. – digo e sinto o bolo na minha garganta. – Preciso honrar minha promessa, eu prometi para minha mãe e ao Eric, nós já superamos essa fase de "não o amo mais".

— Então, você vai casar com ele? – assinto e ela me olha com compaixão. – por que você prometeu a sua sufocadora mãe? Que está morta e enterrada?

— Promessas são promessas, Vivi. – digo justificando. – Temos que cumpri-las, quero você para ser minha madrinha, o que acha?

Ela faz cara de quem está pensando e sorrir estranho, mas parece uma careta do que um sorriso.

— Claro, amiga. – ela diz com um pouco de entusiasmo. – Tenho que respeitar sua vontade. Só quero que você possa experimentar tudo de um bom casamento, espero que o Eric volte a lhe fazer suspirar e não que você tenha repulsa ao olhar para ele.

Ela segura minha mão e joga a sacola cheia de testes em cima da mesinha que ficava meus materiais de trabalho.

— Eu sei, amiga. – sei que ela só fala aquilo para meu bem.

— Espero que esteja certa. – ela diz, empurrando o assunto ladeira abaixo.

— Você vai deixar isso aqui? – Pergunto meio feliz, são quatorze testes para eu testar quantas vezes eu quiser.

— Sim. – ela diz olhando no celular. – Espero não se importar. – ela diz e me joga um olhar malicioso. – Mas sei que você não vai usar.

Dou uma risada sem graça, me desmoronando por dentro, eu quero fazer isso logo, mas preciso ficar sozinha. Vivian volta a ficar confortável na minha cama e eu fico olhando-a.

— Posso ficar aqui hoje? – Ela diz e eu fico sem jeito. – Vinicius foi para a casa do Nick terminar de ver Prison Break. – ela diz e eu assinto.

— Claro – isso é casamento, o seu marido te larga para ver série na casa do melhor amigo... Na verdade, acho que deve ser por isso que o casamento deles funciona, eles respeitam o limite e a privacidade um do outro, um deixando o outro livre para fazer coisas independentes. – Então, Nick?

Tento voltar ao assunto, mas ela ignora, e ignora tão propositalmente, que parece mais um vácuo infinito com um olhar assustador. Isso me dá vontade de chorar.

— Seu vestido, – ela puxa o meu notebook que estava na mesinha. – você já viu o modelo que a Reese Witherspoon casou?

Ela diz enquanto digita na caixa de pesquisa, essa seria minha nova saga: casamento, casamento, casamento.

— Vamos lá, amiga. – digo e ela passa a mão uma na outra como se estivesse se aquecendo.

O vestido realmente era divino e me pego imaginando Nick me esperando no altar.

Caímos no sono horas depois de um pote de sorvete e muita conversa.

— *Eu te amo, Ella.* – ele sussurra, vestido em um smoking que o deixa tão divinamente perfeito que qualquer mulher babaria naquela imagem à minha frente.

Eu caminho por cima das pétalas de rosas jogadas no chão, Maria para antes de chegar ao altar e me olha.

— *Esse acontecimento sempre será um sonho.* – olho para ela sem entender e sua voz fica grossa. – *Você nunca o terá, Gabriela, ele te odeia e você vai ganhar o que merece.*

Olho para Nick, que agora abraça uma loira digna de capa de revista, ele a beija tão

apaixonado e eu peço para ele parar, mas ao invés disso ele tira a roupa dela, que está com uma lingerie muito devassa para uma igreja.

— Eu te odeio, Ella. — ele diz, se virando depois de desgrudar a boca da loira e apertando a bunda dela.

Agora todos dentro da igreja começam a repetir.

Nick te odeia!

Sento na minha cama e vejo Vivian dormindo do outro lado, suspiro de alívio por ter sido apenas um sonho e sou atingida pela ideia de fazer o teste. Pego a sacola e corro para o banheiro, o relógio mostra que já são quase cinco da manhã. Recolho urina suficiente para fazer ao menos dez exames e me sento no vaso afundando cada palitinho em seu recipiente. Viro— me de costas e conto os 300 segundos necessários para os testes ficarem prontos. Meu coração acelera e eu acho que não vou conseguir chegar ao final desse drama ainda viva. Coloco a mão para fechar os olhos e viro depois de contar até 500, sim meu medo é muito grande, eu deixei mais tempo para ter certeza.

Quando viro, tem 20 listras vermelha em minha frente. Porra! Droga! Inferno!

Sim, cada palitinho tinha duas, se eu fiz dez, então tinha vinte porras na minha frente, e um grito de angústia escapa junto com o choro e eu sento no chão.

— Gabi? — Vivian abre a porta e eu levanto rapidamente. — O que houve?

Ela olha para o lado em um reflexo e vê todos aqueles testes com listras vermelhas chamativas à nossa frente.

Abraçando— me, eu me encaro no espelho, patética, o que você vai fazer?

— Desculpa, Vivi. — digo entre soluços. — Foi uma brincadeira do meu pai, eu resolvi fazer, mas não esperava, foram só duas vezes na mesma noite.

— Você está louca, Gabriela? — Ela grita comigo. — Diga que não foi com o idiota do Nicholas. — fecho os olhos e começo a chorar, ela me abraça novamente. — Você ao menos já tinha transado com o Eric?

Digo um não abafado e ela me sufoca mais ainda. Como me meti nisso? Eu ia me guardar para meu marido, assim como minha mãe me ensinou, e agora estou grávida do meu ex que me odeia, porque sim, Nick me odeia.

— Nós vamos resolver isso. — ela fala passando a mão em minhas costas. — Quando vai contar para ele?

A afasto e nego com a cabeça, isso seria ridículo, não posso falar ainda.

— Não, – digo, negando com a cabeça. – e o Eric? O que eu direi? "Te traí otário, engravidei da porra do meu ex enquanto perdia a aliança que você me deu como promessa"?

Ela joga a cabeça de leve para o lado como se isso fosse uma ideia muito boa.

— Eu não posso! – eu digo, me sentando na cama. – Ainda não, me dê um tempo, finja que não sabe. Vivi, nunca te pedi nada, deixe eu pensar nessa bagunça.

— Mas você casa em dois meses. – ela diz me lembrando da outra grande coisa.

— Apenas me ajude a comprar um vestido. – digo, deitando em posição fetal, eu estava esperando a morte. – Nick não saberá disso até que seja a última opção.

— Eu respeito sua decisão, – ela me abraça por trás. – mas não apoio amiga, quando eu vir que já foi longe demais, eu lhe paro.

Abraço seu braço que estava em volta do meu corpo e sinto a necessidade de chorar mais e mais. Parecia um pesadelo sem proporção. Mas uma sensação estranha me rondava, como se aquilo não fosse certo e ao mesmo tempo tudo fosse se resolver sozinho.

8.

Nicholas

Empurro a cabeça de Vinicius e ele não se mexe, faço de novo e ele continua sem se mover, o empurro do sofá e ele cai, já ficando em pé como um ninja, foi uma cena muito prazerosa de se ver.

— Que porra é essa, Nicholas? – Ele diz, se deitando novamente, seu mal humor era pior pela manhã.

— Café. – digo, lembrando que ele disse que ia pegar café descente na cafeteria aqui embaixo. – Eu disse minha casa, minha regra.

Ele me mostra o dedo do meio e volta a dormir, depois de ir ao banheiro e tomar o um banho volta pela sala e ele não se mexeu ainda.

— Perdedor. – saio batendo a porta, eu queria tomar café feito pela da deusa que está trabalhando lá embaixo.

Desço as escadas em uma velocidade única e chego ainda com folego no balcão de pedidos.

— Bom dia, Sara. – ela me olha por cima dos ombros, seus cabelos loiros a deixam muito angelical, mas essas são as melhores.

— Bom dia, Nicholas. – ela se debruça no balcão, deixando seu decote discreto à mostra. – O que irá querer hoje?

— O de sempre. – digo tão próximo que poderia beijá-la. – Como só você sabe fazer.

Ela pisca para mim e vai para a máquina de café.

— Faça dois. – digo lembrando de Vinicius. – Companhia hoje.

— Mulher? – Ela fala com um pouco de ciúmes.

— Amigo. – corrijo e ela pisca novamente, preciso sair com essa mulher, toda essa cena dela deve ser uma loucura na ação.

Vou até o balcão onde fica a variedade de bolos e vou apontando para as opções que mais me chamam atenção. O atendente pega e vai colocando dentro de sacos de papel e me entrega.

— Vai aprontar o que mais tarde? – Ela pergunta, colocando dois copos gigantes de café na minha frente.

— À sua disposição. – digo, e ela sabe o que significa, elas sempre sabem. Ela anota seu número em um pedaço de papel, joga no bolso com agilidade, ninguém viu nossa conversa e isso torna tudo mais fácil, não acho que seu patrão ia gostar de saber que suas funcionárias andam flertando com clientes.

Pago no caixa e dou uma última olhada, ela está mordendo o lábio inferior, me despeço com um sorriso. Pulo dois degraus de cada vez e chego em meu apartamento. Vinicius está sentado, encarando o jornal que passa uma fumaça que toma todo espaço que a câmera filma.

— O que é isso? – Pergunto enquanto coloco a comida em cima do balcão.

— Uma obra que estava em fase de finalização desabou. – ele diz com a voz rouca. – Tiveram ao menos vinte vítimas fatais, entre engenheiros e operários, parecia que o prédio já seria entregue esse mês e por esse motivo as obras estavam aceleradas.

— Hum. – a única coisa que comento, levo o café até ele e sento no sofá. – Acha que conhecemos alguém?

Quando a imagem abre percebemos que não só o prédio em construção desabou, o prédio ao lado também, e eu reconheço essa fachada.

— Droga, Nick! – Vinicius levanta desesperado. – É meu prédio, preciso ligar para a Vivian.

Ele anda de um lado para o outro com o celular no ouvido, a impaciência clara em seus movimentos.

— Ela não atende, Nick! – ele diz com a mão nos cabelos. – Ela não atende, droga.

— Calma. – estou indo pegar meu celular que ficou em cima do balcão da cozinha e no minuto que disco o número de Vivian, a campainha toca. – Está chamando. – digo abrindo a porta e Vivian está lá parada, com uma pilha de revista nas mãos e Ella a tira colo. Reviro os olhos aliviado e Vivian entra no apartamento. Vinicius corre para abraçar a esposa.

— Amor. – diz ainda se recuperando do choque. – Que bom que está bem.

Ela me olha sem entender e eu aponto para a TV. Ela coloca a mão na boca e olha para Ella que ainda está parada na porta de entrada do meu apartamento com o celular no ouvido.

— Que saco. – Ella diz sem olhar para Vivian. – Eric não atende. – encarando a amiga que estava em lágrimas, Ella se aproxima de Vivian que dá espaço para Ella veja a TV.

— É a obra do Eric. – Vivian diz em um sussurro. – O prédio caiu.

Fecho a porta e me junto a eles, ficando ao lado de Ella. Ela não fala nada, somente encara a TV.

— Não é possível. – Ella diz, claramente em choque. – Acho que não estou bem.

Ajudo-a se sentar e tento entender o que está havendo, eu acho que chegou a hora de me importar.

— Essa obra é do Eric? – Pergunto, colocando Ella e Vivian sentadas no sofá. – Você já tentou falar com ele?

Ella leva o celular ao ouvido e eu pego, tentando ver no que dá a ligação. Apenas chama, chama e cai.

— Nós vamos conseguir falar com ele. – digo e ela assente com a cabeça.

Continuo tentando, mas não dá em nada, apenas chama. Pego um copo de água para as duas e Vinicius sussurra para mim um "*o quê que eu faço?*", eu apenas dou de ombros, porque a verdade, é que eu não tenho noção do que fazer.

Vou até meu computador na ideia de achar mais notícias do que aconteceu de fato. Meus amigos agora estavam sem teto e o noivo de outra não respondia.

Na internet só encontro tudo que já foi dito pela mulher do canal de notícias.

— Vamos ao local do acidente? – Digo voltando para onde eles estavam sentados. – Não é tão distante daqui, podemos ir andando.

Eles se levantam no automático e eu abro a porta, as meninas saem e seguem primeiro, Vinicius fica para trás.

— Não sei o que dizer à Gabi. – ele parece pensar mais do que o costume, não deve ser fácil ver sua casa e todas as suas coisas serem destruídas daquela forma.

— Não se preocupe. – digo quando chegamos as escadas. – Não há nada a se dizer.

Quando chegamos lá embaixo, seguimos pelas ruas andando devagar. Vivian e Ella estavam de mãos dadas, andando como se tivessem a esperança de nunca chegar.

Mais de vinte minutos de caminhada e vemos a poeira que já havia se dissipado, ao menos comparado com o que estava na TV.

A polícia e o corpo de bombeiros fizeram uma barreira de isolamento para os cidadãos não chegarem perto do local do acidente, lá parecia mais bagunçado do que esperei, realmente parecia que o caos estava instalado ali.

— Meu noivo, – Ella diz sem vontade a um senhor que vestia o uniforme da polícia. – ele trabalhava nessa obra. – ela aponta anestesiada pelo acontecimento.

O policial olha para mim e eu estou com as mãos apoiadas nos ombros de Ella.

— Já temos trinta e cinco mortos confirmados. – ele diz, mostrando a lista escrita à mão. – Os corpos dos trabalhadores foram mais fáceis de identificar por conta do crachá, mas os moradores do prédio ao lado... Teremos que esperar reconhecimento de parentes.

— Foi encontrado algum sobrevivente na obra? – Digo e Ella me olha, ela não estava com coragem para ouvir aquilo ou perguntar, de alguma forma aquilo parecia mais real do que há alguns minutos atrás.

— Não. – ele diz com convicção, acabando com todas as esperanças. Ella se vira para mim me abraçando, ouço os soluços abafados e a abraço com força. – Procure o nome na lista. – ele diz.

Pego a lista de papel e vou descendo pelos nomes de pessoas que eu poderia conhecer, mas não conheço. Pessoas que estão deixando família, filhos, namoradas, amigos, pais e mães. Antes de chegar ao final da lista, dou uma olhada ao meu redor e vejo várias pessoas abraçadas e inconsoladas. Tragédias apenas acontecem.

Volto para a lista e encontro o nome dele, eu nunca torci tanto para ver aquele cara novamente, mas isso machucava Ella e eu não suporto mais vê-la sofrer. Sinto-me um completo idiota por ter sumido no último mês, e agora ela está sofrendo tudo outra vez.

Entrego a lista de volta e Ella me olha nos olhos na esperança que eu não confirme o que já haviam dito. Procuro por Vivian e Vinicius que estão falando com os bombeiros.

— O que eu faço, Nick? – Ella diz enxugando as lágrimas. – O que direi aos pais dele?

Ia ser difícil. Começamos a nos afastar e vejo Vivian e Vinicius nos acompanharem. Vamos

caminhando de volta. Eu ainda estava com o braço em volta do pescoço de Ella quando chegamos a meu prédio.

— Será que podemos tomar um café? – Vivian diz, nos fazendo parar na frente da cafeteria.

— Claro. – Ella diz com a voz rouca, entramos e nos sentamos na mesma mesa que dei um banho de café em Ella no nosso reencontro, como eu queria que nada disso tivesse acontecido. Sento ao lado de Ella e seguro sua mão. Ela suspira e aperta ao me olhar, tão desolada que eu não sei o que fazer.

— O que você vai querer? – Pergunto, olhando em seus olhos.

— Pode ser café. – ela fala quase inaudível.

— Você não pode beber café. – Vivian fala baixo, segurando a outra mão de Ella. – Beba um suco natural.

Fico sem entender, mas Ella apenas assente com a cabeça e eu vou até o balcão. Sara ainda é a atendente. Ela vira cheia de gracinha e eu apenas não reajo, não estou muito afim de flertar agora.

— O que foi, gato? – ela diz e eu me mostro impaciente, isso não é algo que eu queira que Ella veja. – Sua namorada?

Olho para Ella que está ouvindo o que Vinicius diz e me volto para Sara.

— Amiga. – digo sério. – O noivo dela acabou de morrer. – parece surreal, isso tudo parece muito surreal.

— Oh... – ela diz, desarmando o sorriso. – O que vai querer?

— Três cafés e um suco de melancia. – lembro que Ella ama suco de melancia.

— Eu deixo lá. – ela diz e eu agradeço em um sussurro.

Sento— me ao lado de Ella novamente e seguro sua mão, aproximando—me mais de sua cadeira. Eu queria coloca—la no colo e fazer sua dor sumir. Alguns minutos depois, Sara traz o pedido para a mesa.

— Sinto muito pelo o que aconteceu. – Sara diz, se direcionando para Ella.

Ella diz um "obrigada" sem vida e Sara retorna para o balcão.

A próxima hora foi silenciosa, tomamos nossas bebidas, mas não tivemos estímulos para sair dali. Ella continuava encarar o copo a sua frente, algumas vezes respirou para falar, mas não fez.

— Acho que você deveria descansar um pouco. – Vivian quebra o silêncio, Ella faz sinal de negativo. – Você precisa pensar e estando cansada não chegará a lugar nenhum.

— Mas eu não quero ir para casa. – Ella diz resistente.

— Fique comigo. – digo sem pensar. – Quando você estiver preparada te deixo em casa.

Vivian me olha com um pouco de reprovação e agradecimento ao mesmo tempo. Ela sabe de alguma coisa que eu não sei, mas o que importa de verdade é o bem—estar de Ella nesse momento.

Depois de pagar a conta, subimos. Vinicius e Vivian foram para a casa dos pais, que já sabiam da notícia. Abro a porta e Ella se arrasta pela a entrada.

— Posso deitar na sua cama? – Ela fala, encarando a bagunça que está o sofá e todo o lixo que eu e Vinicius colecionamos enquanto assistíamos aos últimos episódios de Prison Break.

— Claro. – ela segue para o quarto, deitando na cama. Eu tiro seus tênis e cubro suas pernas com o cobertor, ela fecha os olhos e resolvo sair do quarto, mas sinto sua mão me segurando e eu paro.

— Fique comigo. – seus olhos me encaram e eu resisto no começo, mas resolvo me deitar.

Ela se enrola ao meu corpo e eu sinto o cheiro de seus cabelos, o que me faz lembrar da nossa noite juntos. Algumas perguntas me vêm à mente, será que Eric sabia? Ou será que ela se arrependeu?

Sinto suas mãos desenharem a estampa da minha camisa e eu encaro seus dedos finos fazerem o movimento. Mas o silêncio permanece, eu não digo nada mas não posso evitar a lembrança do seu toque da outra noite.

Seus dedos sobem até meu rosto e ela se ajeita para me encarar. Contornado meu rosto com as pontas dos dedos ela avança em um beijo inesperado. Mas eu não recuso, eu quero aquele beijo mais do que ela, eu estava com fome daquilo, uma espécie de abstinência.

Suas mãos começam a descer, insinuando que ela quer algo a mais, mas não acho correto. Isso pode ser um escape para sua dor, ela pode vir a se arrepender disso.

Para sua mão e afasto meu rosto para olhá-la.

— Vá descansar. – digo calmo. Eu a quero, mas não assim. Não quando ela está muito vulnerável.

Beijo seus lábios outra vez e ela fecha os olhos e me levanto para deixá-la sozinha, preciso me acalmar, independentemente da situação, ela mexe muito comigo.

Dando um último sorriso, ela abraça meu travesseiro e dá um suspiro profundo.

Gabriela

Abro os olhos e a única coisa que vejo é escuridão, tateio o lugar onde estou deitada e me lembro o que aconteceu, encontro um celular e aperto o botão de desbloquear para ver as horas e logo percebo que não é o meu. No visor, está estampada uma mensagem que diz o seguinte.

"Quando sua amiguinha for embora, me avisa, gato."

Isso me vem como um tapa na cara e eu me sento com pressa na cama. Passo as mãos em meus cabelos e vejo um feche de luz embaixo da porta, levanto da cama e me dou conta de que eu realmente dormi muito. O celular acende a luz iluminando o quarto e eu não resisto em olhar a mensagem que chegou.

"Poxa, gato... não vai dá para esperar, que amiguinha inconveniente!!!"

Faço cara feia para celular como se ela pudesse me ver. Chegou a hora de ir embora. Levanto— me, arrumo meu cabelo e calço meus tênis. Abro a porta e dou de cara com Nick comendo. Jogo o celular na direção e ele segura no ar.

— Sua *rapidinha* está mandando mensagens. – digo e ele arregala os olhos. – Já estou saindo de sua vida Nick, espero que possa aproveitar.

Eu estava de luto e com ciúmes. Eu era doente.

— Não vá, Ella. – ele diz, me alcançando. – É tarde, venha comer, amanhã cedo te deixo em casa.

— Eu preciso estar livre para chorar. – digo, eu me sentia dura por dentro.

— Deixe— me ser quem vai enxugar suas lágrimas hoje. – ele diz, mas aquilo não me desmonta, pego meu celular em cima do balcão e bato a porta, a mistura de sentimentos me rondando são muito imprecisos.

Depois de descer uns sete degraus vejo Nick me acompanhar.

— Sei que está doendo muito, – ele diz, mas o que ele sabe? Sou eu a pessoa que carrega um saldo positivo de mortos na família. – Deixe ao menos eu te levar em casa.

Ele para na minha frente, jogando todo seu charme. Ele não queria sorrir, mas estava fazendo. Desvio do corpo dele me espremendo pelas as laterais.

— Não, Nicholas. – o sinto novamente atrás de mim. – hoje não.

Eu estou destruída, arrasada. Eu menti, eu traí e eu fiz coisas erradas. Eu estou sendo punida por não ser uma pessoa correta. Todas aquelas coisas que minha mãe falava eram verdade.

Coisas ruins atraem coisas ruins. Paro o primeiro táxi que vejo, mas Nick o dispensa antes que eu possa entrar.

— Que droga, Nicholas! – digo batendo o pé, eu só quero sumir. – Deixe— me ir.

— Não vá. – ele diz segurando meu pulso e pedindo gentilmente. – Você não parece bem, fique

aqui essa noite.

Meu coração está cheio de raiva. Não sei explicar. Eu quero descontar nele. Puxo meu braço com força e passo a mão onde estava a mão dele.

— Não vou, Nicholas! – grito para ele. – Deixe— me em paz, isso tudo é culpa sua.

Grito e ele fica sério. Não sei bem o que é culpa dele, mas eu preciso culpar alguém.

— Culpa minha? – Ele aponta para si mesmo, sua expressão muda como se eu despertasse a fúria que dormia. – Do que você está falando?

Levo minhas mãos à cabeça, como essa conversa começou? Do que eu estou falando? Ele continua me encarando e algumas pessoas nos observam de longe.

— Sim, Nick. – digo mais baixo. – Eu não deveria ter dormido com você.

Ele se aproxima de mim, ficando a poucos centímetros de distância, posso sentir sua respiração e minhas pernas ficam fracas.

— Diga— me que você se arrependeu, Ella. – ele me olha nos olhos, eu não me arrependo nem por um segundo e é por isso que estou sendo punida. – Diga— me que não é exatamente o que você quer fazer agora, você está com raiva porque seu noivo está morto e a única coisa que você pensa é em transar comigo.

Sem pensar eu dou um tapa tão seguro em seu rosto e me arrependo no primeiro segundo que me toquei que eu fiz.

— Me perdoa, Nick. – ele vira as costas e sai andando. As lágrimas escorrem por meu rosto. Eu só faço besteira, uma atrás da outra.

Ele abre o portão e eu o paro antes que ele possa alcançar as escadas.

— Não, Ella. – ele diz ao se virar, a entrada estava praticamente escura.

Eu puxo seu corpo forte para o meu e seguro sua nuca. Ele resiste para que nossos lábios não se toquem.

— Eu não vou cometer o mesmo erro duas vezes. – ele puxa o próprio corpo escada acima.

Ele estava certo. Coloco a mão em minha barriga, pedindo desculpas ao nosso filho. Ele não saberá dessa criança.

Pego um táxi para casa. O taxista me trata como turista e eu apenas fico calada. Eu preciso ficar quieta. Meu coração dá umas pontadas e eu apenas não queria ter voltado para essa cidade.

Desço na porta de casa, entro e vejo que meu pai está vendo TV sozinho, agradeço mentalmente por não ter que lidar com Maria agora.

— Filha? – ele diz vindo em minha direção. – Achei que ia ficar na casa do Nick hoje. – ele me abraça e vamos até o sofá. – Ele ligou do seu celular, você está bem?

Encosto em seu peito e começo a chorar. Era bom estar em casa, eu amava tanto meu pai, ele me entende como ninguém nunca entendeu. Fico ali, sentindo o cheiro de segurança, esse era o cheiro dele. O

lugar para onde posso sempre voltar quando estiver perdida.

— Preciso ligar para os pais do Eric. – levanto— me e meu pai segura meu braço.

— Eles já sabem. – uma lágrima desce por meu rosto e eu me sinto perdida. – Apenas fique aqui.

Volto a deitar no colo do meu pai, mas sou atingida pela a lembrança da briga com o Nick, acho que devo falar com meu pai. Não será justo dizer que vou embora, sem dizer o real motivo.

— Pai... – digo me sentando e o encarando, seus olhos curiosos analisam minha expressão, provavelmente para ver se tem alguma pista do que vou dizer. – Algo errado aconteceu.

— O que você quer dizer com algo errado, filha? – engulo em seco e sinto vergonha.

— Eu acho que vou passar um tempo na casa da tia Mônica. – sua expressão parecia mais confusa do que quando eu comecei a falar. – Ela já havia me chamado para me juntar ao escritório dela, e acho que agora seria uma boa.

— Entendo, filha. – ele diz, segurando minhas mãos. – Mas achei que você estava formando clientes aqui, não me parece justo fugir agora.

— Eu não estou fugindo, pai. – digo um pouco rude, realmente estava fugindo. – Mas eu preciso que o senhor saiba de tudo antes que eu vá, e mais ainda respeite minha decisão.

— Você está me assustando, querida. – ele diz com o olhar mais encabulado que ele pode expressar.

— Eu estou grávida. – ele sorri ao ouvir, mas desmancha o sorriso quando vê que continuo séria. – Mas não é do Eric. – ele solta minha mão e eu resolvo continuar – Eu sei o que você está pensando, pai.

Fico inquieta.

— Então quem é o pai? – ele diz ainda meio confuso.

— Nicholas. – ele arma um sorriso e eu sinto uma raiva por dentro, eu não quero meu pai feliz, meu noivo morreu e eu estou grávida de outro cara. – Mas pai...

Ele me interrompe, realmente estava feliz.

— Isso é fantástico. – eu meio que odeio meu pai agora. – Vocês vão ficar juntos?

— Você não acabou de ouvir o que eu estava falando? – digo, me levantando e indo para a cozinha. – Meu noivo morreu hoje, pai! – eu grito, fazendo minha garganta doer. – Eu o traí, eu traí a promessa que fiz a ele.

— Vocês ainda não eram casados. – ele justifica. – Filha, você ama o Nick.

— Apenas pare! – digo, bebendo um pouco de água. – Nick não vai saber dessa criança tão cedo, não depois da briga que tivemos hoje.

Ele se aproxima e eu fico confusa, a droga do meu noivo está morto e minha preocupação é sobre Nick não me querer.

— Filha, – meu pai fala e para, pensando mais um pouco. – não será justo com ele, esse filho pertence igualmente aos dois, não existe mais pai ou menos pai, é uma criança que foi gerada do amor de

vocês dois.

As lágrimas travam minha garganta e eu seguro o choro.

— Não, pai. — digo sem conseguir segurar as lágrimas. — Essa criança foi gerada da minha falta de caráter.

Deixo meu pai sozinho e vou para o meu quarto. Encontro os dez testes de gravidez na lixeira e passo a mão na barriga outra vez.

— Desculpa por tanta mudança de humor hoje. — digo, me olhando no espelho. — Mas esse foi o dia em que minha vida mudou, desculpa por você ouvir o que seu pai falou. — é estranho dizer isso, mas mesmo assim eu digo. — Eu amarei tanto você, tanto, que jamais sentirá falta de alguém.

Deito— me na cama sem tomar banho ou comer. Sinto meus olhos pesados, eu achei que não teria sono, mas eu estou caindo. Coloco um travesseiro entre as pernas e passo a mão na barriga uma última vez antes de cair em sono profundo.

Eu viajei para o enterro de Eric, foi um funeral simples, muitos familiares e amigos apareceram, Vivian e Vinicius também vieram comigo. Eu ainda não havia contado para Vivian minha decisão de ir embora e sei que ela não ia me apoiar. Depois de sairmos do cemitério, me despeço dos pais de Eric que estão, sem dúvida, mais desolados que eu.

Paramos em um restaurante antes de seguir viagem de volta para eu me organizar para minha partida, tudo já estava acertado com minha tia, ela já estava ciente de tudo, até da gravidez.

Chegando ao restaurante, o garçom nos entrega o cardápio. Eu terei que dizer a Vivian na frente de Vinicius e terei que suplicar para ele não dizer nada.

— Como está? — Vinicius fala como se estivesse lendo meus pensamentos. Claro que não estou bem!

— Estou bem. — minto. Eu estou bem de certa forma, mas acho que o problema sou eu, porque também me senti assim quando minha mãe morreu, normal.

— Que bom. — ele diz bebendo um pouco da água que o garçom trouxe. — Desculpa o Nick não ter vindo, ele ficou cuidando da agência sozinho, o Lucas ainda não voltou.

Eu sei que ele está falando a verdade, seria muita negligência deixar a empresa sem nenhum dono.

— Tudo bem. — digo sorrindo. — Eu entendo, apesar de saber que ele não acha isso.

Fico nervosa, acho melhor contar logo minha decisão, essa é a melhor forma de contar, arrancando logo o band-aid.

— Vinicius, — digo pegando sua mão. — somos amigos há quanto tempo?

— Não sei, Gabi... — ele diz pensativo. — Quatorze anos?

— Aproximadamente. — Vivian confirma.

— Eu preciso que você esqueça que é amigo do Nicholas. — ele me olha estranho. — Eu realmente

preciso que você seja só meu amigo nesse momento, são quatorze anos, Vinicius, acho que já passamos por muita coisa juntos para você me considerar.

Ele olha para Vivian e depois me olha.

— O que está acontecendo? – pergunta, preocupado.

— Eu estou grávida. – digo e eu tenho certeza que ele parou de respirar. – E é do Nick.

Ele congelou, ele está sem reação na minha frente. Eu não sei se sorrio ou se choro.

— Que porra é essa, Gabi? – ele diz depois de sair do transe.

— O que eu vou falar agora vai soar pior. – digo advertindo. – Eu estou indo embora.

— Puta merda, Gabriela! – ele grita no meio restaurante, batendo as mãos na mesa. – Você quer que eu deixe você ir embora, grávida do meu melhor amigo?

Vivian me encara e tenta acalmar o marido ao mesmo tempo, estou nessa, tenho que encarar os dois de uma vez só.

— Não é isso Vinicius... – tento soar calma, eu não tenho certeza do que eu quero fazer, isso não era bom naquele momento. – Eu quero que você seja meu amigo, assim como a Vivian. Eu e Nick tivemos uma briga feia, eu dei um tapa na cara dele.

— Porra, Gabriela! – Vivian fala levantando os braços. – Uma atrás da outra?

Eu tenho que sorrir, até para mim começa soar ridículo.

O garçom anota nossos pedidos e nos deixa sozinhos novamente.

— Eu fiz tudo errado. – digo em meio a uma confissão. – Eu traí meu noivo, que está morto, e eu não sei se agradeço ou enlouqueço pelo fato... – começo a falar sem pausa – depois de receber a notícia sabe o que o que foi que eu fiz? Deitei na cama do meu ex e o beijei. – dou uma pausa e respiro fundo. – Pedi para que ele deitasse comigo enquanto eu chorava pelo meu noivo morto, isso é ridículo, eu sou ridícula... Depois eu acordo, vejo o celular do meu ex e lá está uma mensagem de uma vagabunda qualquer. – digo já demonstrando irritação, porque sim, aquela mensagem me mostrou que o que eu fiz é errado, ele dorme com várias, eu poderia ter pegado uma doença em vez de ficar grávida. – E eu fiquei com ciúmes, eu morri de ciúmes, eu fui embora, mesmo ele pedindo para eu ficar. – minha voz sai trêmula, eu já estou chorando. – E quando ele falou a verdade na minha cara eu o bati, eu o bati tão forte que até agora sinto minha mão doer.

Vivian senta ao meu lado e me abraça.

— Amiga, – ela diz segurando meu rosto com as duas mãos. – o que ele disse que a deixou tão furiosa?

— Ele disse que eu queria transar com ele. – confesso, com um pouco de vergonha e Vivian sorri. – Que meu noivo estava morto e eu só pensava em transar com ele outra vez.

— Me poupe de sua vida sexual, Gabi. – Vinicius faz cara de nojo.

— Eu só tive tanta raiva porque era verdade... – falo baixinho, escondendo o sorriso cínico que aparece em meu rosto. Nada do meu comportamento é apropriado. – Prometa que não vão dizer nada.

Olho para os dois e eles se olham tentando decidir.

— Só por um tempo. – sugiro.

Eles assentem com a cabeça e eu me sinto mais leve. Eles eram como uma família para mim, e eu os amava muito.

Mudamos de assunto quando a comida chega, não tocamos em assuntos como gravidez ou morte, falamos da nossa infância e adolescência.

Quando chegamos em casa, começo a arrumar logo tudo, tiro as fotos do porta-retratos e coloco de volta no álbum, Eric parecia tão feliz e isso me faz sorrir.

— Acho que agora você sabe o quão puta eu sou. – digo sorrindo de volta para foto.

Ele deve me odiar. Meu pai me ajudou a tirar todas as roupas de dentro do armário, tinha tão pouco tempo que eu havia feito o caminho contrário com elas.

Maria ficou questionando e trazendo mais porquês à equação dos motivos de eu estar indo embora. Eu expliquei que precisava de um tempo e que logo voltaria, eu precisava refrescar a memória e nada melhor que uma viagem.

Ela me pediu muitas coisas emprestadas e eu emprestei. Eu estava odiando o fato de ter que ir embora.

No começo da noite resolvo ir à casa dos pais do Nick me despedir e deixar o projeto para que eles possam entregá-lo.

Toco a campainha e o portão se abre, a porta já está aberta e dona Adriana sorri para mim na entrada.

— Oi, querida. – ela diz quando chego na varanda. – Algo errado? – ela pergunta, me puxando para sentar.

— Não. – sorrio nervosa. – Só o projeto do Nick. – Entrego os papeis para ela. – Desculpa, mas é que vou tirar um tempo para pensar. – ela me olha sem entender.

— Como assim? – ela questiona, séria.

— Depois da morte do Eric, – finjo sinceridade. – eu fiquei confusa, mas minha tia, que também é designer, me chamou para me juntar ao escritório dela.

Sua expressão mostra que ela começou a entender.

— Segundo luto em menos de um ano querida... – ela mostra compreensão. – você precisa realmente de um tempo.

— Sim. – me sinto mais aliviada.

Porque eu realmente estava aliviada, mas olhando para a grama que estava à minha frente, muitas memórias me vêm à mente.

— *Nick!* – *Vinicius grita quando a garrafa aponta para mim.* – *Você poderá realizar seu sonho.*

— *Cala a boca, otário.* – *ele responde e eu fico sem jeito.*

— Não precisa me beijar se não quiser. — ele se levanta determinado.

— Farei esse sacrifício. — nos levantamos e vamos mais para o canto perto do jardim.

Ele segura minhas mãos e desce sua boca até a minha. Sinto vontade de vomitar, eu odeio ser beijada. Mas, mesmo assim, minhas pernas tremem e minhas mãos pingam de suor. Aquela sensação era única. E eu era muito nova para entender.

— Filha? — dona Adriana chama minha atenção. — Tudo bem?

— Sim. — falo ainda olhando para o lugar onde dei meu primeiro beijo. — Diga ao Nick que no projeto tem uma amiga que vai finalizar, eu realmente não posso.

Levanto-me e me despeço, ela me abraça.

— Espero que você encontre o que está procurando. — dou um beijo em seu rosto e saio.

Caminho até minha casa, me despedindo de tudo aquilo.

Entrei no avião para uma viagem de sete horas, me muni de revistas, MP3 e besteiras para passar o tempo entediante. O avião decola e eu sinto que estou fazendo a coisa certa. Fugindo!

Nicholas

Minha velha vida de volta, tudo que mais quis e agora eu tenho. Todos me avisaram que Ella foi embora, isso não poderia ter acontecido de outra forma, ela sempre foge quando as coisas ficam difíceis.

Termo de analisar os layouts que o designer me enviou da nova campanha, Vivian e Vinicius já foram embora, mas combinamos de nos encontrar em um bar ainda essa noite.

Sara voltou a me procurar e decidi apresentá-la aos meus amigos. Eles fizeram cara feia, mas permitiram eu fazer o convite.

Quando chego em meu prédio, Sara está sentada nas escadas e isso me assusta. Ficamos algumas vezes nos últimos meses, mas resolvemos deixar rolar. Sem rótulos, só dois adultos se curtindo.

— Oi, gato. – ela vem em minha direção. – Demorou.

A seguro pela cintura e ela me beija, é um beijo apenas de luxúria. Nada mais. Não me vejo levando Sara para conhecer meus pais. De forma nenhuma.

— Foi mal, gata. – repito essa mania que aprendi com ela. – Muito trabalho, o Lucas já está quase voltando em tempo integral, então ficarei mais livre.

Ela pega minha mão e vamos subindo até meu apartamento. Chegando lá, ela joga a bolsa cheia de coisas em cima do sofá.

— Só vou tomar um banho. – falo, apontando para o quarto.

— Será que podemos nos ajudar nisso? – ela desce do salto e tira a roupa, ficando nua ainda na minha sala. A arrasto para o banheiro.

Isso estava muito gostoso de se fazer.

Chegando no bar, avisto de longe Vinicius, que acena para mim. Caminhamos até lá passando pelas pessoas que fazem uma multidão em um espaço tão pequeno. Nós estamos no mesmo bar que beijei Ella quando ela voltou para cidade.

— *Hey man.* – cumprimento Vinicius. – Essa aqui é Sara.

Ela estende a mão para Vinicius e ele sorri de volta.

— Oi, Sara – ele fala e eu puxo a cadeira para ela sentar, mas ela recusa.

— Deixa eu ir primeiro cumprimentar minhas amigas que estão no bar.

Abro passagem para ela passar e Vinicius me olha, depois olha para ela sumindo em meio à multidão.

— Muito gostosa. – ele fala, encarando sua silhueta. – Não diga à minha esposa.

Sorrio, esse comentário não me atinge.

— Então, – falo enquanto encho o copo de cerveja. – cadê Vivi?

Ele vira o copo de cerveja e eu sei que ele está tentando mudar de assunto.

— Ela viajou.

Mexendo no celular, ele tenta mudar de assunto, eles não tinham o costume de viajar separados. Fico esperando que ele termine de engolir a cerveja e continuo.

— Para onde ele foi sem você? – ele ergue as sobrancelhas sabendo que não pode escapar.

— Ela foi visitar Ella. – diz como se estivesse bêbado.

Apenas ignoro, teria sido bom Vivian ter me avisado isso antes, apesar de ter um tempo que Ella viajou. Na verdade, pensando bem, já tem bastante tempo. Pelo menos seis meses, eu acho. Sara volta para a mesa e traz um copo de bebidas com ela.

— Vamos dançar, gato? – ela chama, me puxando pelo braço.

Apesar de não gostar muito de dançar, resolvo ir. Sempre que o nome de Ella é citado, eu revivo o nosso último encontro, o que me deixa irritado.

Depois de dançar da forma mais sexy que alguém consegue, Sara resolve que devemos nos beijar, ali mesmo no lugar daquela loucura que era a pista de dança.

Começo a achar seu comportamento fora do normal, mas ela parece estar se divertindo. Abrindo a micro bolsa que ela leva consigo, ela tira um saco cheio de comprimidos esverdeados.

— Quer uma droga do amor, gato? – ela diz, parecendo em uma leve *vibe* de euforia.

— Isso é êxtase? – pergunto quando ela coloca o comprimido em minha mão.

— Sim, gato. – ela tenta colocar o comprimido em minha boca. – Você hoje vai ter o sexo da sua vida.

Seguro a mão dela antes que ela consiga forçar a entrada do comprimido

— Você está louca? – digo tomando o saco de comprimidos da sua mão. – Podemos ser presos, porra.

Vou saindo da pista de dança e sinto a mão dela tentando me tocar, mas sem sucesso, seus dedos apenas escorregam por minha camisa.

— Que porra é essa, Nick? – Vinicius pergunta apontando para minha mão.

— Essa louca comprou drogas. – estou puto da vida, esses dias já passaram.

Ela senta ao meu lado emburrada e eu viro a cerveja que estava lá. Eu estou me enganando, isso não é o que eu quero para diversão.

— Vou levá-la para dormir na minha casa. – pego o dinheiro da conta e jogo na mesa. – Amanhã eu termino com ela.

Ele apenas assente com a cabeça e eu seguro o braço de Sara, puxando— a pelo bar. Pego um táxi e seguimos direto para minha casa. Ela falava coisas que eu não entendia, mas também não me esforçava

para saber.

— Você é um grande otário, Nick. — está com a língua pesada. — Você precisa parar de pensar em sua ex, ela te odeia, ela apenas acha que você é um perdedor de bosta.

Ignoro o que ela está falando, mas ela volta a falar.

— Você estragou sua chance. — ela aponta para minha cara, eu odeio que levantem o dedo para mim. — Ela agora vai encontrar outro, que vai dar tudo que você não deu. — ela cutuca o motorista. — Ele é otário. — vejo o motorista procurando os meus olhos no retrovisor. — Você só encontrará vadias como eu na sua vida, mulheres que só vão querer seu dinheiro, apesar de você ser o pacote completo porque você é muito gostoso, eu ficaria com você até se você não tivesse onde cair morto.

Quando o taxista para na frente do meu prédio, eu fecho a porta antes que Sara possa descer.

— Aqui tem duzentos reais. — entrego duas notas de cem. — Descubra o endereço dela e a leve para casa.

Ele assente com a cabeça e ela tenta explicar onde mora.

Sim, vou provar para ela que sou otário. Eu não me importo com o que esse tipo de mulher pensa de mim.

Demorou uma média de sete dias para Vivian voltar da viagem dela, mas depois do bar, não comentei mais nada com Vinicius, apenas ouvia algumas conversas entre eles que pareciam mais código de uma missão de guerra do que uma conversa de marido e mulher.

Lucas estava fazendo basicamente todo o trabalho de Vivian, apesar de que ela fez todo o trabalho dele quando ele estava fora.

Voltamos a ser os velhos amigos, sem corações partidos ou qualquer coisa que deixasse o clima estranho.

— O Luiz já começou a dormir a noite toda. — Lucas diz, levantando as mãos para o céu. — Já estava para enlouquecer.

Começamos a rir, a dose de cafeína na agência foi aumentada, nossa lista de clientes dobrou e quase não estávamos mais dando conta. E o Lucas sem dormir estava mais complicado ainda.

— O guri sabe o que faz. — digo, zoando meu amigo que não gostou muito.

— Trabalhar, Nicholas. — ele me repreende. — Trabalhar, porque se você não tiver o que fazer, fico agradecido de passar um terço do meu trabalho para você fazer.

E assim eram nossos dias. Depois de voltar da viagem à casa de Ella, Vivian voltou lá nos três meses consecutivos, mas não me deu notícia de Ella ou qualquer sinal de que ela voltaria.

Eu não liguei para a designer que Ella me indicou, aquela reforma era por ela, não por mim. Depois de Sara, dei um tempo de namoros, precisava de um tempo para colocar as coisas no lugar.

O amor e o ódio são sentimentos que podem ser confundidos dependendo da forma na qual você sente...

É pela pessoa certa?

É no momento certo?

Tem certeza que não é amor?

11.

Gabriela

Entro no quarto pela a última vez, mantendo a respiração rítmica para que eu possa aguentar a dor da contração. A médica disse que se eu andasse a dilatação aconteceria mais rapidamente.

Contemplo o mundo azul que ali estava, as paredes eram aquela azul que mais parecia a extensão do céu em um dia de verão. Olhei para os ursos nas prateleiras e abro a porta do guarda roupa para admirar as roupas tão minúsculas que estavam penduradas.

Ouço a voz de Vivian me gritando, e sou atingida por outra contração me fazer apertar a borda da porta do guarda roupa.

— Vivi – eu grito ao sentir uma poça de liquido transparente em meus pés – acho que minha bolsa estourou.

Ouço os passos de Vivian pelo corredor e ela aparece na porta do quarto.

— Já tem ritmo? – Ela diz pegando a bolsa que já estava pronta para irmos para maternidade. Apenas assinto com a cabeça e ela segura minha mão – Acho que vamos ter um bebê.

Sorrio entre lágrimas de alegria e não posso deixar de pensar no Nick. Eu não queria mesmo me arrependeu disso.

Vivian dirige meio apressada pelas ruas apertadas e eu fico com mais medo de um acidente do que do parto.

— Calma, Vivi – eu digo no banco de trás do carro – acho que Felipe irá precisar da mãe e da madrinha vivas!

Grito e ela diminui a velocidade.

— Serio? – Ela diz quase chorando – Você aceitou a minha sugestão de nomes e ainda me nomeia madrinha na mesma hora? Você quer me matar do coração enquanto eu dirijo?

Sorrio nervosa. Acho que Nick aprovaria essa decisão. Na verdade, essa foi a frase que mais usamos nos últimos meses. *Nick aprovaria isso? E aquilo?*

Por mais ameaças que Vivian tenha me feito, eu não cedi, quando chegar a hora ele vai saber. Quem sabe até lá ele me odeia menos?

Eu fiz tanta força, mas tanta força, que só aquele chorinho rouco me fez respirar novamente. Eu estava cansada, destruída, mas ele quando me sentiu, parou de chorar, e quem chorou fui eu. Eu chorei de alegria. Nossa, eu nunca me senti tão completa só olhando para uma pessoa tão pequena. Vivian também chorava, mas ela parecia mais descontrolada do que eu.

A enfermeira veio me avisar que iriam limpar ele e logo trariam para eu tentar amamentar.

Fico descansando no quarto e Vivian não sai do meu lado. Eu avisei ao meu pai, mas ele só conseguiu voar para amanhã. É uma viagem longa para vir de carro.

Ouçó Vivian me chamar e logo abro os olhos. Vejo a enfermeira com Felipe todo limpinho ao meu lado.

Colocando ele em meu colo e me ensinado a pegar corretamente, eu fecho os olhos com a dor da primeira sucção, mas mesmo assim não poderia estar mais feliz. Ele respira tão rápido, parece tão forte.

— Queria o Nick aqui – confesso e Vivian me olha com solidariedade.

— Ainda podemos resolver isso – ela diz mostrando o celular.

— Ainda não, amiga – digo baixinho – ainda não.

Continuo ali admirando meu filho se alimentar, algo tão simples e doloroso que sinto vontade de chorar. Eles colocam um bercinho ao lado da minha cama para que quando ele acorde eu possa logo amamentá-lo.

Mas uma vez não posso deixar de admirar ele e notar a semelhança absurda que ele tem com o pai.

Umás duas semanas depois do parto Vivian teve que voltar. Ela não podia deixar a agência por muito tempo, os meninos não estavam dando conta do trabalho. Eu senti a enorme vontade de contar logo tudo e acabar com meu próprio sofrimento.

O berço do Felipe ficava ao lado da minha cama. Eu me sentia mais tranquila à noite sabendo que meu homenzinho estava aqui. Apesar de que Vivian fez eu instalar um sistema de segurança com vídeo no quarto dele, mas eu não deixo ele ficar longe. É como se eu não pudesse mais viver sem ele. Só esse tipo de pensamento me faz querer chorar. Minha vida agora tem sentido.

Depois de um cochilo, eu acordo e fico ao lado do berço admirando aquela miniatura. Sua pele tão clara e seus cabelos quase loiros indicam que ele ficará mais parecido com Nick do que comigo. Meus cabelos sempre foram negros e meus olhos também; já o Nick tem o cabelo num tom claro de castanho e olhos castanho— esverdeados, exatamente como o de Felipe.

— Ei, meu amorzinho – digo pegando ele no braço e sentando na cadeira de balanço que eu mantinha no quarto – Vamos mamar um pouco?

Ele abre os olhos preguiçosos e logo se agarra ao peito. Fico mexendo em meu celular tentada a fazer a tal ligação, mas não faço. Bloqueio a tela de volta e jogo em cima da cama.

Essa ligação ainda vai ter que esperar um pouco.

Entre idas e vindas de Vivian, meu pai e Maria, eu morria de saudade sempre que eles iam embora, mas claro que nunca disse isso a eles.

Quando Felipe fez sete meses eu voltei a ir para o escritório, o deixando em um hotelzinho. Meu coração doeu tanto e que eu parava o trabalho e ia chorar no banheiro. Minha tia já tinha me alertado que

seria difícil, mas você não espera que seja tanto assim.

Quando eu passava para pega-lo era a maior festa, tanto para mim quanto para ele. Eu amava tanto meu pequeno, mas cada vez mais me certificava que ele seria a copia do pai.

O primeiro ano passou voando, Felipe começou dar os primeiros passos quando completou onze meses, e foi uma alegria só, nesse dia meu pai estava aqui conosco. Ficou todo besta, mas foi lindo ver meu bebê crescendo. E, claro que eu chorei, porque eu chorei no primeiro dentinho que nasceu, no primeiro “mama” e no primeiro “papa”.

Eu nunca disse para ninguém, mas sempre mostrei foto do Nick e disse que ele era o pai dele. Acho que em algum momento ele começou a entender, porque um dia vacilei e ele abriu a gaveta do criado mudo. Quando reparei, ele estava com todas as fotos nas mãos, me mostrou a do Nick e saio engatinhado e falando: “papa, papa, papa”.

Nesse dia também chorei.

Hoje ele faz um ano, mas dessa vez teremos outra pessoa conosco, alguém que vem conhecê-lo, mas ainda não é seu papai. Parte-me o coração ainda não estar pronta para dizer, mas eu estarei em breve.

Abro a porta e vejo aquele casal lindo em minha frente: minha melhor amiga e meu melhor amigo. A barriga de Vivi já estava muito grande e ela passou por cima de ordens medicas para estar aqui, já que ela corre o risco de entrar em trabalho de parto a qualquer momento... apesar de tudo, eu estava muito feliz por ela.

— Que bom que chegaram! – Digo abraçando os dois. Felipe já brincava com alguns amiguinhos.

— Bom te ver garota – Vinicius me abraça forte – aquele é meu afilhado lindo?

Assinto e ele sai para pegar Felipe no colo. Eles já pareciam íntimos.

— Oi amiga – Vivian me abraça – estou com fome! – Ela diz, mostrando cansaço.

— E quando você não está? – Caímos na risada. Essa era a frase que Vivian falava para mim quando eu estava grávida.

— Parece que o jogo virou, não é? – ela diz atacando os salgados.

Ali a festa continua, muitas crianças correndo e Felipe passando de um colo para o outro, apesar de gostar muito de ficar no chão.

Vinicius e Vivian ficariam mais uns dias conosco, meu pai logo voltaria para casa.

— Seu filho é simplesmente a copia do pai – Vinicius diz, admirando Felipe de longe.

— É sim – digo me lembrando de Nick.

— Se ele ver essa criança, com certeza ele saberá que é dele – Aquilo fica na minha cabeça... uma hora terei que voltar lá, principalmente quando o filho de Vivian estiver nascendo.

— Eu sei – digo sem ânimo.

— Acho que você já privou muito esse garoto, de uma figura muito importante que é o pai dele, Gabi – ele diz – vamos pensar em conversar com o Nick?

Apenas fico calada, fitando o chão.

Eu acho que nunca me sentirei pronta, não haverá momento certo ou errado.

Depois de dois dias inteiros de diversão, deixo Vinicius e Vivian no aeroporto. Já estava me acostumando com a presença deles.

Como deixei Felipe no hotelzinho, decido ir fazer as compras de supermercado e passar no salão também. Meu cabelo precisa de um corte.

Como o salão estava lotado, liguei para minha tia pegar o Felipe. Ia demorar mais que o normal. Sou atingida por uma onda de ansiedade e me lembro que Vivian ainda não me ligou para avisar que chegou. Dou uma olhada no celular e não vejo mensagem ou ligação dela.

Resolvo ligar para ela, o celular toca uma vez, duas, três, quatro... Quando eu acho que vai cair a ligação ouça a voz mais familiar que eu poderia esperar.

— Ella? – a voz diz do outro lado – Ella? – Eu continuo sem reação, porque Nick atenderia o celular de Vivian, isso é uma brincadeira, só pode ser – Droga Ella, me responde!

Ele esbraveja do outro lado.

— Desculpa – digo voltando a real – Nick?

Pergunto para ter certeza que não estou alucinado.

— Sim – ele fala nervoso – aconteceu um acidente.

Levo a mão à boca para segurar o grito.

— O que? – Digo entre lágrimas – Cadê Vivian? E o bebê?

Ouçó— o dar um longo suspiro, e deixar seu nervosismo aparente.

— Eles sofreram um acidente – ele diz impaciente – Porra, Ella – diz nervoso – Ambos estão em cirurgia agora.

— Calma, Nick – digo me levantando da cadeira de espera e saindo para o carro –, estou indo para aí Nick, continue me avisando o que está acontecendo.

— Tudo bem – ele diz do outro lado.

Desligo a ligação e ligo para uma empresa aérea que me reserva a passagem que custa uma fortuna. Passagens em cima da hora é algo para quando se tem imprevistos, não deveriam ser tão caras.

Ligo para minha tia no caminho para casa e ela já ajeitou minha mala e do Felipe. Nos deixando no aeroporto, eu não sei mais o que sentir. Seria a hora da verdade para mim, meus amigos não podem morrer, eu não aceitarei isso. Já perdi gente de mais nesses últimos anos, mais dois seria de mais, quer dizer, três... ainda tem o bebe.

Quando o avião pousou já era quase manhã, liguei para meu pai ir me buscar no aeroporto. Felipe ficou todo contente em ver o vovô dele, tanto que esboçou um “vovô” embolado. Meu pai quase chorou quando ouviu.

Chegando em casa vou para meu antigo quarto descansar até o dia amanhecer completamente.

Quando vejo a claridade, pulo da cama, chamo Maria para fazer companhia a Felipe e vou me arrumar.

Depois de um banho rápido, me troco e vejo que Maria não está mais no quarto.

Saio atrás deles e encontro meu pai na cozinha fazendo café.

— Cadê Maria e Felipe, pai? – digo não vendo movimentos dos dois dentro de casa.

— Foram na padaria – ele diz tranquilo e me bate o desespero.

E se eles encontrarem dona Adriana no meio do caminho? Ou o pai de Nick? Porra!

— Não era para ter deixado – abro a porta no desespero e saio correndo pelo jardim.

A padaria ficava três casas depois da casa Nick. Antes de alcançar o portão ouço grito de choro de Felipe e isso me faz correr desesperada até o portão. E ficar congelada, paralisada com a cena que vejo em minha frente.

Sinto minhas pernas vacilarem e meu coração parar. Felipe está em pé não mais chorando, mas com o joelho todo arrebentado e meu coração dói. Meu coração dói por ver meu filho machucado e meu coração dói por ver que ele acabou de conhecer o pai.

Nick está agachado falando com o filho, limpando sua mão.

Quando me aproximo, ouço ele perguntar.

— Quem é sua mamãe, garotão? – Felipe apenas repete mamãe, mas Nick não vai desistir.

É impossível não ver que aquela pessoa pequena em sua frente era seu filho, seu cabelo castanho iluminado no sol, seus olhos pequenos expressivos... Qualquer pessoa notaria a semelhança.

— Maria – digo me aproximando. Nick fica em pé pegando Felipe no colo – vá para casa.

Aponto em direção ao portão e Felipe brinca com a gola da camisa de Nick. Estendo os braços para pegar Felipe e ele se recusa ainda brincando com os botões na camisa do pai.

— Então, quer dizer que não tem dois anos que você foi embora – ele diz pausadamente – e você me aparece aqui com uma criança que já anda e fala, Gabriela?

Fecho os olhos e não sei o que responder, eu ainda não estava pronta para aquele reencontro.

— Nick – eu tento, parece surreal, eu ensaiei como seria o caminho todo, mas isso envolvia café, não ele segurando o filho nos braços – eu quis falar, juro que eu quis te dizer – ele fica distraído Felipe – mas não parecia justo.

— Não parecia justo, Ella? – ele grita raivoso – é justo ter um filho e nunca saber?

Vejo meu pai se aproximar. Ele apenas fica entre nós dois e pega Felipe no colo entrando de volta para casa. Felipe ainda bate as pernas resistindo não sair do colo.

Eu fico ali parada sem saber o que dizer.

— Ah, Gabriela – ele diz em um tom ameaçador – é melhor você me dizer porque infernos você fez essa merda, porque eu juro que se você não tiver uma boa desculpa, eu vou te processar até conseguir tomar meu filho de você, porque isso não é normal, Ella, uma pessoa normal não faria isso.

— Me perdoa, Nick – digo chorando.

— Chega de pedir perdão, Gabriela – ele diz passando a mão nos cabelos – você só faz uma merda atrás da outra!

Ele vira as costas e sai andando, e como outras tantas vezes eu fiquei congelada, sozinha, com aquela dor, com aquela sensação que estou afogando. Eu mereço de verdade que ele me odeie. Afinal nesse exato momento eu também me odeio.

12.

Nicholas

Eu já me senti perdido algumas vezes. Meu suposto ódio sobre Ella era superficial, mas, agora, eu tenho motivos. Tento administrar o sentimento estranho e a raiva que brigam dentro de mim depois dos últimos minutos lá fora, que só eram, supostamente, para levar o lixo.

Abro a porta de entrada e encontro meus pais sentados, tomando uma xícara de café. Eles me olham assustados, até que sou atingido pela realidade.

Luiza vem da cozinha, segurando uma caneca e sorri para mim. Tento mudar a expressão, mas não

sei como agir, não sei mesmo.

— Oi amor. – ela diz me encarando. – Algo errado?

Eu não falo nada, apenas fico parado, inerte, ainda estou processando o que acabou de acontecer. A imagem daquela pessoa tão pequena, aos prantos e minha angustia de lhe consolar e depois tudo o que veio depois disso.

— Eu vou ao hospital. – digo ainda aéreo. – Vou levar as coisas de Vivian e do bebê.

— Eu vou com você, amor. – Luiza fala, eu não posso lidar com ela agora, não mesmo.

— Lu, é melhor você ficar. – digo e ela sorri sem graça para mim. – Vivian está fragilizada, não é um momento para receber visitas de pessoas que não são tão próximas.

— Mas Vivian é como uma amiga para mim, Nick – ela argumenta e olha para minha mãe, como se pedisse ajuda.

Vou até meu quarto, ignorando o fato de que não sei o que fazer e pego as malas que arrumei antes de vir para cá falar com meus pais.

Ela me segue. Eu conheci Luiza em um momento bacana da minha vida, mas, como eu quis ser franco com ela, contei parte de minha história com Ella. Uma história que, para mim, já havia acabado, ao menos para mim, mas agora, agora eu não sei.

A imagem da criança na minha cabeça fica vindo e eu esboço um sorriso, encarando o espelho.

Antes de sair do quarto, lembro que tem fotos minhas de quando criança no criado mudo e pego uma. É como me olhar no espelho, eu nunca vi alguém parecer tanto comigo, porque eu, afinal, sou uma mistura de minha mãe e meu pai e, como não tenho irmãos, ninguém se parece comigo.

Eu quero vê— lo, eu preciso saber o que eu perdi. Outra vez eu a deixei ir, meu orgulho falou mais alto e então a deixei partir pela segunda vez. Começo a sentir que isso tudo é minha culpa.

Quando eu coloco as fotos de volta na gaveta, minha mãe entra no quarto.

— A Ella já chegou? – minha mãe pergunta, se aproximando e me olhando, tentando me decifrar.

— Sim. – respondo, me levantando e escondendo o fato que olhava minha foto. – Eu a vi agora.

— Nicholas. – ela já vem me dar sermão. Minha mãe ama Ella, mas odeia como eu fico toda vez que ela parte. – Lembre— se que você está com a Luiza agora.

— Eu sei, mãe. – eu nem sei por onde começar. – Mas preciso ir sozinho ao hospital, eu preciso resolver um assunto muito sério com Ella, não pode esperar.

Ela me olha intrigada. Sim, porque, que assunto sério eu tenho com a minha ex? Se é que ela é minha ex, afinal, nem sei ao certo se tivemos alguma coisa ou se realmente terminamos.

— Tudo bem, filho. – ela diz tocando meu braço em um gesto maternal. – Mas depois converse com sua namorada.

Assinto com a cabeça e saio do quarto, passando direto para cozinha e saindo na garagem. Eu não vi Luiza antes de sair de casa.

Vou até a casa de Ella e entro pelo portão, que permaneceu aberto. Bato na porta e sou atendido por Maria.

— Hey, Nick. – ela me diz em um meio sorriso, Ella deve tê-la culpado pelo o que aconteceu

— A Gabriela ainda está aqui? – pergunto.

Quando ela abre mais a porta, vejo o garoto correndo sem muita coordenação motora em minha direção e não evito um sorriso. Depois de ver minha foto e vê-lo ali, parado, quer dizer, correndo em minha direção, eu não poderia ter dúvida alguma.

— Cadê a mamãe? – pergunto quando me abaixo para ficar da altura dele.

— Mama papa – ele fala como resposta e eu sinto uma forte sensação de dever cumprido.

— Oi, Nick – Sr. Sergio me cumprimenta. – Vi que conheceu esse moço.

Pego o garoto no colo e não consigo mais sentir a raiva, não mesmo. É como se ele me acalmasse. Eu acho que apenas o amo. Parece loucura, mas eu não sinto vontade de pôr ele no chão de forma alguma.

— Sim – digo outra vez com um sorriso, eu não posso amar tanto essa criança que eu nem sabia que existia e odiar a mãe dele, eu preciso saber o motivo que a fez ir embora. – Preciso que Ella vá para o hospital comigo.

— Ela já está terminando. – ele diz apontando. – Vamos, Lipe?

Ele diz e o menino faz que não com a cabeça.

— Vai com o vovô. – digo colocando— o no colo do avô, ele vai, ainda resistindo. – O papai volta mais tarde.

Sr. Sergio sorri em aprovação e eu deposito um beijo no topo da cabeça do meu filho.

Ella se assusta ao me ver parado na porta, mas lhe ofereço um sorriso amistoso e ela parece mais tranquila.

— Posso te dar uma carona? – Ela olha para o pai depois para mim como se não tivesse muita confiança. – Vamos apenas conversar.

Seu pai dá espaço para que ela passe, ela anda lenta, não parecia mais a mulher que foi embora. Ella estava diferente outra vez.

Entramos no carro e logo outro acesso de raiva me vem e tenho vontade de gritar com ela, mas não faço, não será assim que ela vai abrir o jogo comigo.

— Você acha que eles ficarão bem? – Ella diz com a voz cheia de preocupação.

— Possivelmente. – digo, sem ter certeza de nada e com a cabeça a mil. – Tiveram que fazer a cesariana de urgência.

Ella volta a ficar calada.

— Você não poderá negar nenhuma resposta. – digo em um tom ameaçador, chega de ser amistoso.

— Eles já podem receber visitas tão cedo? – Ela diz desconfiada.

— Não. – digo indo para meu apartamento. – Nós estamos indo conversar em minha casa. Ella, você vai me explicar tudo do começo.

Ela não se mostra assustada ou algo assim. Apenas fica sem expressão. Encosto o carro no estacionamento reservado para moradores e subimos os dois, cansativos lances de escada.

Entramos no meu apartamento, que parecia intacto desde a última vez que Ella veio aqui. Puxo um banco no balcão para ela sentar e me sento à sua frente, ela parecia pronta para isso.

— Vamos conversar como adultos. – digo sério, um olhar perdido e nostálgico estava estampado na cara dela. – Por que, Ella?

Uma lágrima escorre em seu rosto, todos esses anos, todas essas idas e vindas e eu ainda não tinha superado essa mulher. Ela parece meu pecado.

— Nick... – um soluço escapa junto com meu nome, mas eu não desarmo, eu continuo sério lhe encarando. – Eu não sei, eu estava mais perdida quando fui embora do que quando eu cheguei, eu sei que fiz uma besteira atrás da outra. – ela chorava e soluçava, parecia sincera. – Mas eu sofri, Nick, eu fiquei com medo da sua reação.

— Quem mais sabe? – pergunto e ela suspira. – Vivian, Vinicius? – apenas assente. – E o Lucas? – nega com a cabeça – Você fez meus amigos mentirem para mim! – eu grito para ela. – Eles escolheram você ao invés de mim.

Eu não podia controlar toda a raiva que surgia pelos sentimentos misturados.

— Eles não escolheram, Nick. – diz, tentando me convencer. – Eu pedi, eu estava machucada, eu descobri a gravidez na manhã que o Eric morreu. – me assusto com essa informação. – Eu poderia até não ter sentimentos por ele, mas ele seria meu marido, ele foi meu amigo e me ajudou a superar a morte de minha mãe, por mais que eu não tenha ficado muito abalada, ele estava lá por mim, Nick. – tomando fôlego, ela continua. – Me perdoe, Nick, se eu só faço uma merda atrás da outra, mas tudo isso é culpa minha, só minha, eles não concordaram. – confesso que fico um pouco mexido, ela perdeu a mãe, depois o noivo, eu a deixei ir... – E agora eu posso perder duas pessoas que só me apoiaram Nick, a pessoa que viu nosso filho nascer, trocou a primeira fralda, Vivian estava lá. Ela estava lá! Eu sei que você me odeia, você só dormiu comigo porque eu insisti...

Isso não é verdade.

— Não fale assim. – digo, mas ela estende a mão, pedindo para eu parar.

— Foi, Nick. – ela fala com a voz mais limpa e o choro controlado. – Nós transamos duas vezes na mesma noite, porque eu quis.

— Eu também quis. – tento tirar a culpa dela, aquela bagunça, muita coisa de uma vez só.

— Eu não poderia simplesmente te entregar um exame dizendo que estava grávida, não depois de bater em você, Nick. – isso me faz lembrar daquele dia, eu a feri com palavras e ela deu a resposta em um tapa. – Você falou a verdade e eu te bati, porque não podia suportar a ideia de você saber que eu o queria desesperadamente.

Isso me gera um sorriso interno. Eu a queria tanto naquela noite, ela estava triste e desolada e eu queria arrancar tudo dela. Eu a queria, como na noite em que dormimos juntos pela primeira vez, ou pela

única vez.

— Ella... – digo, já não sei se tenho raiva. – Nós dois dissemos coisas ruins um para o outro, não foi certo.

Ela já está mais tranquila.

— Desculpa por não ter deixado você estar lá. – sinto a sinceridade em sua voz. – Sei que nunca vai me perdoar, mas espero que possamos conviver com isso, afinal, ele é nosso filho.

Pego suas mãos que estavam em cima da mesa.

— Por ele, eu tentarei meu melhor. – estou mais tranquilo, não posso perder tempo brigando, isso me afastaria dele. – Espero que você também possa deixar o passado para trás.

Ela se levanta e me abraça. E uma onda de excitação corre por dentro de mim. Eu nunca vou superar essa mulher. Isso é a única coisa que eu tenho certeza.

Ouçã a porta se abrir e congelo. Droga! Agora eu tenho outra merda para arrumar.

— Amor? – ouço a voz de Luiza. Sinto Ella ficar rígida e se afastar rapidamente. – Está tudo bem?

Ella olha para mim e olha para Luiza sem entender.

— Luiza... – falo, ainda meio desnorteado. – Está tudo bem, eu estava apenas conversando com Ella, quer dizer, Gabriela. – elas não param de se encarar e eu fico sem reação. – Gabi, essa é minha namorada, Luiza.

Luiza entendeu tudo em um segundo, mas Ella não parecia se incomodar tanto. Ela tinha certeza que já não havia mais nada entre nós e uma pontada de desapontamento surge dentro de mim.

— Oi, Luiza. – Ella diz com a voz falha de tanto chorar. – Se você quiser, posso ir para o hospital sozinha.

— Não. – digo e Luiza parece não acreditar no que vê. – Lu, fica aqui se quiser, mas eu e a Ella vamos ao hospital, eu já expliquei o motivo de não te levar.

Aproximo-me dela e ela me beija. Não me sinto bem com o gesto.

— Tudo bem, amor. – ela responde. – Quando voltar estarei aqui, não demore.

Ela diz em uma provocação.

Na primeira noite em que dormi com Luiza, eu estava bêbedo e, durante o sexo, eu a chamei de Ella ao menos umas três vezes. Como eu sei? Ela comentou na agência e a notícia se espalhou como uma praga. Fiquei sabendo, mas nunca comentei. Ela parece ignorar o fato e eu também deixei para lá. Logo depois, tive uma conversa franca com ela sobre meu passado com Ella, em um momento de desabafo, contei a história.

Resumindo, nosso relacionamento foi ficando sério, mas não tão sério. Ela conheceu minha mãe sem querer e se apresentou como namorada. Minha mãe, como é sempre gentil com todo mundo, apenas a aceitou.

Ela abre espaço e Gabi passa um pouco tímida. Seguimos em silêncio pelo percurso. Hoje foi o dia

que as coisas aconteceram do jeito menos planejado possível.

No hospital, somos permitidos entrar antes do horário começar, pois alguém conhecia minha mãe, que é dona de um grande restaurante aqui na cidade. Agradeço a gentileza e entramos no quarto.

Vivian está deitada com uma boa aparência. Eu seguro uma mão e Ella a outra. Abrindo os olhos, ela olha um pouco para um e um pouco para outro.

— Hey. – sua voz sai baixa. – Gabi está aqui, Nick.

— Sim. – respondo. – Ela está aqui, sim. – ela sorri, mas parece estar dopada. – Descanse que iremos visitar sua princesinha, já voltamos para ver você.

— Você viu o Lipe? – ela diz, ainda direcionada para mim. – Ele é um amor, não é?

— Sim. – falo, passando as mãos em seus cabelos. – A criança mais linda que já vi. Agora estamos indo ver a segunda criança mais linda que eu verei em toda minha vida.

Ela sorri e fecha os olhos. Ella sorri sem graça e solta sua mão. Eu pareci mais confortável com o fato de ter um filho e já amá-lo assim, em questões de horas. É simplesmente inexplicável.

Vamos devagar pelos corredores, não conversamos ou nos olhamos no percurso. Quando chegamos ao berçário, chamamos a enfermeira para nos informar como está a bebê.

Ela vem até a porta, nos encontrando do lado de fora.

— Como está a bebê? – Ella pergunta ansiosa.

— Ela está ótima. – a enfermeira diz. – Apesar dos acontecimentos, só temos um problema, estamos com o estoque de leite baixo e a mãe dela não pode dar o leite por vários motivos, inclusive porque ainda não tem.

— Eu posso doar. – Ella diz e a mulher olha estranho para mim e depois para Ella. – Ela é filha da minha melhor amiga e eu ainda amamento meu filho.

— Nosso filho. – digo sem sentir e a enfermeira olha outra vez estranho para mim. Sim, eu quero dizer que tenho um filho.

— Sim. – Ella me repreende com um olhar. – Nosso filho ainda mama.

— Claro. – a enfermeira se anima. – Você pode me acompanhar? Iremos testar seu leite e, depois de aprovado, pode doar. Ou, se você preferir, pode dar para direto do peito.

Ella arregala os olhos e fica sem jeito.

— Não sei. – diz sem jeito. – Eu teria que falar com Vivian primeiro.

— Não acho que precise. – digo segurando em seu ombro. – Ela ficará agradecida e só serão algumas vezes.

Ela fica mais confiante pelo incentivo. A enfermeira faz algumas perguntas para Ella, mas eu não posso ouvir, porque continuo aqui for, no corredor, encarando elas conversarem em sussurros dentro do berçário. A enfermeira pega a menina e coloca no colo de Ella e eu não evito me sentir desapontado por não ter visto essa cena antes, por não tê-la visto amamentar nosso filho pela primeira vez.

Mas aquela cena é linda, por mais que seja a filha do meu melhor amigo, saber que Ella pode ajudá-la faz eu me sentir melhor.

Continuo parado, encarando, admirando. Ella canta para ela, falando bem perto do seu ouvido, enquanto a coloca para arrotar, ao menos é o que parece daqui. Eu jamais poderei esquecer esse momento. Ella está uma mulher admirável com aquela criança em seus braços.

Decido deixar o passado para trás e deixar que eu veja essa versão dela com mais clareza.

Gabriela

Eu tive receio de contar a Vivian sobre a primeira vez que amamentei sua filha, mas depois que Nick falou tudo de uma vez só, eu já não podia voltar a atrás. Segurar aquela vida frágil em meus braços me deu uma vontade louca de fazer tudo outra vez. Sim, eu queria, Felipe é a criança mais calma que eu já vi.

Eu retirei leite suficiente para alimentar a bebê pela noite toda. Nos despedimos de Vivian e resolvemos ir para casa. Foi estranho. Nick estava mais calmo, na verdade eu não esperei esse tipo de atitude dele. Eu achei que iria enfrentar uma batalha quando chegasse aqui. Mas não foi, ele admitiu um pouco o erro e eu admiti os meus. Mas me surpreendi pela a falta de gritos e discussões.

— Vamos comer algo antes de ir para casa? – pergunta, chegando no estacionamento, a noite tinha acabado de chegar e eu estava sentindo falta de Lipe.

— O Lipe está me esperando. – respondo sem jeito, eu não gosto de comer sem a companhia dele. – Ele passou o dia sem me ver.

Ele não esconde o sorriso e parece adorar a ideia.

— Eu ainda não falei aos meus pais. – eu esqueci deles, todo o drama que vem com essa notícia. – Mas hoje eu não estou afim de resolver isso.

Suspiro mentalmente.

Ele abre a porta do carro em um ato de gentileza e eu agradeço. Sento—me, encarando os outros carros, espero ele entrar para seguimos para casa, mas ele apenas entra no carro e fecha a porta.

— Eu tenho uma ideia louca. – ele diz e eu demonstro dúvida para que ele possa justificar. – Eu tenho que comer, você também, poderíamos pegar o Felipe e irmos para minha casa, só comer, sem conversa ou briga.

Uma onda de excitação me atinge e eu fico nervosa, eu não queria que aquela ideia me deixasse nervosa dessa forma. Sem brigas, era uma coisa quase mágica, mas eu sei que Nick não está fazendo isso por mim, ele está fazendo por Felipe.

— Mas o Lipe... – começo a falar, mas paro, ele não está pedindo nada de mais, apenas uma refeição com o filho, afinal eu já o privei por um ano. – Tudo bem, mas Lipe assiste TV à noite e você não tem ideia do que são aqueles desenhos chatos e cantantes.

Ele sorri e dá a partida. Eu gosto desse Nick, esse, na verdade, foi por quem eu me apaixonei uma vida atrás. Gentil, preocupado, atencioso.

— Eu vou sobreviver. – espero que tudo fique bem. – Você pode não demorar na hora de pegar as coisas? Eu não quero que meus pais me vejam.

— Parece justo. – não seria bacana ter essa discussão depois de um dia exaustivo.

Chegando em minha casa, desço rapidinho. No caminho eu havia mandado um SMS pedindo para

meu pai separar algumas coisas. Lipe já estaria pronto quando eu chegasse.

Em questões de minutos volto para o carro, aproveitei e peguei uma roupa para eu tomar banho. Eu realmente preciso de um banho e quando voltarmos mais tarde estarei muito mais cansada.

Entramos no banco de trás, Lipe fala na língua que só ele entende e Nick responde balbuciando os mesmos sons.

Não encontramos os pais de Nick, acho que primeiro ele quer traçar alguma estratégia para que dona Adriana não vá do amor ao ódio em minha relação e isso me parece um grande plano.

Meu pai, por outro lado, me disse algumas palavras de aprovação em relação ao Nick e sobre irmos jantar com ele agora. Meu pai sempre foi contra, assim como meus amigos. Mas eu me mantive forte com minha opinião.

Nick pega Felipe no colo, que vai, mais uma vez, com satisfação, admirando de perto a figura do pai. Eu tento não parecer uma idiota olhando daqui, mas acho impossível, a semelhança parecia deixar a situação pior. E toda essa aceitação também.

Subimos as escadas, chego morrendo, claro, porque, diferente do Nick, nunca pisei em uma academia, isso é lamentável. Mas ele, aparentemente, parecia fiel desde a última vez que o vi, no dia daquele tapa desnecessário.

— Pizza? – pergunta, colocando Felipe no sofá, que logo desce e fica encarando a TV gigante a sua frente no canal de desenho.

— Ótima ideia. – respondo simples, sem cerimônias. – Eu até trouxe o pijama desse moço, ele não gosta de trocar de roupa, só nisso que dá trabalho. Eu sempre coloco o pijama cedo, porque se ele ficar com sono e eu for trocar é um show digno da *Broadway*.

Ele sorri e encara a miniatura que segura um brinquedo nas mãos. Depois de fazer a ligação, eu já havia trocado a roupa de Felipe, que ficou mais comportado por encarar os pinguins de Madagascar dando cambalhotas. Ele via sempre um pouco de TV antes de dormir.

Acomodo-me no chão, vigiando Felipe assistir ao desenho. Essa seria a hora que Vivian me ligaria em uma chamada de vídeo para me convencer a falar logo com o Nick. Fico meio para baixo ao pensar em minha amiga, espero que Nick também deixe seus sentimentos para lá em relação aos nossos amigos.

Sinto a presença de Nick e me assusto, levando a mão ao coração.

— Desculpa. – ele diz em pé, ao meu lado. – Tenho uns edredons, podemos colocar aqui para ficar mais confortável.

Assinto com a cabeça e ele aparece com, ao menos, quatro edredons. Pego Felipe no colo para que ele possa organizar tudo. Ficou uma cama perfeita. Lipe logo se joga e puxa os outros brinquedos.

Sinto meus olhos pesarem. Eu não dormi nada essa madrugada e agora estou caindo de sono.

— Posso tomar um banho? – pergunto e Nick aponta para o quarto. – Não vou demorar.

— Leve o tempo que preferir. – ele diz, ajudando o filho a montar uma torre de lego. – Estaremos aqui quando voltar.

Assim que termina de falar, ele volta a atenção para Felipe. Sorrio com o cuidado dele e pego minhas coisas, indo para o banheiro.

Chegando ao banheiro, me lembro da aliança perdida. Sinto uma pontada que não sei o que significa, mas eu sinto. Lembro que foi aquele dia que me trouxe aqui hoje.

Me encaro no espelho vendo meus olhos negros com um contorno escuro ao redor, meu cabelo parecia mais bagunçado do que o era de costume.

Entro de cabeça na água, meu corpo relaxa mais e eu sinto meus pensamentos mais leve. Mas, na verdade, não tive muito tempo para processar tudo. Faço uma lista mental das últimas 72 duas horas.

- Aniversário
- Vinicius e Vivian voltando para casa
- Vinicius e Vivian não me ligando
- Nick atendendo minha ligação
- Eu voltando para casa, com uma criança.

Parecia loucura mesmo.

Depois de me trocar, vou para a sala e me surpreendo pelo que vejo. Felipe está deitado com a cabeça no colo do pai e Nick está passando as mãos no cabelo dele, encarando a TV. Tento não fazer barulho e me sento ao lado de Nick. Desviando seu olhar para me encarar, ele sorri.

— Eu peguei a pizza. – ele diz em um sussurro. – Quando voltei ele estava deitado e quando sentei ele apoiou a cabeça no meu colo.

— Ele, às vezes, dorme assim. – digo ajeitando os brinquedos. – Mas, sério, estou com muita fome.

Tentando não se mover muito ele consegue tirar a cabeça de Lipe do colo. Saio, fazendo movimentos ninjas, porque é isso que você aprende quando é mãe: não fazer barulho. Principalmente nos primeiros dez minutos de sono, senão, vai tudo por água abaixo.

Vamos para o balcão e só o que fazemos é comer. Mecanicamente. Eu não esperava conversa, não mesmo. Mas sinto o cansaço voltando e a vontade louca de dormir me atingindo.

Depois de comer, voltamos para sala. Ainda silenciosos. Pulamos por alguns canais até parar em um que reprisava séries antigas. Mas meu corpo parece pesar uma tonelada assim como meus olhos.

— Temos que ir. – digo, pegando a mochila que já estava arrumada. – Eu estou muito cansada, muito mesmo.

Ele não me olha, mas, quando começo a levantar, sinto sua mão segurar a minha.

— Fique. – ele diz sério e meu coração saltita dentro do meu peito. – Fiquem aqui comigo essa noite.

Eu encaro seus olhos e não consigo evitar de ficar feliz.

— Não sei se será uma boa... – eu já não tinha mais sono, porque, por um motivo desconhecido, eu estava borbulhando dentro. – Sua namorada tem a chave, não acho que seria interessante ela entrar e nos

ver aqui, assim.

Ele não muda a expressão e continua a segurar meu braço.

— E daí, Ella? – ele diz meu nome tão suave... Não faça isso Nicholas, não acorde esse sentimento de novo. – Acima de qualquer coisa, vocês são minha família e se ela quiser ficar comigo, terá que aceitar vocês aqui.

Dói saber que ele quer que ela aceite. Mas compensa em saber que ele pensa em nós como família.

— Eu só não quero causar mais problemas. – ele fica em pé ainda segurando minha mão.

— Você não vai. – ele diz mais perto, sinto meu coração dar uma pequena pane. Ele solta minha mão e passa por mim, indo até o quarto e volta com um travesseiro – Deite com ele, eu fico aqui no sofá.

Pego o travesseiro e deito na pilha de edredons.

— Não acho que aí vai ser confortável. – não parece mesmo, acho que não há sofá no mundo que seja confortável. – Deite em sua cama.

— Não quero deixar vocês aqui sozinhos. – ele diz, se ajustando ao sofá.

— Não estaremos sozinhos, Nick. – eu justifico. – Você estará no outro cômodo.

— Mas não estarei com vocês. – ele esboça um sorriso envergonhado.

— Já que é assim... – digo deitando e colocando Lipe para o meio. – Deite do outro lado, será mais confortável.

— Eu posso machucá-lo. – ele diz encarando a miniatura deitada.

— Mais fácil ele machucar você, Nick. Tem espaço suficiente para nós três.

Com cuidado, ele deita no espaço, que era maior que qualquer cama de casal. Tinha espaço para mais umas três crianças ali entre nós dois.

Deitamos um de frente para o outro e não evito lhe encarar. Nesse momento eu não queria só olhar para ele. Eu queria tocar nele. Meu maior medo não era Nick saber que tinha um filho, mas sim vê-lo outra vez.

— Desculpa, Nick... – eu não iria parar de me desculpar. – Por tudo.

Sinto as lágrimas se juntarem e descerem involuntariamente. Ele estende a mão e segura a minha.

— Não precisamos disso hoje. – ele diz, passeando seus dedos sobre os meus. – Apenas durma, isso ficará para trás, eu prometo.

Ele continua segurando minha mão e o gesto me acalma, me fazendo dormir.

Abro os olhos e tento reconhecer o espaço, rodando na cama improvisada eu encontro Lipe com as pernas jogadas sobre a barriga de Nick e não evito sorriso. Era a cena mais linda que já havia visto.

Vejo Nick abrir os olhos e olhar estranho para Felipe muito confortável sobre o seu corpo.

— Ótima forma de dormir... – ele diz, esticando os braços. – E eu estou mesmo precisando ir ao banheiro.

Não esperava ouvir isso. Puxo Felipe para cima de mim, como ele estava acostumado a fazer quando acordava. Ele ainda vem dormindo, mas logo acordaria. Ele sempre acorda muito cedo. Nick vai para o banheiro e eu ligo a TV, a essa hora já está passando desenhos.

Felipe acorda com a música do programa, já esperto, mas ainda deitado no meu braço.

Nick deita ao nosso lado outra vez depois de voltar. Estávamos ali, como uma família fazendo suas atividades rotineiras, até ouvirmos a chave girar e a porta se abrir, e ouvi os passos de saltos baterem no chão.

— Então, você está em casa? – Nick olha assustado para a namorada que estava ali, em pé, com os braços cruzados na frente do corpo.

— Lu... – ele diz se levantando. – Nós precisamos conversar.

— Acho que precisamos mesmo, Nick. – ela debocha.

Ele se levanta e a arrasta para cozinha. Felipe o procura, mas o sofá toma a visão, voltando para a TV. Ouço alguns murmúrios, mas não dá para entender. Fico com vergonha e resolvo sair. Mas a conversa parece demorar e percebo que já terei que ir para o hospital.

Me levanto, pegando as coisas de Lipe e ele bate as pernas por não querer sair da frente do desenho.

— Nick... – digo e ele se levanta, vindo em minha direção. – Eu preciso ir, meu pai já irá sair para o trabalho e tenho que ir para o hospital.

— Eu levo vocês. – ele diz me olhando nos olhos.

— Eu pego um táxi. – digo, já saindo com pressa, aquilo era embaraçoso.

— Eu levo vocês. – ele repete, segurando meu braço.

— Eles pegam um táxi, Nick! – a namorada dele diz, em pé, observando tudo. – Não é nada demais.

Puxo meu braço com delicadeza e ele solta. Abro a porta, desço as escadas e chego quase sem respirar na saída.

Me sinto estúpida por estar indo embora da casa de um cara a essa hora da manhã, com uma criança nos braços, ainda de pijamas. Parece que estou fugindo. E isso não me agrada.

Paro um táxi e sigo para casa. Confesso que não queria voltar assim, sozinha para casa com meu filho, mas eu não poderia esperar que tudo fosse perfeito.

Nicholas

Estou respirando, tentando controlar a raiva. Luiza ainda está falando, questionando e enchendo meu saco. Eu não quero ter que terminar com ela por causa disso, quero que ela entenda e fique ao meu lado nesse momento.

— Por que sua ex dormiu aqui? – diz com a voz aguda, me incomodando. – E, afinal, que história é essa que vocês têm um filho?

— É complicado. – tento encurtar o assunto, eu preciso pensar em uma estratégia para facilitar a vida de todos.

— Assim? – ela diz gesticulando, fazendo uma cena – Do nada? Como você não sabe que teve um filho?

Eu a encaro, eu tento manter a calma, mas está difícil.

— Ainda não quero conversar sobre isso... – ela parece que irá explodir. – Você não vai compreender, minha historia com Ella é mais complicada do que você pode imaginar. Você só precisa saber que eu tenho um filho e qualquer decisão que eu tomar será baseada no bem— estar dele. Se ele tiver que vir morar comigo ou algo assim, você apenas terá que aceitar.

— Não, Nick! – ela esbraveja, fazendo sua voz circular por todo apartamento. – Essa mulher é mais esperta do que você pensa. – ela diz, apontando para a porta – Ela quer você de volta, porque infernos ela voltaria aqui? Por que ela não pegou essa criança e foi embora para sempre?

— Porra, Luiza! – grito, sobrepondo a voz dela. – Não questione minhas decisões, aquela criança a quem você se refere é meu filho, sangue do meu sangue. Se você me conhecesse mais um pouco você saberia que eu não viraria as costas para um filho.

Ela me olha assustada e eu não desmonto. Seus olhos ficam cheios de lágrimas. Eu queria que ela desaparecesse dali. Mas, ao invés disso, ela se recompõe e fala:

— Desculpe, Nick. – agora ela me lembrava vagamente a Luiza que conheci. – Eu assumo, estou com ciúmes. Eu terei que dividir você com eles e isso não parece justo, pense pelo meu lado, você não tinha ninguém, agora tem uma família com a mulher com quem você tem um relacionamento de vida inteira.

Volto a me sentar, menos tenso do que há um minuto e olho a hora. Eu não tive tempo de ver como Ella e eu falaríamos com meus pais. Resolvo mandar uma mensagem e ver o que ela sugere. Estou impaciente para falar logo com eles. E, conhecendo— os como eu conheço, logo saberão que foi minha culpa mesmo.

— Não posso lidar com suas crises de ciúmes agora. – digo, indo para o banheiro. – Vou tomar um banho, tenho que ir na casa dos meus pais e depois ir para o hospital.

— Posso tomar banho com você? – ela sugere, me alcançando e passando as mãos por minha cintura, eu a coloco em minha frente, dando um beijo em sua testa.

— Agora não. – digo, depois que já a soltei. – Eu preciso correr.

Não olho para trás, não quero ver seu rosto agora. É muita coisa para lidar de uma única só vez.

Depois de ter combinado tudo com Ella por SMS, eu dei carona a Luiza até a agencia e fui para a casa dos meus pais. Mas, ao invés de estacionar na porta da minha casa, estacionei na porta da casa de Ella.

Antes que eu possa tocar a campainha, o portão se abre. Felipe e Ella estão rindo, ele solta uma gargalhada contagiante e eu me pego rindo sem saber ao menos o motivo.

— Do que estão rindo? – pergunto e ele se joga em meu colo.

— Nada. – Ella diz com um sorriso que mostrava praticamente todos os dentes. – Apenas estávamos correndo e ele achou divertido.

Vamos andando devagar pela calçada, eu realmente estou nervoso. Espero que minha mãe reaja bem.

— Desculpa por hoje de manhã... – Ella diz, com as mãos dentro do bolso de trás do seu jeans. – Eu não quero criar problemas.

— Você não criou. – digo, obviamente não vou trazer toda a conversa que tive mais cedo. – Luiza entendeu depois que conversamos, eu que quero pedir desculpas por não ter trazido vocês em casa.

— Eu não vim andando, Nick. – ela diz em um tom de brincadeira. – Vim de táxi, irei superar.

Ela dá um empurrão de leve em meu braço com o seu e eu sorrio para ela.

Nós não nos damos bem há tanto tempo, que era difícil lembrar de Ella leve. Sem dramas.

Chegamos à minha casa e ela solta um longo suspiro. Acho que estamos ambos nervosos. Atravessamos o jardim e logo vejo que minha mãe nos avistou da janela. A porta se abre e minha mãe está parada na porta, com a cara mais assustada que ela poderia expressar.

— Oi, mãe. – digo ao entrar em casa e ela se afasta, sem parar de olhar para Felipe. – Temos que conversar.

— Só não sei se você conseguirá explicar. – ela diz se sentando no sofá.

Coloco Lipe no chão e ele logo se entretêm com os brinquedos que trazia em mãos. Ella se senta ao meu lado, mas minha mãe ignora nossa presença.

— Pode chamar meu pai? – pergunto e minha mãe parece não piscar.

— Oh Paulo! – ela grita ainda extasiada pela miniatura à sua frente.

Ouçõ os passos pesados do meu pai se aproximando, sua expressão denunciava a loucura que aquilo deveria parecer para eles.

— Que é isso, Nick? – meu pai pergunta, já observando Felipe no chão, eu não sabia por onde começar, não sabia mesmo. – Esse menino... – ele fala, se agachando perto de Lipe.

— É seu filho? – minha mãe termina a frase e eu seguro a mão de Ella.

Nos olhamos e apertamos nossas mãos. Eu realmente não sei em qual parte eu me tornei tão passivo.

— Sim. – ouço a voz de Ella, que me desperta para a realidade. – E eu quero que vocês me perdoem por isso, eu quero, um dia, poder explicar toda essa confusão e como isso deve me fazer parecer ridícula.

Quando me dou conta, eles estão sentados no chão e Felipe entrega os brinquedos para eles e depois toma de volta. Essa brincadeira se repete. Eles apenas olham para ele brincando.

— Eu não quero saber dos problemas de vocês. – meu pai diz, ainda ignorando nossa presença. – Mas espero que não descontem nele. – ele levanta a cabeça e nos olha. – Nicholas e Gabriela, apenas não queremos saber o que aconteceu, essa parte não nos importa, apenas não compliquem mais nada.

Ella me olha sem entender e muito menos eu. Eles pareciam saber.

— Sergio conversou conosco ontem. – minha mãe assume, Sr. Sergio veio se certificar que a verdade não fosse tão dura com eles e eu agradei mentalmente. – Ele estava com medo da nossa reação.

Olho para Ella, que apenas dá de ombros. Eles já nos esperavam hoje.

— Acho que vocês têm dois amigos no hospital. – meu pai diz, nos expulsando. – Acho que vocês deveriam ir.

Ella fica em pé como se entendesse que aquilo era um convite para se retirar.

— Ele ficará conosco, não é? – minha mãe pergunta, ficando em pé. – Faço questão, sou ótima com crianças, vocês não irão demorar mesmo.

Assinto para Ella que faz o sinal de volta. Não acho boa ideia irritar meus pais, depois de toda reação amigável não queremos causar problemas.

— Por mim, tudo bem. – Ella diz e meus pais ainda ignoram nossa presença. – Só vou chamar a Maria para ficar aqui caso a senhora precise de ajuda.

Eles não respondem, sigo Ella para o lado de fora, mas, antes, nos despedimos de Felipe, que parece não se importar por a mãe estar indo embora.

Eu não sei bem o que falar, então eu fico calado até chegarmos a saída.

— Você vai comigo? – pergunto para Ella, que encarava o lado oposto.

— Não, Nick. – ela diz, meio sem jeito. – Eu encontro você lá.

Vamos comigo – insisto e sinto uma mão em meu ombro, quando vejo aquela mulher loira ao meu lado.

— Oi, amor. – Luiza diz e Ella desvia dela, nos deixando sozinhos.

Eu não digo nada, apenas a observo andar pela calçada até sua antiga casa.

— O que faz aqui, Luiza? – ela revira os olhos.

— Apenas vim ver seus pais, amor. — ela diz e eu sinto raiva. — Não tinha muita coisa para fazer na agência, então decidi que faria uma visita à Adriana.

— Meus pais estão ocupados, você não vai entrar aí. — eu não a quero perto de Felipe.

— Poxa, Nick. — reclama, colocando as mãos na cintura como se fosse me dar um sermão. — Depois que essa mulher apareceu você não liga mais para mim.

— Do que você está falando, Luiza? — finjo não entender, eu a estava excluindo sim. Por não saber o que pensar sobre essa nova fase.

— Precisamos de um tempinho juntos. — ela sugere, jogando os braços ao redor do meu pescoço. — Um cinema, ou um jantarzinho no restaurante da sua mãe, ou os dois e depois voltamos para sua casa e fazemos o que você quiser a partir daí.

Puxo meu corpo para me desvincular do dela, destravo o carro e entro, ela faz o mesmo. Minha paciência está zero.

— Onde posso deixar você? — pergunto quando chegamos a um semáforo.

— Hum? — resmunga, como se não entendesse bem.

— Eu estou indo para o hospital. — digo e ela liga o som do carro. — Você sabe o porquê não vai.

Ignorando o que estou falando, ela cantarola a música do rádio. Eu volto a me concentrar na direção, antes de perguntar outra vez.

— Onde posso deixar você? — ela revira os olhos. — Porra, Luiza! Não me irrita. Apenas me diga onde eu passo te deixar, meus amigos estão lutando pela vida, com uma criança que depende deles e você fica de gracinha, seja adulta, apenas me diga onde eu posso deixar você!

E outra vez ela me olha tão assustada que parece que vai chorar, mas eu não sinto vontade de abraçá-la, eu sinto vontade de não vê-la mais.

Paro em um sinal e ela sai do carro. Andando entre os carros parados, ela entra em um táxi. Eu apenas balanço a cabeça, como se aquilo fosse me acalmar.

Pensar em Ella e Felipe me acalma e até me pego rindo, lembrando de como ele parece tão perfeito de um jeito tão simples.

Chego ao hospital e me sinto perdido, era para Ella ter vindo comigo. Sento— me em um banco perto do estacionamento e fico matando tempo para ver se ela chega, para que possamos entrar juntos.

Mexo no celular e fico impaciente, esperar não era um esporte fácil de se fazer. Leio e releio meus e-mails. Mas, quase uma hora depois, o pai dela a deixa lá e eu sorrio. Seus cabelos tinham uma trança bagunçada e ela usava um vestido longo, que a deixava leve.

— Você demorou. — digo e ela sorri para mim.

— Nem tudo é perfeito. — espero que ela esteja ao meu lado para entrarmos juntos.

— Foi opção sua. — rebato.

— E nem poderia. — ela diz, nossas conversas começam com um simples comentário e viram as

brigas do século. – Cadê sua namorada?

— Não a quero aqui. – já estamos chegando ao elevador, a pressa para ver se estava tudo bem era maior que qualquer conflito. – É uma situação delicada, nós somos família.

— Obrigada por pensar assim, Vivian ia ficar puta com você. – ela fala de uma forma engraçada, levantando a sobrancelha.

— Eu sei. – digo, porque é verdade. Vivian é vaidosa e forte, se alguém que não tem tanta intimidade vê-la assim, é motivo para uma guerra.

Depois que chegamos ao corredor do quarto de Vivian, encerramos a conversa. Era preciso silêncio no corredor.

Abrimos a porta e, para nossa surpresa, estavam Vivian, Vinicius e a bebê. Todos juntos.

— Oi, família. – Ella diz baixinho ao entrar no quarto. – Como está a princesinha?

— Muito bem. – Vivian diz, embalando a filha no colo. – Graças ao leitinho da tia, não é, meu amor?

Entro em silêncio e vou até a cama de Vinicius.

— Que porra foi essa? – indago e ele ri. – Eu estou puto com você por tantos motivos, que é melhor você já deixar seu leito reservado para quando sair daqui.

— Poupe ele, Nick. – Ella diz, tocando meu braço e eu a olho em um reflexo. – Apenas deixe— o se recuperar.

— O que você quer que eu diga? – pergunto. – Que eu chorei ou algo assim?

— Não, Nick. – Vivian diz divertida. – Nós estamos bem.

Ella sorri. Somos amigos há tanto tempo que esse acidente veio como um balde de água fria. Não é uma notícia para a qual você tenha uma preparação prévia.

— Já temos nome para a princesa? – Ella pergunta, desviando o foco da conversa.

— Pensei em Isis. – Vivian diz, olhando para aquela pessoa minúscula. – Você acha que ela tem cara de Isis?

— Mas não é o nome da sua avó? – pergunto, me lembrando.

— Da minha avó e da minha bisavó. – olho para Vinicius, que parece ignorar o fato de que a filha vai levar o nome de alguém que nasceu há muito tempo.

— Eu também quero o nome da minha avó nela. – ele diz e Vivian lança um olhar nada amigável. – Mercedes.

Desdenhamos do nome e ele voltou atrás. Não ia ficar uma boa mistura.

— Quanto tempo para vocês saírem? – pergunto. Eles pareciam bem, o susto foi maior.

— Mais uns dois dias. – Vivian diz baixinho colocando Isis para dormir.

— Desculpa ter chegado no fim da visita. – Ella diz quando o enfermeiro passou para avisar que já

acabou o horário. – Mas depois voltarei.

Dou um beijo de despedida em Vivian. É melhor que eles possam descansar.

Esse acidente trouxe coisas agradáveis e desagradáveis com ele. Se eu pudesse escolher outra forma de ter sabido a verdade, logicamente teria escolhido, mas não foi. Preciso me acostumar com esse novo universo.

15.

Gabriela

Vivian e Vinicius estavam melhorando, assim como Isis, que por mais que tenha nascido de uma forma forçada, parecia bem e forte.

Depois que saímos do quarto, falamos com a pediatra, que não vê problemas de ela voltar logo para casa. Vivian já estava conseguindo amamentar depois de ter passado estresse.

Depois de sair do hospital, resolvo ligar para meu pai.

— Ele não atende. – digo para Nick, que me olha leve.

— Vamos comigo. – ele me chama outra vez, mas acho que isso pode lhe causar problemas.

— Você acha uma boa ideia? – pergunto com receio.

— Apenas uma carona, Ella. – ele diz descontraído. – Estamos indo para o mesmo lugar. E desculpa por mais cedo.

Apenas sorrio. Era muito difícil vê-lo com outra mulher, apesar de todo o tempo que já se passou. Mas, ainda assim, não temos nada, eu sei e também não posso cobrar nada dele, apenas aceitar.

— Esperei outra reação dos seus pais... – ele me olha como se concordasse em silêncio. – Eu realmente espero que vocês possam me perdoar um dia.

Ele acaba encostando o carro, porque sabia que dali iria sair uma conversa longa. Ele tira o cinto e se vira para mim.

— Eu nunca vou entender o que passou em sua cabeça. – ele diz lentamente, mas sendo sincero e compreensivo. – Por que você achou que seria mais fácil fazer sozinha?

Também tiro o cinto e me viro para ele.

— Eu não achei que seria fácil. – o passado me faz lembrar o quanto eu errei e isso me deixa estranha. – Só achei que seria demais chegar para você e dizer “hey Nick, estou grávida, vamos ao enterro do meu noivo?”.

— Desculpa, Ella. – ele pede, segurando minha mão, que estava apoiada em minha perna. – Foi muita coisa de uma vez só, eu entendo seu medo, a forma de como eu lhe tratei, nós transamos e eu fiz você ir embora da minha casa, aquilo não deve ter feito bem para você.

Sou atingida pela lembrança dolorosa e fecho os olhos por alguns segundos

— Não foi isso. – digo tirando a culpa que ele trazia para si. – Eu fui ingênua em pensar que depois

daquilo nós ficaríamos juntos ou algo do tipo.

— Não foi ingenuidade... – ele diz, ainda segurando minha mão. – Havia sentimentos reprimidos dos dois lados, foi normal você se sentir assim.

Sinto o calor de nossas mãos e isso acelera meu coração. Há muito tempo sonhei com esse toque novamente.

— Nick... – digo e minha voz sai baixa. – Acho que não podemos mais nos encontrar assim.

Eu sou idiota. Em dois dias tudo volta, por isso não voltei aqui antes.

— Por que não? – ele agora apoia a mão em minha perna e sua voz sai em um sussurro macio.

— Apenas não. – digo e encaro sua mão pousada, aquele lugar estava quase derretendo. – Nos ferimos demais, precisamos de uma relação saudável pelo Felipe.

— E nós teremos. – ele diz, se voltando para o celular que mostra que a mãe dele está ligando. – Desculpa, oi mãe? Tudo bem? – a mãe dele responde e eu fico ansiosa – Certo.

Ele encerra a ligação e eu o olho na expectativa.

— Era só para passar em casa e pegar umas coisas que ela tem que devolver para o restaurante. – sorrio aliviada, achei que tinha algo errado. – Podemos passar em meu apartamento primeiro?

— Claro. – colocamos o cinto e seguimos, encerrando o assunto. Não sei se teremos oportunidade de voltar ali outra vez.

Não estamos distantes e logo chegamos. Resisto em tomar um café, depois da amamentação reduzi a cafeína.

— Você vai subir? – Nick pergunta apontando para as escadas.

— Melhor não. – digo, vendo aquele Everest de degraus em minha frente.

Ele pega minha mão e sai me puxando degraus acima. Começo a rir e o ar vai faltando.

— Não faça isso. – ele diz quando eu tento parar. – Ou eu coloco você nas costas e te carrego para cima.

— Você não é louco. – antes que eu possa terminar me vejo de cabeça para baixo sendo carregada para cima.

Grito para fazer drama e logo já estamos na entrada do apartamento. Tento me controlar da crise de riso, ele me encara.

— Você é louco. – digo, tomando fôlego. – Estou velha, isso é difícil para mim.

— Falta de exercício. – ele diz abrindo a porta e vamos entrando no apartamento. – Eu sou mais velho e estou respirando normal e consigo pegar você só com um braço.

— Sério? – antes que eu termine a pergunta, ele me levanta, me fazendo rir. – Me coloca no chão. – grito.

— Só se pedir com educação. – ele diz provocando me encarando de baixo.

— Por favor. — ele me coloca e nossos corpos se chocam em um desequilíbrio meu. — Desculpa. — digo ainda rindo.

— Eu senti falta do seu sorriso. — ele diz ainda me segurando enquanto me ajuda a ficar em pé, aquelas palavras fazem eu me tremer toda de nervosismo, meu coração parece bater tão rápido que acho que vou precisar de ajuda para que ele volte ao normal. — Eu senti de verdade.

Eu não sei se tenho mais a capacidade de pensar, ficar em pé ou falar. Parece impossível fazer qualquer atividade que seja automática. Suas mãos seguram meu rosto e eu já me sinto amolecer.

Primeiro, ele beija o canto direito da minha boca, me fazendo fechar os olhos. Depois, ele vai até o canto esquerdo. Sinto seus lábios tocarem os meus devagar, parecia que eu estava imaginando, uma sensação de formigamento surge, fazendo cócegas e ele para antes de me beijar de vez.

Corro minhas mãos até sua nuca o puxando. Eu decido não perder tempo. Eu não me importo se ele tem namorada, ou seja, lá o que aquela mulher seja. Eu preciso de minha dose dele, e eu preciso agora.

Começo a tirar sua camisa e ele termina. Sem questionamentos. Apenas faz, ele me quer agora tanto quanto eu. Depois de jogar a camisa no chão, ele puxa meu vestido, me deixando só de calcinha e sutiã. Em um sorriso cínico, abro seu cinto.

Sem pressa. Apenas deixando nossas mãos passearem por nosso corpo.

— Eu já estou sem roupa. — digo em sua boca. — Você poderia deixar sua calça ai.

Ele nega com a cabeça. E mesmo assim eu abro e puxo, descendo por suas pernas devidamente malhadas.

— Acho que você será, para sempre, meu pecado. — Ele diz quando volto para sua boca.

— Espero ser para sempre o seu pecado. — digo olhando em seus olhos.

Ele seria, para sempre, meu erro. Mas eu não me importo.

Depois de chegarmos a cama, deixei ele me levar outra vez, permiti que ele me levasse dessa realidade. Como foi quando tivemos nossa primeira vez juntos. Eu não queria mais sair dali. Mas nossa realidade já irá nos chamar.

Nicholas

Eu não tenho a capacidade de pensar quando estou com Ella, deve ter sido por isso que a engravidei na nossa primeira vez.

Agora ela sorri satisfeita, eu admiro esse brilho natural que irradia sempre que estamos juntos. Não conversamos mais depois de sexo. Apenas rimos e conversamos sobre algumas coisas sem ligação direta com nossas vidas, seguimos a viagem para a casa da minha mãe.

— Sua mãe deve estar se perguntando onde estão as coisas. — ela diz me olhando, ainda com um sorriso em seus lábios.

— Provavelmente. — digo, antes de estacionar na porta da casa da minha mãe. — Você já vai pegar o Lipe?

— Se você não se importa, irei botar ele para descansar. – ela diz depois que descemos do carro.

— Eu poderia ajudar. – digo.

— Se você quiser... – ela diz arrumando a trança.

Chegamos à porta e ela logo se abre. Maria está correndo atrás de Felipe e ele solta umas gargalhadas que ecoam pela a casa toda. Mas, quando vê a mãe, ele corre e se joga em seus braços. Ela estava ajoelhada esperando.

— Oi, meu amor. – Ella diz e ele brinca com o cabelo dela, colocando os dedos entre os nós da trança. – Vamos descansar?

— Que criança linda. – ouço a voz de Luiza e me viro para a direção. – Vocês estão de parabéns!

Ela bate uma mão na outra em um aplauso. Vou em sua direção a puxando para a cozinha.

— O que você faz aqui? – pergunto, apertando seu pulso em um impulso de raiva.

— Vim conhecer seu filhinho. – ela diz puxando meu braço. – Você ia me esconder ele para sempre?

— Não, Luiza. – digo baixo para que ninguém ouça. – Eu só não quero que ele fique confuso, ou que isso irrite Ella.

— Claro que você não quer irritar a mãe dele. – outra vez ela coloca as mãos na cintura e me sinto desafiado. – Sempre isso, sempre pisando em ovos por causa dessa mulher, Nick, sempre será assim? Você sempre vai preferir a mulher que fugiu de você tantas vezes que você não pode nem contar? A mulher que lhe deixou no inferno que foi sua vida por um tempo?

Quando levanto minha cabeça, Ella está parada, sozinha, nos olhando.

— Desculpa. – Ella fala me olhando. – Eu já vou, apenas achei que você iria querer saber.

— Será que você pode dar um passo sem meu namorado? – Luiza afronta e Ella a olha com desdém. – Se você acha que golpe da barriga funciona aqui você está muito enganada.

— Cala a merda dessa boca, Luiza! – eu grito. – Eu estou saindo com Ella para botar Felipe para dormir, me faça um favor, simplesmente vá embora, não posso lidar com você agora.

— Mas, Nick... – Luiza diz com a voz chorosa. – Por essa aí?

Ella sai da cozinha antes que eu acompanhe, não respondo a provocação, apenas saio.

Consigo encontrá-la ainda no jardim e a acompanho. Felipe se joga para que eu possa pegá-lo. Vamos em silêncio e vejo-o se encostando.

— Está cansado, meu pequeno. – Ella diz, ajeitando os cabelos dele. – Deve ter aprontando muito.

— Sem dúvida! – digo, observando ele ficar mais confortável.

Ella não fala sobre o que acabou de acontecer na casa dos meus pais e eu agradeço. Não sei mais o que pensar sobre Luiza. Não depois do que aconteceu hoje. Chegamos à casa de Ella e vamos para seu quarto. Onde eu entro pela primeira vez.

Nicholas

Não era exatamente o que eu imaginei, mas era um lugar bacana. Olho para todas as fotos penduras em uma placa de metal e me aproximo para ver. Tem fotos dela com Vivian ainda crianças, na escola, numa festa de natal, Vinicius e Lucas. Todos, menos eu.

— Por que não estou em nenhuma dessas fotos? – pergunto baixinho para não acordar Lipe, que já estava dormindo.

— Muitas lembranças. – Ella diz, sorrindo meio sem jeito.

— Esperei um quarto rosa. – digo dando uma olhando em volta. Não tinha fotos do Felipe ou algo assim. – Precisa colocar fotos novas.

— Exato! – ela diz deitando em um tapete que estava estendido no chão e apoiando a cabeça em uma almofada. – Quer deitar aqui?

Deito— me junto a ela e nossas mãos se tocam. Não resisto e puxo sua mão para cima de mim, brincando com seus dedos.

— Eu nunca vim aqui, não é? – ela assente e observa nossas mãos unidas. – Era tipo meu objetivo, entrar em sua fortaleza. Ela ri e sai um pouco alto. — Você acha que teria sido muito diferente se você não tivesse ido embora? – ela me olha de soslaio, mas eu não a olho, desvio meu olhar para o teto branco. – Da primeira vez.

— Não sei... – ela diz, com os pensamentos distantes. – Você realmente ia me pedir em casamento?

— Sim. – digo, me lembrando do dia em que vim aqui.

— Um dia poderemos conversar sobre isso? – pergunta. Fui pego de surpresa. Esse assunto nos levaria à discursão.

— Um dia... – respondo, me lembrando daquele dia. – Podemos fechar os olhos um pouco?

— Se você quiser... – ela responde.

— Deite aqui em meu peito. – a arrasto para cima de mim e ela se aninha.

Parecia tão certo. Fecho os olhos pesados. Ainda era cedo, mas eu já me sentia cansado.

Sinto a pressão na minha barriga e vejo que Felipe está em pé e Ella segurando-o enquanto ele faz de mim uma cama elástica.

— Isso não parece justo. – digo olhando para ele, que me oferece um sorriso de cinco dentes.

— Papa, papa, papa. – ele diz e eu sorrio muito entusiasmado.

Eu adoro ouvi— lo dizer isso. Pego-o, levantando e fazendo dele um avião, passeando pelo quarto. Ele ri alto.

Ficamos brincando por um bom tempo, com os brinquedos de montar. Ella preparou um lanche e, pela primeira vez, eu o ajudei a comer. Mas sempre brincando. Era exatamente o que ele mais fazia. Aquilo parecia fácil. Acho que por ele ser uma criança tão calma. Não sei porque tantos pais reclamam tanto.

— Ele sempre foi calmo? – pergunto para Ella que arruma umas coisas dele.

— Na maioria das vezes, sim. – ela diz, sem se desviar das atividades. – No começo foi mais difícil, tanto para mim quanto para ele, mas passou rápido.

Recebo aquilo como uma informação para que eu possa conhecer mais ele. Não uso aquelas palavras para ficar com raiva ou algo assim. Depois de sujar toda minha roupa com uma papa de fruta e a dele também, Felipe corre até a mãe, que se vira para nos ver.

— Oh, meu Deus! Nick. – Ella diz colocando as mãos na cintura. – O que é isso?

—Dando comida? – digo, ficando em pé e analisando a cena. – Culpa dele.

— Vocês são terríveis juntos — caímos na risada e Lipe já sumiu do quarto, ouço Maria pedindo para ele não encostar nela.

— Não somos não. – digo me aproximando dela, a bagunça parecia pior da visão de quem ia limpar. – Se você reclamar eu vou te sujar também.

Mostro as mãos e ela coloca as suas na frente para me impedir.

— Não encoste, Nicholas. – tarde de mais, passo minhas mãos em seus cabelos bagunçando a trança. – Não faça isso, por favor. – ela diz entre risos e cara feia.

— Difícil levar você a sério com o cabelo cheio de comida. – digo, bagunçando mais ainda

— Porra, Nick! – Ella avança em cima de mim, tentando alcançar meus cabelos e eu a seguro pela cintura. – Me solte, eu vou me vingar de você.

— Não. – agora envolvo meus braços em volta dela fazendo ela se debater. – Eu não vou deixar.

Deixando meus braços menos apertados, ela fica em uma posição em que eu consigo encará-la. Ela vai diminuindo seu sorriso até que sua boca esteja fechada. E eu não consigo pensar, minha fraqueza me traiu mais uma vez e eu a beijei. Ela me beijou de volta. Seu beijo me acalma e me traz lembranças boas, apesar de todas as circunstâncias ruins que nos cercou por tanto tempo, eu consigo ver nosso passado se tornando cinzas e novas páginas em branco surgindo, pedindo para ser contada uma nova história.

Sinto um puxão na calça e me separo de Ella para ver o que era, Felipe estava com os braços levantados para eu pegá-lo.

Levanto— o no ar e olho para ela que me encare com um sorriso sem graça. Isso era novo para nós. Mas parecia mais do que certo.

— Vamos tomar um banho? – Ella diz e ele começa a balançar a cabeça negativamente, mas duvido que ele saiba o que isso significa. – Mas você está um porquinho, na verdade vocês dois estão porquinhos, acho que é a hora do banho para os dois.

Nós a abraçamos e ela fica dando gritos e ele rindo em um som alto.

— Posso dar banho nele? – pergunto e ela assente.

— Vamos. – ela diz, apontando para o banheiro que tinha em seu quarto. – Eu vou lhe ajudando.

Dar banho em Felipe também inclui tomar banho, porque ele faz a água se espalhar por todo o espaço a sua volta. Depois de dar banho nele e ele na gente, Ella me ensina como colocar a fralda, eu achei que seria fácil, mas, como ele não fica quieto, tive de fazer muitas coisas para chamar sua atenção enquanto terminava de colocar a roupa completa.

— Pronto, garoto. – digo, colocando-o em pé e ele tenta passar a escova do cabelo dele em meu rosto. – Você pode gastar a energia de uma pessoa, não é?

— Muito trabalho. – Ella diz colocando as coisas no lugar.

Ele se ajeita para descer da cama e sai andando. Observo suas passadas lentas e sorrio para mim mesmo.

— Ele é realmente fascinante. – digo, sem me tocar exatamente do que falei, ou apenas pensei em voz alta.

— Muito. – Ella diz, também observando a cena.

— Poderíamos jantar juntos hoje... – sugiro.

— Sim, podemos. – Ella diz, terminando de arrumar as coisas. – Você acha que Vivian vai ter ajuda quando sair do hospital?

Pego sua mão, puxando-a para sentar ao meu lado na cama.

— Não sei. – digo sendo sincero. – A mãe dela estava com uns problemas de saúde, não sei se será capaz de ajudar.

É que minha tia me ligou hoje querendo saber o dia que eu volto. – não entendo o que ela diz e espero— a explicar. – Se ela for precisar de ajuda vou ficar mais um pouco.

— Mas você pensa em voltar? – eu realmente achava que ela tinha vindo para ficar.

— Tenho meus compromissos, Nick. – Ella diz tranquila. – Tenho meus clientes e compromissos para honrar, eu vim em uma situação de crise.

— Você deveria considerar ficar. – digo de uma forma que ela não veja como um afrontamento.

— Jantaremos aqui mesmo? – Ella diz mudando de assunto, tento não deixar minha irritação aparente. – Se você quiser sair, posso pedir para meu pai ficar com Felipe.

— Seria uma boa um tempo para conversarmos. – digo, deixando explícito que ainda haverá conversa. – Vou ligar para minha mãe ver como está o restaurante e se pode arranjar uma mesa para nós.

Liguei para minha mãe, que ficou muito satisfeita em saber que iria jantar sozinho com Ella. Para minha mãe, isso significaria que as coisas poderiam melhorar, ela, mais do que ninguém, torceu por nós desde o início. Eu não quero pressionar Ella a nada, eu preciso persuadi-la a ficar, eu preciso fazer disso sua ideia.

— Vou em casa limpar essa bagunça. – digo, mostrando minha roupa. – Volto para te pegar.

— Ou, eu poderia te encontrar lá. – ela diz me acompanhando até a porta.

— Eu venho buscar você. – insisto. – Esteja pronta.

Antes de sair dou beijo em seu rosto. Minha nova missão era tê-la comigo outra vez.

Quando voltei para pegar Ella, Lipe já dormia. Ficamos mais tranquilos sabendo que ele não daria tanto trabalho ao Sr. Sergio e à Maria. A conversa no carro se resume a música que ouvíamos quando adolescentes e ela fala o quanto era patético ouvir algumas bandas, pensando hoje.

Eu concordei, afinal, já era patético naquela época também, mas sua ingenuidade não a deixava perceber.

Assuntos que nos trazem brigas são evitados.

O jantar também se seguiu perfeito, o restaurante que minha mãe tinha era uma mistura de sofisticação e aconchego, essas são as palavras que ela usa para descrever. Passei boa parte da minha vida aqui. Mas não desenvolvi habilidades culinárias.

— Está gostando do jantar? – pergunto para Ella, estamos relaxados.

— Perfeito. – ela responde, já finalizando. – Falando em passado... – ela fala como se tentasse lembrar de mais algumas coisas que fizemos juntos. – Era difícil ser a mais nova, toda aquela proteção de vocês, Vinicius era o mais chato.

Sorriso ao lembrar minhas conversas com Vinicius em relação à Ella.

— Ele não deixava ninguém encostar em mim. – ela bebe um pouco da bebida e volta a falar. – Era irritante, não que eu fosse ficar com alguém, mas era bom saber que tinha pessoas interessadas.

— Eu pressionava o Vinicius... – confesso e ela me olha assustada e incrédula. – Eu já paguei a ele em dinheiro para não deixar ninguém passar perto de você.

— Você é louco! – Ella joga o guardanapo em mim e gargalhamos discretamente.

— Eu era meio que obcecado por você. – falo o que realmente aconteceu na nossa adolescência toda. – Era difícil ver você crescendo e ficando linda e todos olhando e desejando você.

Sua expressão fica séria e eu acho que me deixei envolver pelo momento na confissão.

— Desculpa. – digo, antes que isso possa parecer um problema. – É o álcool, ignore tudo que eu disse.

— Tudo bem. – ela responde como se estivesse triste. – É bom saber, é bom saber que isso é mais antigo e profundo do que podemos explicar.

Minha mãe veio nos atender pessoalmente, interrompendo e eu agradeço.

— Boa noite, filho. – levanto-me e a abraço. – Gabi.

— A comida estava perfeita. – Ella agradece. – Às vezes, quando estou em casa eu fecho os olhos

e penso: o que será que Adriana irá fazer para o jantar?

— Mas você mora ao meu lado, apenas venho comer comigo, Gabi. — minha mãe fala e Ella a olha assustada.

— Eu quis dizer em minha atual casa. — Ella corrige e eu mentalizo para que minha mãe possa deixar isso para lá.

— Mãe, a comida estava realmente boa. — interrompo. — Mas já vamos, para caso o Felipe acorde.

— Sim. — minha mãe fala. — Vocês não me deram notícias de Vivi e Vinicius.

— Eles estão bem. — digo. — Hoje nos avisaram para não voltarmos à tarde, pois iam fazer uns exames para saber se já podem sair amanhã.

— Que ótima notícia! — minha mãe diz, antes de sair para a cozinha, tem sempre alguém esperando por ela.

Enrolamos mais um pouco sentados na mesa, até que olho na direção em que minha mãe saiu e a vejo conversando com Luiza. Ela tenta acalmá-la, mas ela gesticula muito, parece que está bêbeda.

Levanto-me e vou em direção as duas, já puto com a situação.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto me aproximando dela.

Colocando seus braços em volta do meu pescoço, ela tenta me beijar.

— Pare com essa porra aqui. — digo e ela me olha como se fosse natural.

— Nick, me perdoa, amor. — olho para minha mãe que me encara pedindo para dar um jeito nisso. — Vamos conversar, eu fiquei muito afetada pela a forma que descobri que você tinha um filho.

— Luiza, vá para casa, minha filha. — minha mãe diz, se aproximando. — Aqui tem muitas pessoas, fazer uma cena não seria digno de uma garota de família.

— Só se o Nick prometer conversar comigo. — Luiza diz me encarando e fazendo cara de cachorro abandonado.

— Hoje não, Luiza, vamos deixar para outra hora. — digo, perdendo toda a paciência.

— Nick, converse com ela, filho. — minha mãe intervêm.

— Não temos nada para conversar agora. — digo, me direcionando para minha mãe. — Só quero aproveitar um jantar com a Gabi, não é pedir demais.

— Eu vou gritar! — ela avisa e eu me espanto com tanta insanidade, Luiza nunca mostrou esse lado dela. — Se você não me explicar tudo, eu vou dar uma de louca e gritar dentro desse restaurante.

Minha mãe mostra mais desespero com a ameaça e eu procuro Ella na mesa. Mas está vazia. Seguro o braço de Luiza com força e saio a arrastando por dentro do restaurante.

Chegando lá fora, nenhum sinal de Ella e aquilo me apavora. Não era isso que eu tinha em mente para fazê-la ficar.

— O que você quer de mim, Luiza? — pergunto enquanto ligo para Ella.

— Eu queria poder ficar com você... — ela diz entre lágrimas silenciosas e eu a olho. — Mas eu nunca poderei competir com ela.

Ela parece derrotada.

— Luiza, eu não posso ficar com você. — digo sendo sincero e a ligação apenas chama. — Não será justo com você, eu penso em outra mulher desde a primeira vez que eu fiquei com você. Na verdade, desde que fiquei com qualquer outra.

— Não fale assim. — seu choro demonstra sofrimento. — Eu sei que você pensa nela, não foi à toa que várias vezes você me chamava pelo o nome dela na cama.

Aquilo parecia humilhante para ela, eu sou um infeliz.

— Eu preciso ficar com a mulher que amo. — minha voz vai diminuindo quando eu percebo que não é apenas por Felipe, ele é algo que criamos juntos. Mas foi algo do nosso amor. — Ela é a mãe do meu filho, eles são as únicas pessoas que eu quero quando volto para casa.

— Você nunca me olhou como você olha para ela. — Luiza continua a falar e eu apenas ouço. Ela estava mais tranquila. — Foi tudo tão rápido e confesso que não estava pronta para te perder.

— Luiza... — digo, indo em sua direção, mas ela coloca a mão, abrindo um espaço entre nós dois, me interrompendo;

— Nick, eu amo você. — diz, me olhando. — Eu amei você, mesmo sabendo que você amava outra mulher, mesmo vendo todas aquelas fotos em grupo que você tinha em seu apartamento nas quais parecia existir somente ela.

Respiro para falar, eu não quero que ela fique se martirizando assim, mas ela volta a levantar a mão.

— Espero que ela possa te amar de volta. — sinto-me desapontado, eu machuquei Luiza e essa nunca foi minha intenção. — Espero que ela possa perceber o quanto você a ama e o quanto você está disposto à tudo.

Quando ela abaixa a mão, eu a abraço, sabendo que é a última vez que farei isso.

Paramos um táxi e ela acena, já dentro do automóvel.

Eu continuo ligando, mas Ella não atende. Terei que ir atrás dela.

17.

Gabriela

Depois de me trocar acordo Maria para ela ir para a cama dela. Admiro um pouco meu filho antes de ver o tanto de ligação de Nick no meu celular. Eu prometi a mim mesmo não me deixar envolver de cabeça e coração claro nessa relação, mas parece missão fracassada. Resolvo mandar uma mensagem para saber se está tudo bem.

Eu: Algo errado?

Tudo que pergunto na primeira mensagem.

Nick: Eu que pergunto, onde você está?

Eu: Em casa, achei que você tinha que resolver seus problemas com sua namorada.

Nick: Nós terminamos hoje, posso ir até vocês?

Não evito um sorriso ao ler a mensagem.

Eu: Você acha boa ideia?

Nick: Sempre será uma boa ideia dormir com vocês.

Ele estava profissional nesse jogo de convencer.

Eu: Onde você está?

Nick: Na porta do seu quarto.

Antes de me levantar coloco Lipe para o lado que fica protegido pela a parede. Minha cama tem o tamanho de uma cama de casal normal, não seria tão confortável dormir os três quanto foi na casa dele.

Abro a porta e ele está encostado na parede de um jeito descontraído.

— Nunca mais saia sem me avisar – ele me puxa me beijando e eu deixo.

Eu deixo ele me beijar, eu jamais me cansaria dele e era esse meu maior problema. Mas ele para assim que ver Felipe deitado na cama.

— Ele dorme aqui com você? – Ele diz tirando a camisa e o sapato.

— Sim – digo olhando para ele e realmente desejando que meu filho não estivesse em minha cama agora – só temos berço em casa.

Ele me puxa para a cama e eu caio ao seu lado. Me apertando contra seu corpo ele me beija outra vez. E mesmo deitada minhas pernas tremem. Todos os fogos de artifícios que explodem dentro de mim, só me dizem quanto vou sofrer quando eu for embora.

— Mas beijar pode – ele diz separando um pouco e depois me puxando de volta.

Sinto sua mão me toca fazendo um caminho que parecia em chamas. Como era eletrizante essa sensação.

— Vamos dormir – digo sem folego, realmente estava muito difícil, ele ali sem camisa com todo aquele cheiro e confiança, meu vício absoluto – será melhor para nós dois.

— Só porque ele está aqui na cama – ele diz beijando minha clavícula – mas vamos comprar um berço para ele.

— Não exagere, Nick – digo e ele não se importa.

Deitamos de lado para que o espaço rendesse e ele me puxa para perto dele ainda beijando meu pescoço, era uma sensação maravilhosa e não deixo de me arrepender de ter ficado longe por tanto tempo e me odeio por ter que voltar. Depois de um tempo caímos no sono.

Dona Adriana fez questão de ficar com Felipe, Maria teve que voltar para a escola, eu já estava atrapalhando de mais. Eu e Nick fomos juntos para o hospital, Vivian tinha nos ligado já que ficamos de levar os dois para casa e “treinar” as duas babas que ficariam com eles nesse período inicial enquanto eles se recuperavam do acidente.

Vinicius está de cadeira de rodas por conta que quebrou a perna, seu joelho mal dobra.

Vivian ainda sente um dor forte na cabeça. O médico brigou por ela ter viajado sem autorização dele e com quase nove meses de gestação. Por sorte Isis nasceu saudável e ficou os dias que os pais estavam no hospital tendo tratamento especializado para ver se não tinha nenhuma complicação.

Quando chegamos na casa dela, Nick e Vinicius ficam pela a sala vendo TV. Mas eu acho que na verdade ele deveria estar trabalhando.

— Nick não tinha que está na agencia? – Pergunto enquanto ajudo Vivian sentar apoiada na pilha de travesseiros.

— Ele está de licença paternidade – Vivian diz em um tom de deboche – assim como eu e Vinicius.

— O Lucas está abandonado? – Pergunto e Vivian rir.

— Não – agora estou ajudando a colocar Isis para mamar – Lucas teve seus dias de licença, agora temos os nossos.

— Não parece justo – digo brincando de advogada dele, o Lucas sempre foi tão calmo e paciente – vocês três faziam o trabalho dele, agora ele faz o de vocês três.

— O que você entende, Gabi? – Ela responde e eu dou a língua em resposta.

Sento ao seu lado, depois que ela termina de amamentar Isis, a baba pega para colocar para arrotar. A mesma coisa que ela fazia comigo.

— Eu nunca agradeci por você ter estado lá comigo por toda a gestação e por todo esse ano – seguro sua mão e seus olhos enche de lagrimas – eu não sei que eu teria feito sem você.

Ela me puxa para a cama em um abraço.

— Eu sempre estarei lá por você, Gabi – ela me diz depois que nos separamos – você também faria e está fazendo tudo por mim. Você me pagou quando alimentou minha filha. Você fez o que eu não

podia fazer naquele momento, e isso me faz eu me sentir mais grata ainda.

— Era o que eu podia fazer – digo com soluços baixos – quando eu liguei e você não atendeu e a voz de Nick – digo já como se na verdade estivéssemos sufocando – eu pensei, aquela Vivian está me forçando a falar com ele, quando ele me disse que aconteceu eu fiquei louca.

— Desculpa por isso amiga – ela fala com sinceridade – fazer você vir para cá, assim, e ter que lidar com sua realidade sem aviso prévio.

— Foi bom – digo e foi mesmo assim me liberei de todo segredo – Nick reagiu melhor do que eu esperei, e ele está sendo melhor do que eu imaginei que seria.

— Ai Gabi – ela diz me repreendendo – não façam loucura, vocês tem um filho agora, tenham juízo.

O conselho veio atrasado.

— Amiga – digo me desculpando e ela balança a cabeça.

— Porra Gabi – ela diz me fuzilando com um olhar – ele tem namorada, que parece gostar muito dele, ela trabalha lá na agencia.

— Não foi planejado – me defendo – nós dormimos juntos três vezes.

Digo fazendo uma conta mentalmente de quantas vezes caímos no sono juntos.

— Três vezes? – ela fala assustada levantando a voz – você está louca? E o Lipe? Meu Deus Gabi.

Começo a sorrir e ela me dá um tapa no braço.

— Eu falei dormir – digo e ela faz cara de quem não está entendendo arqueando as sobrancelhas – você que entendeu errado. Deitamos e dormimos, os três juntos.

— Sério? – ela fala se derretendo, e com certeza imaginando a cena – quero muito ver Nick babando Lipe, apesar que esse é meu trabalho, cadê ele?

— Está com a avó – digo baixinho quando a baba coloca Isis no berço.

— Como eles reagiram? – o momento me vem a mente e eu juro que não esperei por isso.

— Estranhamente bem – digo e tenho certeza, nada do que aconteceu nesses dias foram remotamente parecido com o que pensei – esses dias foram maravilhosos, e eu vou sentir falta.

— Como assim Gabi? – Vivian me encara como se eu fosse uma lunática – você ainda pensa em ir embora?

— Eu tenho uma casa Vivi – digo me justificando – um trabalho, uma vida.

Nick e Vinicius entram no quarto e eu me calo. Vivian me olha com raiva e eu rezo para Nick não perceber. Eu ainda não sei como dizer isso para ele.

Trazendo Vinicius até berço eles encostam para admirar Isis dormindo.

— Tão tranquila – Vinicius diz em um tom de voz normal.

— Até você acorda-la – Vivian rebate, com raiva. Ela está claramente irritada – saiam daí, não me estressem.

Eu acabei de irritar a pessoa que eu achei que me apoiaria. Será uma batalha de um guerreiro só. Mas eu ainda não vou me render.

Os rapazes ignoram o fato da mãe coruja estressada ter ordenado que se afastassem da cria dela. Depois da rebeldia eles saem deixando claro que só vão voltar para a sala porque há coisas da agência para fazer e Lucas está vindo.

Ela espera até ter certeza que eles já não possam nos ouvir e começa.

— Gabriela – diz em um tom de ameaça – como em todas as decisões da sua vida eu estive lá, mesmo não apoiando algumas. Mas fugir pela terceira vez vai ser a maior burrice que você vai fazer.

Encaro sua boca, ela está falando baixo.

— Mas Vivi – tento responder.

— Não Gabi – ela diz mostrando a mão em um movimento para eu parar – apenas pare de se iludir. Agora que Nick perdoou você. Porque sim, ele deixou toda a merda que você fez com ele para trás, só provando que ele virou um homem, um cara digno de você. Eu não aguento mais ver você trata-lo, assim. De uma forma egoísta. Só pensando no que é bom para você.

Engulo todas as palavras, e aquilo vem como um tapa. Eu sempre quis saber o que ela pensava, e agora ela me disse sem ao menos ter pedido.

— Vivian – digo realmente afetada por todas as palavras – E se eu e o Nick não funcionarmos? E Felipe? Eu só quero que ele não seja afetado por isso. Eu e Nick só causamos dor um ao outro. Somente isso.

— Não fale isso Gabi – Vivian diz com um tom mais amigável – vocês descobrirão como funcionar, isso eu tenho certeza.

— E se não? – digo, meu lado pessimista grita em relação a Nick – Eu não quero machuca-lo ou acabar com algo que poderíamos construir só sendo amigos.

— Vocês nunca foram amigos – aquelas palavras me fazendo afundar dentro de mim mesmo, realmente, nós nunca fomos amigos.

Eu preciso pensar, mas ficar não é a solução.

Depois de voltar da casa de Vivian, Nick me deixou em casa e foi na agência ajudar Lucas que realmente estava atolado de trabalho. Isso me deixa um espaço para pensar. Eu fui pegar Felipe mas dona Adriana insistiu que ele ficasse lá mais um pouco e eu deixei, ele não parecia se incomodar, na verdade ele adorava ter alguém só para ele.

Resolvi logo organizar minhas coisas nas malas, eu não as desfiz para o trabalho ser menor, mas em compensação eu coloquei dentro do guarda roupa para evitar estresse.

Tomo um banho rápido e começo a separar as roupas. Ouço bater na porta que está aberta quando

me viro lá está minha irmã. Nesses últimos meses nos distanciamos um pouco, minha vida estava agitada.

— Oi Mari – digo me virando e a chamando, ela deixou os cabelos crescerem – não precisa bater.

— Posso te fazer uma pergunta? – a olho estranha e coloco as roupas em cima da cama e a puxo para sentar comigo.

— Claro – digo segurando sua mão.

— No último semestre me juntei a orquestra da escola – aquilo veio como uma surpresa, realmente não sabia – e minha primeira apresentação será daqui duas semanas, você vai ficar para ir?

Afundo em tristeza por não saber que algo tão grande estava acontecendo com ela.

— Mari – respiro para dizer que já vou embora.

— Tudo bem Gabi – ela diz com os olhos marejados – papai e tia Violeta vão, eu não preciso que você fique, só achei que deveria saber.

Ela se levanta bruscamente e solta minha mão.

— Eu posso ver – digo, mas ela não olha para trás, ela continua caminhando – Mari.

— Não Gabi – ela diz se virando – acho melhor você ir mesmo, eu não quero ser a pessoa que vai te manter aqui.

Fico sem entender.

— Mas Mari – digo indo atrás dela – estou dizendo que fico, só teria apreciado que você tivesse me dito antes, achei que nós contávamos tudo uma para outra.

— Isso não acontece há muito tempo – ela diz me encarando agora – muita coisa aconteceu e eu não te incomodei, e nem vou. Você sabia que nosso pai toma remédio porque está doente?

Agora fico sem chão. O que mais esses dois estão me escondendo?

— Como assim? – pergunto ainda sem entender porque ninguém me incluiu nisso.

— Você está tão focada em fugir que esqueceu sua família – eu estou perdida.

Porque minha irmã de treze anos já fala assim comigo? Ela sempre foi uma criança diferente, de gostos sofisticado para uma criança. Agora ter ouvir isso dela ainda era estranho.

— Eu não estou fugindo – digo me justificando, mas sim, eu estava fugindo de minha bagunça e virando as costas para a minha família que eu deveria cuidar.

— Chame como quiser Gabi – ela diz me olhando sem expressão – só não espere que a gente pare ou informe tudo que acontece nas nossas vidas.

Ela sai do meu quarto e eu fico parada encarando o corredor, ouço a porta do quarto dela bater. Agora estou mais sozinha que algumas horas atrás.

Nick me enviou uma mensagem dizendo que estava com Felipe. E eu avisei que iria conversar com meu pai depois eu iria busca— lo.

Depois de preparar a janta, vejo que meu pai chegou e também chamo maria para vir comer. Sentando só os três a mesa o jantar começa silencioso. Apenas com batidas dos garfos na porcelana dos pratos. Até que resolvo falar logo.

— O senhor está tomando remédio para que? – Digo encarando meu pai e ele olha para Maria – você realmente não ia me falar?

— Não queria você preocupada – ele diz como se não fosse grande coisa – é só a pressão alta, mas já estou fazendo acompanhamento e seguindo uma dieta.

— Você deveria ter me dito – digo um pouco irritada – pai não é justo, me esconder não vai fazer você melhor.

— Eu sei – ele diz sem me encarar – mas você está tão ocupada, não quero fazer você se preocupar mais, você tem Felipe.

— Sim pai – digo olhando para Maria – também seria bacana me avisar sobre a orquestra.

— Eu que pedi para não dizer nada – ela fala como se esfregasse em minha cara.

Aquilo era minha culpa. Eu me afastei, eles me deixaram de fora.

— Eu vou ficar Maria – digo segurando sua mão – não se preocupe.

— Não estou preocupa Gabi – ela diz em um sorriso que me parecia mais um deboche, sim minha irmã de doze anos sabe usar sarcasmo. – realmente não é grande coisa.

Meu pai me olha e desvia o olhar. Não sei bem o que vou fazer. Minha tia está cobrando data.

Depois da conversa, o silencio reina na mesa, Maria logo sai e vai para o quarto. Eu e meu pai começamos a tirar as coisas da mesa. Eu estou envergonhada.

Não consigo falar nada.

A campainha toca e meu pai vai atender. Ouço a voz do Nick e vou até a sala.

— Já dormiu? – Digo assim que chego na sala. Felipe estava em seu colo em um sono profundo.

— Pois é – ele diz se aproximando – mas ele jantou, acho que ele só acorda amanhã.

— Também desconfio disso – digo mostrando para o corredor onde ficava meu quarto.

Depois de colocar Lipe deitada Nick me olha como se esperasse que eu dizer algo.

— Obrigada por trazê-lo – digo e ele me olha estranho.

— Está tudo bem? – Fico sem entender a pergunta – você parece preocupada.

— Sim – depois de apanhar de palavras o dia todo não poderia estar diferente, mas oculte essa parte – como foi na agencia.

— Lotado – ele diz passando as mãos nos cabelos – amanhã tenho que chegar lá tão cedo que não sei se vou dormir.

— Será pior se você ficar acordado – digo com um meio sorriso e ele não rir.

— Eu não sei o que aconteceu – ele diz segurando minha cintura – mas nós poderíamos conversar se você quiser.

Olho para suas mãos em minha cintura e me volto para seus olhos.

— Eu ainda não quero conversar sobre isso – ele me puxa para seus braços e me abraça como se sua missão fosse quebrar meus ossos.

Fico ali encostada, me parece tão melhor do que sempre imagino. E eu me sinto muito mal em pensar que terei que partir.

— Eu preciso ficar sozinha hoje – digo em um sussurro.

— Eu entendo – ele diz me afastando e me dando um selinho rápido.

Depois apenas vira e sai. Um movimento estranho, mas tão habitual, ele vira as costas e eu vou embora.

Eu me odeio por tudo que passa em minha cabeça, mas eu não quero sofrer, não quero que Felipe sofra e muito menos o Nick. Não seremos uma família. Ou ainda não seremos.

Nicholas

Eu não voltei mais a perguntar quando Ella voltaria, deixei que ela me dissesse, mas ela não comentou mais nada. Apenas seguimos alguns rituais, jantávamos juntos todas as noites por conta do Felipe, mas não dormimos mais juntos. Parecia que aquilo poderia atrapalhá-la. Então, decidi dar um espaço para ela ver que aquilo era real, que eu não iria ficar com ela só para dormir com ela. Eu a queria porque sempre quis. Eu simplesmente tentava conquistá-la todos os dias.

Era exaustivo, tenho que confessar. Mas sempre que ia para lá eu via seus olhos ansiosos para saber o que eu trazia comigo. Ela ia à casa de Vivian todos os dias, a ajudava e depois voltava para casa, parecia prazeroso para as duas. Estavam mais unidas do que nunca.

Agora estamos aqui em meu apartamento, vendo os pinguins de Madagascar pela milionésima vez.

— Um café expresso por seus pensamentos. – digo e ela me olha estranha.

— Eca, Nick. – ela fala fazendo cara de nojo. – Café não.

Olho— a sem entender, porque não entendi mesmo.

— Você ama café, Ella. – me lembro de seu vício. – Tudo bem, uma pizza.

— Pode parar de falar em comida? – a essa altura do filme Lipe já dormia.

— Podemos. – respondo, me virando para ela – Vem cá.

A puxo para mim e a beijo. Ela resiste no começo, mas logo cede, continuo beijando e ela me empurra sem ar.

— Temos que nos arrumar para a apresentação da Maria. – puxo— a outra vez. – Nick, é sério.

Ela diz um pouco irritada. Solto— a e ela se levanta juntando as coisas de Lipe do chão. Ajudo— a, esperando uma explicação para a mudança repentina de humor, mas ela faz as coisas no automático.

Depois de arrumar a bagunça toda, ela se vira para mim.

— Nos encontramos lá? – vou até onde ela está e a puxo para mim, segurando em sua cintura.

— Ou podemos ir juntos, espere eu ficar pronto que te ajudo com o garotão ali.

Aponto para o sofá onde Felipe dorme e ela se solta das minhas mãos.

— Se você preferir... – fico sem entender a frieza que ela está demonstrando.

— Só vou me arrumar. – aponto para o quarto e saio.

Não vou insistir muito.

Essas três semanas foram de muita aprendizagem com o Felipe, que também já pedia água. E o “papa” dele já saía praticamente papai. Meus pais corriam para casa para ficar com ele, nós nunca estivemos mais unidos.

Ella quer me dizer algo e eu pressinto que não irei aprovar.

Quando chego à sala, Felipe já está acordado. Pula em mim e aponto para a porta, para seguirmos.

No caminho só se ouvia a música dos desenhos de Felipe que ele assistia em seu tablet. Eu senti vontade de puxar assunto, mas senti que iria me irritar se fizesse, então permaneci calado.

Como prometido, ajudei Ella a arrumar Felipe, depois que ela deu banho eu coloquei a roupa. Eu já estava habilidoso nessa parte. Já sabia distraí-lo para que ficasse quieto e eu pudesse terminar.

Depois de prontos, fomos para a sala para que Ella se arrumasse.

— Vocês brigaram? – Sr. Sergio me pergunta em um sussurro e eu levo alguns segundos para entender.

— Não que eu lembre. – respondo, ajudando Felipe a montar os carrinhos de lego.

— Ela está muito estranha. – eu achei que fosse somente comigo.

— Eu percebi. – digo.

— Ela já sabe se vai voltar? – Sergio pergunta mais baixo ainda.

— Nós não conversamos sobre isso, só tocamos nesse assunto uma vez. – ele está bem próximo para me ouvir. – Ela desconversou, não quero pressioná-la ainda.

— E não deveria. – assinto e Ella aparece no corredor saindo e entrando na sala.

— Vamos? – chama e nos levantamos.

Saímos em silêncio outra vez. A escola era no mesmo bairro que a casa dos nossos pais. Maria já estava lá se preparando. Ela toca vários instrumentos e não quis dizer o que iria tocar, alegando ser uma surpresa. Proibiu Sr. Sergio de dizer qualquer coisa.

Sentamos em nossos lugares e logo a apresentação começa.

— Precisamos conversar. – digo no ouvido de Ella.

Sem desviar o olhar do palco ela assente.

Logo Maria sobe e se prepara, portando um violino. Mas ela iria fazer um solo. Não havia mais ninguém no palco.

Apenas uma cadeira e a luz apontada para ela.

A sinfonia aguda que saía das cordas toma todo teatro e só ouvimos a música inebriante como uma coisa natural. Tão apaixonante que não deixo de observar Ella ao meu lado, que chorava em silêncio, assim como seu pai.

Depois que a apresentação acabou, aplaudimos de pé e só se ouvia gritos parabenizando— a por aquele feito. Era uma menina muito nova e com muito talento.

— Você sabia que ela tocava assim? – pergunto, por cima dos assovios da plateia.

— Não tinha noção. – Ella diz, ainda deixando as lágrimas escorrerem.

Depois, Maria voltou com a orquestra e tocaram várias músicas.

A apresentação durou o suficiente para ser agradável. Depois de terminar, fomos esperar Maria na área externa da escola.

— Foi incrível, filha! – Sr Sergio diz quando Maria aparece em nossa frente.

— Você tem talento, menina. – digo e a abraço.

— Obrigada, Nick. – ela me diz em retribuição.

— Você é perfeita. – Ella diz mostrando orgulho.

— Agora você pode voltar para sua casa sem sentir culpa. – Maria diz, se virando e saindo.

Olhamos para Ella e ela está com a cara assustada e, claramente, machucada com o comentário da irmã.

— O que foi isso? – pergunto depois que seu pai saiu atrás de Maria.

— Nada. – Ella diz saindo também.

— Quer dizer que você só ficou por causa de Maria? – pego Felipe do seu colo e ela me olha irritada.

— Eu fiquei por Vivian também. – ela responde alterando a voz.

Chegando onde está meu carro, seu pai já nos espera. Eu evito falar mais alguma coisa, não seria interessante trazer aquele assunto na frente de todos.

Voltamos em um silêncio que parecia que estávamos todos com raiva de nós mesmo.

Estacionando na porta da casa de Ella, Sr. Sergio leva Felipe para dentro, quando Ella abre a porta e eu a seguro.

Depois de me certificar que ambos já entraram, eu me viro para Ella.

— O que é isso, Ella? – pergunto e ela me olha confusa. – Isso que estamos fazendo.

— Não, Nick... – diz, se virando para abrir a porta e eu travo o carro. – Abra essa porta.

Ela diz em um tom de ameaça.

— Me diga por que Maria falou aquilo. – exijo, sabendo que a partir do momento que ela explicar tudo, isso virará uma confusão.

— Nick, hoje estou cansada. – seguro sua mão e ela puxa a dela devagar. – Nós não teremos essa conversa hoje.

— Por que não? – pergunto, tentando manter a calma. – Será que iremos conversar em algum momento ou você simplesmente vai virar as costas e ir embora?

— Me deixe sair, Nick. – ela fala com os olhos fechados. – Nós não teremos essa conversa. Isso foi um erro, voltar aqui foi um erro. Nós dois somos um erro.

Ela me olha e eu não sei o que responder depois de ouvir aquelas palavras, que doeram mais do

que o tapa que ela deu em minha cara.

Gabriela

Sabe aquela sensação que você é uma merda que só faz merda? Essa sou eu na vida. Acho que é a única sensação que conheço, afinal.

Eu voltaria e apagaria o que eu disse há dois segundos, mas eu não posso. Apenas lamentar em silêncio e manter a postura.

— O que você disse Gabriela? – Nick pergunta, incrédulo.

Eu já estou com a cabeça enfiada nas mãos, me segurando para não chorar.

— Não é assim. – digo e minha voz sai abafada, tentando retirar o que já foi dito.

— Nós somos um erro? – Ele repete a pergunta como se perguntasse a si mesmo. – Foi um erro você ter vindo aqui? Foi um erro dar um pai para seu filho? Porra Ella, eu sou muito idiota em achar que você ficaria por mim.

— Nick... – tento pedir para ele parar.

— Não! – ele grita. – Você me tratou, nos últimos dias, como se eu fosse nada, você pediu para ficar sozinha e eu deixei, porque achei que você precisava desse tempo, eu achei que você ficaria depois de tudo, depois de experimentar ter sua família junta.

As palavras vão fazendo um buraco em meu coração.

— Eu nunca fui o erro. – ele continua.

Eu não posso encará— lo. Ele nunca foi o erro, eu sou o erro.

— Espero que você possa compreender porque vou voltar. – digo e ele não me olha. – Eu só vejo motivos para ir embora. – seus olhos continuam fixos nas casas distantes. – Não me odeie Nick, você pode vir nos visitar quando quiser, nossa casa sempre estará aberta para você.

— Eu não quero visitar meu filho em uma cidade distante. – ele diz enfurecido. – Eu quero vê— lo todos os dias.

— Nick... – estou perdida, minha cabeça gira tão rápido, como se eu estivesse no olho de um furacão. – Temos que resolver isso.

Ficamos em silêncio e eu me sinto um lixo de ser humano.

— Se você entrar naquele avião outra vez – diz lentamente – se você for embora outra vez, esqueça meu perdão, eu irei esquecer sua existência. Você não possui mais motivos para ir embora, eu estou disposto a esquecer de tudo, inclusive essa conversa infeliz e nos dar uma chance de verdade.

— Boa noite, Nick – digo.

Pego minha bolsa e ele destrava o carro e eu vou saindo.

— Minha passagem está comprada para depois de amanhã. – continuo. – Se você quiser passar o

dia com Lipe, é só avisar.

Ele não me responde, ou desvia o foco. Se mantem concentrado. Eu apenas saio e bato a porta. Ele sai logo em seguida, antes que eu possa dizer qualquer coisa.

Sinto as lágrimas banharem meu rosto e eu soluço.

Soluços que saem muito profundos.

Entro em casa e meu pai me abraça.

— Filha. – ele diz com sua voz calma. – É preciso isso mesmo?

— É sim. – digo.

Me solto dele e vou para o quarto, colocar Felipe para dormir.

Eu estou muito cansada, mais cansada que o normal. Acho que vou à farmácia.

Maria fica no quarto com Felipe caso ele acorde, eu pego o carro do meu pai e sigo para a farmácia mais próxima. Eu preciso de um antiácido também, a falta de energia estava me deixando irritada.

Vou até um posto de gasolina que fica no caminho entre minha casa e a farmácia.

Chegando à farmácia, fiquei tentada a comprar um teste de gravidez, mas não poderia fazê-lo em casa, então parei aqui nesse lugar não tão higiênico e fiz o teste. Estou menos tensa do que estava quando o fiz há dois anos, mas, mesmo assim, meu coração parece parar.

Aquelas linhas, aquelas benditas linhas que iam definir minha vida, outra vez.

Deus, quando pedi um sinal para ficar eu me referia a algo como atrasar o avião, não minha menstruação.

Dou um sorriso encarando a palitinho. Eu estou bem com isso. Tento me convencer. Eu ficarei bem, nós ficaremos bem.

Nós quatro... Só preciso convencer Nick de que ainda é uma boa ideia ficar comigo. Por que eu sou tão burra?

Eu preciso dizer a ele que eu o amo, mesmo depois de hoje, depois daquele ultimato.

Eu não quero decidir, eu não quero minha profissão, eu quero ele.

E eu farei qualquer coisa para que ele me perdoe.

Eu, simplesmente, não posso perder o amor da minha vida. Malditos hormônios!

Nicholas

Fui um grande filho da mãe, isso tenho que confessar.

Eu, no lugar dela, também me sentiria inseguro. Mas, durante essas três semanas, eu tentei provar para Ella que eu estaria lá sempre que ela precisasse, mas não foi o suficiente. Eu sabia que não era possível tirar a dor de anos de dentro de uma pessoa em apenas algumas semanas. Mas eu dei meu melhor.

Eu estava tão acostumado a tê-los comigo que fiquei com raiva quando Ella disse que viajaria amanhã.

Passei a noite acordado, pensando o que eu poderia fazer para fazê-la ficar.

Eu vou tentar fazer diferente dessa vez. Dessa vez eu vou usar as palavras certas e fazer as coisas certas, como não fiz da outra vez.

Espanto— me ao ver um SMS de Ella em meu celular.

Ella: *Preciso te ver, como se minha vida dependesse disso.*

Eu: *Estou em casa, pode vir.*

Ella: *Estou chegando.*

A campainha toca e vou abrir, mas, diferente do que eu esperava, lá estava Luiza com uma pilha de papel nas mãos.

— Isso é o que dá quando abandona a empresa em que trabalha. – Luiza diz, entrando e jogando os papéis no balcão.

— Eu não abandonei. – rebato a crítica desnecessária. – Apenas não fui hoje.

— Como estão? – ela abre as pastas, me mostrando os contratos que tenho que assinar.

— Estamos bem. – digo, assinando o último contrato. – E você?

— Só puxando conversa. – ela diz depois de recolher tudo.

Quando abro a porta para ela sair, Ella já estava lá, parada.

Abre espaço para que Luiza passe, olha— me estranho, entra em meu apartamento e solta:

— Rápido na substituição, não acha? – não digo nada que possa desviar o foco da verdadeira conversa.

Puxando um banco ela se senta.

— Cadê Felipe? – pergunto, me sentando do outro lado. – Achei que fosse trazê-lo.

— Não... – Ella parece nervosa. – O que eu quero falar é sobre nós, é sobre o que falei ontem, eu dormi pensando e acordei pensando. Quero que você me perdoe.

Eu a olho e ela se aproxima de mim, diminuindo a distância entre nós dois.

— Ella... – não era o que eu esperava que ela dissesse. – Por que isso? Por que agora?

— Cansei. Eu sei que a notícia que vem depois disso vai parecer que foi forçado tudo que estou falando aqui, mas não, foi o motivo mais real que eu tive para ficar. Se nós daremos certo? Não sei! Mas a única certeza é que eu amo você, eu, apenas, sempre amei você. Nicholas, você me estragou para qualquer outra pessoa, ninguém além de você será bom o suficiente para mim.

— Posso falar? – pergunto meio ansioso, eu queria ter falado primeiro, porque tenho uma surpresa para ela. – Então, você não vai embora?

E não foi isso que eu planejei.

— Nick... – ela diz me interrompendo.

— Sem “Nick”. – ficando em pé em sua frente, seguro suas mãos. – Eu preciso de vocês, eu preciso de vocês todos os dias. Eu quero minha casa bagunçada, cheia de brinquedos, quero não poder ver TV porque a pessoa mais importante do mundo vai estar lá assistindo aqueles pinguins chatos, eu preciso de você. Eu preciso amar você, eu preciso continuar a amar você.

Vou até o quarto e pego uma caixa cheia de papéis, que passei a noite escrevendo. Ela me olha estranho, como se aquilo não parecesse normal.

— Tudo que eu sempre quis dizer para você está aqui. – mostro a caixa cheia de recortes de papel. – Apenas me dê uma chance, a chance que você nunca me deu, eu farei valer a pena, apenas me deixe cuidar de vocês. E me perdoe por não ter falado antes, mas eu te amo Ella, como nunca amei ninguém em minha vida, eu te amo desde que te vi pela primeira vez, eu estava tentando sufocar qualquer coisa que sentia por você, mas é impossível.

Não fazia sentido nada que saia da minha boca, não mesmo.

— Me deixe continuar, Nick. – Ella pede e um sorriso tímido aparece em seus lábios.

— Ainda não! – digo, mostrando a caixa para ela pegar um bilhete. – Leia em voz alta.

— Você aceita se casar comigo? – ela lê como se não entendesse e pega outro. – Você aceita se casar comigo?

Ela me olha mais confusa ainda, pois pegou o terceiro papel e tinha a mesma coisa escrita.

— Tem aproximadamente dois mil papéis escrito a mesma coisa. – seus olhos brilham e eu sorrio mais aliviado por ver que ela não está com raiva. – Um pedido para cada dia que eu quis te dizer isso.

— Por que, Nick? – Ella pergunta com um sorriso nervoso. – Você não está fazendo isso só porque temos um filho, não é?

— Jamais! – me ajoelhando, mostro a aliança que eu já havia comprado. – Por favor Gabriela, me responda.

Ela se ajoelha em minha frente pega a caixinha, fecha e coloca em cima do balcão. Fico sem entender e já respiro com dificuldade, eu achei que seria mais fácil.

— Não sei se posso casar com você. – por que ela diz isso com um sorriso estampado no rosto? –

Porque sempre que durmo com você algo acontece.

Agora não sei do que ela está falando.

— Tipo? – pergunto, eu estou confuso.

Ela puxa uma caixa e me entrega. Olho para o que tem dentro e não acredito no que estou vendo, não era real.

— Puta merda! – o xingamento sai sem querer e eu não sei bem como reagir. – Se continuarmos assim, teremos um time de futsal tão rápido que poderemos competir nas próximas olimpíadas.

— Idiota. – ela ri, me abraçando. – Eu não sei por onde começar.

— Então nós vamos começar pelo começo. – sugiro. – Logo depois que você aceitar casar comigo, nós iremos casar e comprar um pacote de camisinha, apesar de que, acho que agora, não adianta mais.

Sorriso aliviado, aquilo parecia melhor do que eu planejei.

— Sim, Nick. – ela me interrompe. – Eu caso com você.

— É quase a única opção. – brinco, abraçando-a. – Acho que você não iria ser mãe solteira para sempre.

Ela se levanta fazendo cara feia. E eu a abraço.

— Obrigado por ser mãe dos meus filhos. – ela sorri emocionada. – E obrigado por existir.

A envolvo em meus braços e a beijo. Aquele beijo que me fazia acreditar que fui um idiota por não ter ido atrás antes, que todos esses anos não vão voltar. Que quem mais perdeu nessa equação fui eu. Não apenas em estar com eles, mas em ter estado com outras mulheres.

Eu a deixei conhecer outra pessoa. Eu deixei que ela seguisse em frente. Mas agora não, ela ficará comigo, ela prometeu.

— Amo você, Ella. – digo, olhando em seus olhos.

— Também te amo, Nicholas. – ela me responde em um sussurro.

Gabriela

Eu arrumei tudo para me mudar para a casa de Nick, na verdade, ele explicou que aquele apartamento foi comprado para nós dois, nós organizamos um quarto para Felipe, estava lindo, mas ainda estávamos pensando para onde iríamos nos mudar para acomodar a próxima cria também.

Minha tia mandou minhas coisas que estavam em minha antiga casa, que já seriam entregues lá na nova casa.

Arrumando meu quarto, encontrei uma caixa de sapato cheia de fotos das quais eu não me lembrava da existência, limpo a poeira e abro a caixa.

Dentro, tem fotos com aparência muito antiga, o que parecia minha mãe, meu pai, Adriana, Paulo e mais alguns que não reconheço.

Era a turma deles.

Como Eu, Vivian, Vinicius, Lucas e Nick. E me pego pensando como vai ser estar velho.

Acabo bagunçando mais ainda e dentro da caixa está uma foto de Paulo e minha Mãe.

E, atrás da foto, um envelope. Abro e está escrito com a letra da minha mãe:

Se você encontrou isso, certeza que algum ruim aconteceu.

Eu não estou pedindo para você me perdoar ou algo assim, isso não vai adiantar.

Eu, hoje, percebi que algo estava errado. Percebi que privei você de ficar com alguém que ama de verdade só por capricho meu.

Você deve estar confusa, filha. Eu já estive assim.

Não foi por acaso que você encontrou essa foto e essa carta juntos. Tem um porquê.

Você deve ter reconhecido que não é seu pai nessa foto, se você olhar bem, verá que é Paulo, pai do Nick.

Isso foi pessoal por muito tempo, mas como estou te dizendo, não importa mais, eu não estou aí.

Eu e o Paulo tivemos um “casinho”, vamos chamar assim. Antes da Adriana, mas foi ela dar mole para ele me esquecer e colocar um anel no dedo dela.

Não parece justo. Ele não me pediu perdão depois de ter roubado minha virgindade.

Quer dizer que ela merecia mais que eu? Ou ele apenas quis me usar?

Difícil saber, não é?

E minha vergonha em dizer para meu futuro marido que não era mais virgem.

Isso me levou para o fundo do poço da vergonha.

Mas seu pai foi tão gentil, eu contei para ele que havia conhecido alguém antes, que tinha

acontecido e depois ele entrou para o exército.

Eu odeio mentiras. Mas espero que esse possa ser nosso segredo.

Você já deve querer saber o motivo da minha confissão. Então vamos lá.

Nicholas veio até a mim pedir para casar com você e eu disse não.

Esse “não”, foi por mim, não por você.

Eu não queria que você fosse usada como eu fui, homens tendem a ser iguais seus pais.

Mas acabei punindo você também. Perdoe-me, minha filha, e espero que ainda dê tempo.

Apesar de você estar noiva de outra pessoa que tenho certeza que não ama.

Eu fui uma péssima mãe por guardar esse rancor comigo.

Mas não suportaria que você não soubesse a verdade de tudo.

Espero que tenha conserto e que você possa me entender.

Eu te amo, filha. Por mais que eu não demonstre.

De sua mãe.

Para Ella, com amor.

A sensação de choque me deixa paralisada. Era muita coisa para processar. Então, o que Nick falou sobre minha mãe negar porque quis é verdade, ela recusou o pedido antes que ele fosse feito para mim.

Vejo Nick parado em minha frente, usando uma bermuda jeans e uma camisa regata preta.

— Algo errado, querida? – guardo a caixa e coloco a carta no bolso.

— Não. – digo, disfarçando, Nick jamais saberá disso, isso pode mudar a forma que ele vê o pai e, como minha mãe não está mais aqui, nada disso adianta. – Acho que estou com fome.

— E quando você não está? – Vivian e Nick dizem em um coral ensaiado.

— Muito sem graça vocês. – debocho, pedindo ajuda para levantar.

Ela tentou impedir o inevitável, Nick passou longe de se parecer com o pai dele nessa situação. Minha mãe achava que estava punindo os pais dele, mas, na verdade, ela apenas nos puniu.

Não evito ficar com uma pontinha de raiva. Mas, como ela mesma disse, não há mais tempo, ela não está aqui, os anos já se passaram.

Olho para trás e lá está um espelho. E a imagem mais estranha aparece nele: eu, com um vestido solto para não me incomodar com o calor que sinto por conta dos hormônios. Nick segurando Felipe de frente para Vivian, que segura Isis nos braços. E Vinicius, que ainda está de muleta.

Hoje são meus pais com fotos antigas, amanhã seremos nós.

Eu odeio os motivos que me fizeram voltar aqui, mas os motivos que me fizeram ficar superam qualquer coisa.

Foi por aquela imagem que eu voltei. Meus amigos e os amores da minha vida.

Eu errei, errei, errei e mesmo assim fui perdoada. Então isso faz ficar mais fácil ignorar tudo que aquela carta revelou. Não há mais porque brigar, estamos juntos, estamos perfeitamente juntos.

— Vamos, amor. — Nick chama, me tirando da frente do espelho. — Você precisa descansar.

— Só vou fazer uma coisa. — digo e ele sorri assentindo. — E ei, Nick, eu amo você!

Ele me dá um selinho e sai.

Decido queimar a carta, para que ninguém saiba disso.

Tudo ficou bem afinal.

Quando chego ao jardim, vejo Felipe correndo atrás do pai e Vivian ao lado de Vinicius, balançando Isis, ao mesmo tempo em que Lucas chega com Leticia e Luiz.

Eu estava feliz.

Tudo em apenas uma imagem.

O FIM

Agradecimentos

Um livro não se constrói sozinho.

Primeiro eu agradeço a Deus, por ter sido capaz de contar essa história.

Segundo ao meu futuro marido e minha mãe, por ter sido tão compreensível quando eu precisei escrever o dia todo quando os personagens não me deixavam em paz.

E terceiro, a ordem de nomes não altera o resultado, vamos lá: Yan, Ruth Arnaldo, Brenna, Deise, Elen, Maria, Joselita, Sara, Vanessa, Bruna e Renata Varela. Alguns são amigos virtuais, mas a distância não importou quando eu mandava capítulo e vocês liam com tanto carinho, opiniões que foram combustíveis para percorrer até o final. Minha gratidão vai em linha reta pela estrada do infinito, obrigada meus amigos.

E agradeço a você leitor, por ter dedicado seu tempo ler minha obra.